UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – USP
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS – FFLCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

LUCAS WERLANG GIRARDI

AS TRAMAS DO PASSO HONROSO:

Uma análise comparativa entre as narrativas do evento do Passo Honroso de Suero de
Quiñones

VERSÃO CORRIGIDA

São Paulo

2018

LUCAS WERLANG GIRARDI

AS TRAMAS DO PASSO HONROSO:

Uma análise comparativa entre as narrativas do evento do Passo Honroso de Suero de
Quiñones

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
História Social, da Universidade de São Paulo (USP), como
requisito para a obtenção do grau de Mestre em História
Social.

Orientador: Prof. Dr. Flavio de Campos

VERSÃO CORRIGIDA

São Paulo/SP

2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

G521t Girardi, Lucas Werlang
As Tramas do Passo Honroso: Uma análise comparativa entre as narrativas do evento do Passo Honroso de Suero de Quiñones / Lucas Werlang Girardi ; orientador Flavio de Campos. - São Paulo, 2018. 168 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de História. Área de concentração: História Social.

1. Passo Honroso. 2. paleografia. 3. manuscritos. 4. gênero textual. I. Campos, Flavio de, orient. II. Título.

LUCAS WERLANG GIRARDI

AS TRAMAS DO PASSO HONROSO:

Uma análise comparativa entre as narrativas do evento do Passo Honroso de Suero de
Quiñones

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social, da Universidade de São Paulo (USP), como requisito para a obtenção do grau de Mestre em História Social.

Banca Examinadora

Orientador:

Prof. Dr. Flavio de Campos
Universidade de São Paulo – USP

Membros:

Profa. Dra. Maria Cristina Correia Leandro Pereira
Universidade de São Paulo - USP

Prof. Dr. Marcus Vinicius de Abreu Baccega
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Profa. Dra. Yone de Carvalho
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP

São Paulo, setembro de 2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao professor e orientador Flavio de Campos, por aceitar meu projeto e acreditar na pesquisa, por me apresentar as novidades teóricas e bibliográficas, orientando-me de forma precisa e confiando em minhas escolhas.

Ao professor Eduardo Henrik Aubert e à professora Maria Cristina Correia Leandro Pereira, que participaram da qualificação e trouxeram questionamentos valiosos para a continuidade da escrita. Da mesma forma, agradeço à professora Maria Cristina por retornar à banca de defesa, incluindo aqui a professora Yone de Carvalho e o professor Marcus Baccega, que aceitaram participar desta etapa final.

Aos funcionários e funcionárias da Universidade de São Paulo e da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, evidenciando aqueles e aquelas que trabalham nos bandejões e nas bibliotecas. Agradeço aos funcionários e funcionárias das bibliotecas da Espanha, por sua gentileza e paciência. Estendo o agradecimento ao Thiago, do Serviço de Pós-Graduação da FFLCH, pela atenção nas resoluções finais deste processo.

Agradeço a todo o pessoal do Ludens, fazendo menção especial ao Willian, cuja eficiência e solicitude foram essenciais para resolver questões técnicas e burocráticas, assim como para minha melhor comunicação com a instituição enquanto estive longe.

Estendo também aos colegas que fiz durante meu tempo presente na FFLCH. Tive a oportunidade de conhecer e trocar algumas ideias com pesquisadoras do LATHIMM, como a Mariana e Muriel, com as quais espero manter contato. Companheiro de orientador e disciplinas, também tive o prazer de conhecer o Bruno, com o qual criei grande afinidade e que sempre que pôde me deu suporte em São Paulo, ainda espero que criemos mais ocasiões para bares e saídas.

Voltando ao início do processo de mestrado, agradeço à professora Claudia Mortari, que me auxiliou na construção do primeiro projeto, instigando e trazendo reflexões à pesquisa, então incipiente. Também agradeço à professora Aline Dias da Silveira, medievalista na qual me inspiro desde o início de meus estudos, que reservou uma parcela de seu tempo para ouvir e discutir sobre o trabalho.

Ao professor Noel Fallows, sempre disponível e atencioso, com o qual pude compartilhar descobertas e informações acerca dos estudos sobre os manuscritos do Passo Honroso. Seu auxílio foi essencial para esta pesquisa, permitindo maior acesso e melhor análise das fontes com as quais trabalhei.

Agradeço aos amigos de Florianópolis, colegas de formação e profissão, muito numerosos para citá-los integralmente, mas destaco aqueles cujas jornadas se deram concomitantemente à minha, Fábio e Livia, entramos todos juntos no mestrado e agora pretendo concluir minha parte em nosso ciclo. Simultaneamente ou não, desejo o melhor para suas caminhadas.

Ainda que distanciados por nossos rumos, estão sempre presentes comigo meus amigos Diego e Júlia. Agradeço por suas companhias, ainda que, atualmente, em formato digital. Suas amizades são únicas, e ainda que passe o tempo sem que nos vejamos, sinto-me aconchegado quando de nossos encontros.

Aos recém-chegados amigos de Simonésia, que me receberam muito bem em sua cidade, me apoiando nesta minha nova empreitada e dividindo sua experiência no campo da educação, aspectos que facilitam minha adaptação e descomplicam a divisão entre a escrita da dissertação e o magistério.

Aos meus pais, Luiz Tadeu e Maria Alice, e minha irmã, Mariana, agradeço pelo suporte e amor incondicional, sou uma pessoa privilegiada por ter toda a estrutura que sempre me proporcionaram. Agradeço à perpétua dedicação e pelo esforço em buscar e me orientar para o que sempre consideraram o melhor para meu futuro.

Carolina, minha companheira desde o início deste processo, como não transformar este agradecimento em declaração de amor? Já construímos tanto até aqui, mas me estimula ainda mais tudo aquilo que pretendemos alcançar, tanto por dividir os caminhos e incertezas, quanto por chegar às realizações de fato. Não se pode dissociar a escrita deste trabalho de nossa trajetória. Agradeço tua presença e teu apoio para todas as horas, as numerosas leituras, conversas, sugestões e críticas francas, que sempre buscaram o melhor da pesquisa. Agradeço tua paciência, por acolher minhas insistentes inseguranças, por ouvi-las tantas vezes e me apoiar para superá-las. Admiro-te por tuas qualidades e me inspiro pela dedicação que tens em todos os aspectos da vida.

RESUMO

GIRARDI, Lucas W. AS TRAMAS DO PASSO HONROSO: Uma análise comparativa entre as narrativas do evento do Passo Honroso de Suero de Quiñones. 2018. 168 f. Dissertação de Mestrado – Universidade de São Paulo/USP, São Paulo, Brasil, 2018.

Esta pesquisa busca estabelecer a análise de diversas fontes produzidas entre os séculos XV e XVI, em território ibérico, ligadas a um evento denominado “Passo Honroso de Suero de Quiñones”. Dentro desta variedade de fontes, há uma narrativa detalhada do que ocorreu neste evento, que apesar de variações entre os textos, obedece a uma mesma linha mestra, um enredo. Assim, levanta-se o questionamento sobre qual a relação entre a constelação documental selecionada, de recorte temporal aproximado, e tratando de uma mesma narrativa, ainda que possam apresentar variações entre si. O trabalho percorrerá por apreciações individuais das fontes, assim como da comparação entre as mesmas, investigando suas características físicas de forma técnica, codicológica e paleográfica, e compreendendo suas composições, como os escribas participantes, suas interações entre os fólhos, as lacunas e disposição dos conteúdos. Serão averiguadas relações de aproximação e distanciamento entre as fontes, dadas suas proximidades de produção e conteúdo. A análise comparativa será realizada através da colação das transcrições dos textos, e através de sistematizações em tabelas será abordada a construção da narrativa do evento a partir das variantes entre as versões do texto e as particularidades de cada escriba ao transmitir o conteúdo. Outra temática a ser questionada identifica-se como o gênero textual da narrativa do Passo Honroso, uma vez que seu enredo apresenta características diversas, abrangendo uma escrita supostamente historiográfica, por seu formato e intenção de legitimação, além de sua afinidade com a literatura, aspectos que devem abarcar discussões sobre as noções de história e verdade para os sujeitos do período.

Palavras-chave: Passo Honroso; paleografia; manuscritos; gênero textual.

ABSTRACT

GIRARDI, Lucas W. **THE PLOTS OF THE PASSO HONROSO:** A comparative analysis between the narratives of the event of the Passo Honroso de Suero de Quiñones. 2018. 168 f. Master's Dissertation – University of São Paulo/USP, São Paulo, Brasil, 2018.

This research seeks to establish the analysis of several sources produced between the fifteenth and sixteenth centuries, linked to an event denominated "Passo Honroso de Suero de Quiñones". Within this variety of sources, there is a detailed narrative of what occurred in this event, which despite variations between texts, they follow the same guideline, a plot. Thus, the question about the relationship between the selected documentary constellation, with an approximate time of production, and the same narrative, is raised, even though they may present variations from one another. The work will be based on an individual and comparative appreciation of these sources, investigating their physical characteristics in a technical, codicological and paleographic manner, and understanding their compositions, such as the participating scribes, their interactions among the folios, the gaps and the arrangement of contents. Relationships of approximation and distancing between the sources will be ascertained, given their proximity of production and content. The comparative analysis will be done through the collation of the transcriptions of the texts, and through systematizations in tables, will be approached the construction of the narrative of the event through the variants between the versions of the text and the particularities of each scribe when transmitting the content. Another theme to be questioned is the textual genre of the narrative of the Passo Honroso, since its plot presents diverse characteristics, covering a supposedly historiographical writing, its format and intention of legitimation, as well as its affinity with literature, aspects which should encompass discussions on the notions of history and truth for the people who lived in the period.

Keywords: Passo Honroso; palaeography; manuscripts; literary genres.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Organograma das mãos do RBME f.II.19	28
Imagem 2: Numeração riscada (abaixo) e nova (acima), fólio 93r.	28
Imagem 3: Retificação do texto com emendas na palavra, evitando rasura.....	29
Imagem 4: Mão 1 do RBME f.II.19, fólio 27v.....	31
Imagem 5: Mão 2 do RBME f.II.19, fólio 102v.....	32
Imagem 6: Três ocorrências, em um mesmo fólio, de correções por escriba posterior, modificando o “V” por “B”, fólio 65v..	36
Imagem 7: Três ocorrências, em um mesmo fólio, de correções por escriba posterior, modificando o “V” por “B”, fólio 65v..	36
Imagem 8: Três ocorrências, em um mesmo fólio, de correções por escriba posterior, modificando o “V” por “B”, fólio 65v..	36
Imagem 9: RAH 9/2013, fólio 81r.....	37
Imagem 10: Exemplo de ornamentação simples realizada pelo primeiro escriba no manuscrito BMP M-104.....	39
Imagem 11: Mão 1 do BMP M-104, fólio 10v.....	41
Imagem 12: Mão 2 do BMP M-104, fólio 137v.....	42
Imagem 13: Exemplo de separação de capítulos no BNE R/1197, capítulo 62 no detalhe, fólio 108r.....	44
Imagem 14: O impresso BNE R/1197, fólhos 44v e 45r.....	45
Imagem 15: Exemplos de abreviação e contração encontradas no primeiro escriba do BNE RES/27, fólhos 64ra e 64va, respectivamente	48
Imagem 16: Exemplos de abreviação e contração encontradas no primeiro escriba do BNE RES/27, fólhos 64ra e 64va, respectivamente	48
Imagem 17: Exemplos de contrações encontradas no segundo escriba do BNE RES/27, fólhos 65ra e 67ra, respectivamente	48
Imagem 18: Exemplos de contrações encontradas no segundo escriba do BNE RES/27, fólhos 65ra e 67ra, respectivamente	48
Imagem 19: Mão 1 que escreve o conteúdo do Passo Honroso no BNE RES/27, fólhos 63vb e 64r.....	50
Imagem 20: Mão 2 que escreve o conteúdo do Passo Honroso no BNE RES/27, fólhos 66v e 67r.....	51
Imagem 21: Exemplos de contrações encontradas no BNE Mss 7811, fólhos CCXVIIIv e CCXXIr, respectivamente	54
Imagem 22: Exemplos de contrações encontradas no BNE Mss 7811, fólhos CCXVIIIv e CCXXIr, respectivamente	54
Imagem 23: Símbolos utilizados nas margens do BNE Mss 7811 para adição de trechos no texto, fólio CCXXIIIv.....	54

Imagem 24: Símbolos utilizados nas margens do BNE Mss 7811 para adição de trechos no texto, fólio CCXXIIIv.	54
Imagem 25: BNE Mss 7811, fólios CCXXIV e CCXXIIr.	55
Imagem 26: Decoração simples encontradas ao lado dos títulos do BNE Mss 18444, fólio CLXVr.	58
Imagem 27: Decoração simples encontradas ao lado dos títulos do BNE Mss 18444, fólio CLXVr.	58
Imagem 28: BNE Mss 18444, fólios CLXVv e CLXVIr	59
Imagem 29: Numeração riscada em fólio da M2, f131r	71
Imagem 30: Inscrições no fólio 65r	73
Imagem 31: Inscrições no fólio 77r	73
Imagem 32: Numeração do fólio 89	73
Imagem 33: Reorganização dos fólios do RBME f.II.19	74
Imagem 34: Fólio 82v	75
Imagem 35: Fólio 88v	75
Imagem 36: Variações na escrita da M2, fólio 143v	78
Imagem 37: Variações na escrita da M2, fólio 158v	78
Imagem 38: Detalhe das linhas 7, 8 e 9 do fólio 143v	79
Imagem 39: Detalhe das duas linhas finais do fólio 143v	79
Imagem 40: Distinções na grafia dos numerais romanos no fólio XXXII.	80
Imagem 41: Distinções na grafia dos numerais romanos no fólio XXXIII	80
Imagem 42: Índice de justadores no fólio XXXVIIIr	81
Imagem 43: Marcações nas margens do Cadira de honor: “Theologia”, fólio IIIv	81
Imagem 44: Marcações nas margens do Cadira de honor: “Moral”, fólio IIIr	81
Imagem 45: Marcações nas margens do Cadira de honor: “Política”, fólio VIv	81
Imagem 46: Adição marginal ao texto, fólio XXVIIIr	82
Imagem 47: Escrita nas margens pela mão do texto base: contagem de lanças rompidas no fólio 100r.	82
Imagem 48: Escrita da mão que adiciona: a adição no fólio 102r	82
Imagem 49: Informações genealógicas acerca de um nobre, fólio 85r	83
Imagem 50: Marcações da aparição de um nobre, fólio 48r	83
Imagem 51: O cavaleiro “Gonçalo de Liori” no índice, fólio XXXVIIv	83
Imagem 52: Indicações de lacunas no manuscrito RAH 9/213, fólio 40v	85
Imagem 53: Indicações de lacunas no manuscrito RAH 9/213, fólio 58v	85
Imagem 54: Indicações de lacunas no manuscrito RAH 9/213, fólio 66v	85
Imagem 55: Indicações de lacunas no manuscrito RAH 9/213, fólio 88v	85

Imagem 56: Instante da troca de mãos no fim do fólio 61r do BMP M-104.....	86
Imagem 57: Xilogravura de brasão de armas na capa do “Libro del Passo Honroso”	90
Imagem 58: Brasões de armas das famílias Lara e Manrique	91
Imagem 59: Equivalência de textos dos manuscritos do Grupo 1	94
Imagem 60: Espaço preenchido por mão distinta ao do escriba do RAH 9/213, fólio 147r ..	110
Imagem 61: Letra da primeira e segunda mão do BNE RES/27, fólio 65va.....	124
Imagem 62: Letra da primeira e segunda mão do BNE RES/27, fólio 65va.....	124
Imagem 63: “sant yago”, como escrito nas cartas dos castelhanos, fólio CCXXr	126
Imagem 64: “sant yago”, como escrito nas cartas dos castelhanos, fólio CCXXv	126
Imagem 65: “sent jaume”, como escrito nas cartas dos catalães, fólio CCXXIr	126
Imagem 66: “sent jaume”, como escrito nas cartas dos catalães, fólio CCXXIr	126
Imagem 67: “Santiago”, como escrito nas cartas dos castelhanos, fólio 165r	129
Imagem 68: “Santiago”, como escrito nas cartas dos castelhanos, fólio 167r	129
Imagem 69: “sent Jaume”, como escrito nas cartas dos catalães, fólio 166r	129
Imagem 70: “sent Jaume”, como escrito nas cartas dos catalães, fólio 167r	129

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Composição de textos do RBME f.II.19	27
Tabela 2: Composição de textos do RAH 9/213	34
Tabela 3: Cartas presentes no BNE RES/27	47
Tabela 4: Cartas presentes BNE Mss 7811	53
Tabela 5: Cartas presentes BNE Mss 18444	57
Tabela 6: Das narrativas.....	67-68
Tabela 7: Correlação da numeração atual e anterior (riscada) nos fólhos da M2 do RBME f.II.19.....	72
Tabela 8: Correspondência de fólhos do RBME f.II.19 (M2), RAH 9/213 e BMP M-104	87
Tabela 9: Separação dos manuscritos do Grupo 1 em Relatos A e B	94
Tabela 10: Reescrita criativa de Juan de Pineda	98
Tabela 11: Dos comentários de Juan de Pineda no BNE R/1197	99
Tabela 12: Seleção dos trechos adicionais e ausentes no manuscrito RBME f.II.19, os trechos ausentes foram complementados pela versão do RAH 9/213	102
Tabela 13: Seleção dos trechos adicionais e ausentes no manuscrito RAH 9/213, os trechos ausentes foram complementados pela versão do RBME f.II.19	102-103
Tabela 14: Seleção dos trechos adicionais e ausentes no manuscrito BMP M-104, os trechos ausentes foram complementados pela versão do RBME f.II.19	103-104
Tabela 15: Colação de informações encontradas nos manuscritos	105-106
Tabela 16: Exemplos das margens dos manuscritos do Grupo 1	108
Tabela 17: Espaços em branco do RBME f.II.19 e trechos correspondentes nos demais manuscritos	109
Tabela 18: Espaços em branco do BMP M-104	109
Tabela 19: Espaços em branco do BMP M-104	110
Tabela 20: Espaços em branco do BMP M-104	110
Tabela 21: Comentários ou trechos reescritos no R/1197.....	112-113
Tabela 22: Colação de conteúdos díspares entre o BNE R/1197 e os manuscritos (RBME f.II.19)	113-115
Tabela 23: Das coletâneas de cartas.....	120
Tabela 24: Trocas entre os irmãos Falba, Suero de Quiñones e Lope de Estuñiga	127
Tabela 25: Cartas e correspondências por fonte	130
Tabela 26: Ordem das correspondências dos catalães como encontrada nas fontes.....	133
Tabela 27: Articulação da narrativa do BNE R/1197 com as correspondências dos catalães	134
Tabela 28: Ordem cronológica das correspondências com os catalães.....	135

LISTA DE FICHAS TÉCNICAS

Ficha Técnica 1: RBME f.II.19	26-27
Ficha Técnica 2: RAH 9/213	33
Ficha Técnica 3: BMP M-104	38
Ficha Técnica 4: BNE R/1197	43
Ficha Técnica 5: BNE RES/27	46
Ficha Técnica 6: BNE Mss 7811	52
Ficha Técnica 7: BNE Mss 18444	56

LISTA DE ABREVIACÕES

BETA – Bibliografía Española de Textos Antiguos

BITECA – Bibliografía de Textos Catalans Antics

BMP – Biblioteca de Menéndez Pelayo

BNE – Biblioteca Nacional de España

RAH – Real Academia de la Historia

RBME – Real Biblioteca del Monasterio de San Lorenzo de El Escorial

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO 1 – ASPECTOS TÉCNICOS DO CORPO DOCUMENTAL	24
1.1 CODICOLOGIA E PALEOGRAFIA.....	24
1.1.1 RBME f.II.19	26
1.1.2 RAH 9/213	33
1.1.3 BMP M-104	38
1.1.4 BNE R/1197	43
1.1.5 BNE RES/27	46
1.1.6 BNE Mss 7811	52
1.1.7 BNE Mss 18444	56
1.2 HISTORIOGRAFIA E EDIÇÕES	60
1.2.1 EDIÇÕES CRÍTICAS.....	60
1.2.2 HISTORIOGRAFIA	62
CAPÍTULO 2 – APRECIÇÃO DE UMA CONSTELAÇÃO DOCUMENTAL: ANÁLISE E COMPARAÇÕES DAS VERSÕES NARRATIVAS DO PASSO HONROSO.....	67
2.1 RBME f.II.19	68
2.2 RAH 9/213.....	80
2.3 BMP M-104.....	86
2.4 BNE R/1197	88
2.5 ANÁLISE COMPARATIVA DAS FONTES DO GRUPO 1	93
2.5.1 Relato A	95
2.5.2 Relato B.....	101
CAPÍTULO 3 – APRECIÇÃO DE UMA CONSTELAÇÃO DOCUMENTAL: ANÁLISE E COMPARAÇÕES DAS COLETÂNEAS DE CARTAS	120
3.1 BNE RES/27	122
3.2 BNE Mss 7811	125
3.3 BNE Mss 18444	128
3.4 ANÁLISE COMPARATIVA DAS FONTES DO GRUPO 1 E 2.....	130
3.4.1 Carta para Juan II e Capítulos do Passo Honroso	131
3.4.2 Correspondências com catalães.....	132
3.4.3 Correspondências com irmãos Fabla	138

CAPÍTULO 4 – CONSIDERAÇÕES SOBRE GÊNERO TEXTUAL, AUTORIA E VERDADE HISTÓRICA NO TEXTO DO PASSO HONROSO.....	140
CONSIDERAÇÕES FINAIS	154
REFERÊNCIAS	157
ANEXOS	161

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa visa analisar as relações entre produções textuais que tratam da narrativa de um mesmo evento, cuja elaboração difere quanto ao tempo e a escrita. Desta forma, a linha mestra deste estudo pretende seguir pelas tramas que enredam a construção da narrativa do evento conhecido como “Passo Honroso de Suero de Quiñones” através de suas versões, com a intenção de compreender aspectos que envolvem suas produções, desde aspectos técnicos de escrita e formatação do texto, passando por análises e comparações, até discussões teóricas acerca da autoria e do gênero das obras.

O interesse para o desenvolvimento do trabalho surgiu a partir da localização de várias fontes que tratam de um mesmo acontecimento, o Passo Honroso, que variam sua produção entre os séculos XV a XVIII, bem como, da singularidade destes registros: primeiramente, devido à quantidade numerosa de versões, as quais serão tratadas individualmente na dissertação; e também pelo caráter particular de registro, o que implica em problematizar questões sobre seu gênero textual, e sua concepção de historiografia e verdade, temáticas que serão aprofundadas ao longo da escrita. Além disso, a partir da pesquisa bibliográfica, notou-se da ausência de estudos dedicados especificamente à análise destas fontes, sendo possível observar o uso do evento do Passo Honroso e uma parcela de suas fontes apenas como exemplificação sumária ou confirmação de determinadas hipóteses de pesquisa. Partindo dessas questões, justifica-se a relevância em desenvolver esta análise de forma aprofundada de cada registro, aos quais se atribui a categoria de “versões” do Passo Honroso, a fim de estabelecer relações de aproximação e distanciamento entre as mesmas, como uma forma de compreender melhor esta constelação documental, buscando perceber sua multiplicidade.

O início das atividades do “Passo Honroso de Suero de Quiñones” ocorreu no décimo dia do mês de julho do ano santo jubileu de 1434, aos arredores da ponte sobre o rio de Órbigo, localizada em Leão e passagem obrigatória para aqueles que pretendiam peregrinar à Santiago de Compostela. Este evento teria sido descrito de forma detalhada por escrivães com olhares atentos e presentes em todos os acontecimentos dignos de registro, destacando um nome que reivindica a obra, Pero Rodríguez de Lena. O enredo desta obra trata não só deste início do evento em meados de 1434, mas também recupera acontecimentos desde o primeiro dia de janeiro deste ano. O relato aborda do pleito do nobre cavaleiro leonês, Suero de Quiñones, ao monarca castelhano do período, Juan II, requerendo permissão para que pudesse

realizar um passo de armas¹, juntamente com outros nove companheiros, na localidade dantes mencionada em Leão. A motivação apresentada pelo cavaleiro para elaborar esta empreitada estaria ligada à prisão de Suero pelo amor de uma dama, e com a realização deste passo de armas, ele conquistaria sua liberdade. As condições para que o Passo Honroso fosse bem sucedido consideravam que o cavaleiro leonês deveria lograr o rompimento de trezentas lanças por meio da prática da justa equestre², em um período determinado de trinta dias. Com o apoio de outros nove cavaleiros de linhagem, este objetivo seria alcançado através de embates sucessivos com outros cavaleiros que passassem pelos arredores do evento. Isto significava que Suero de Quiñones e seus companheiros empreenderiam a “defesa do Passo Honroso”, e denominados defensores, em oposição a eles, os cavaleiros com os quais travariam os embates seriam intitulados de conquistadores, ou aventureiros.

A data escolhida para a realização do Passo Honroso tinha caráter simbólico, isto porque o dia 25 de julho marca o dia do apóstolo Santiago de Compostela, e uma vez que o ano se tratava de um jubileu compostelano, havia a concessão de indulgências aos peregrinos para Santiago de Compostela. Não só como forma de homenagem, estas datas foram escolhidas, pois, para romper as trezentas lanças propostas, Suero de Quiñones deveria angariar muitos cavaleiros para competir consigo, e a localização escolhida para o Passo Honroso, além de estar em território leonês, era passagem obrigatória para aqueles que seguiam o “Caminho Francês”, rota mais comum entre os peregrinos que viajavam por terra.

Com o registro do pleito, que teria ocorrido no primeiro dia do ano de 1434, e a sequente permissão do rei, o enredo progride para longas descrições acerca da montagem da estrutura do local em que ocorreria o evento, estimado para abrigar um grande número de nobres de linhagem, com banquetes e refeições diárias, concedendo abrigo e equipamentos para todos os que comparecessem ao ofício das armas. Após esta sequência da montagem, a obra passa a datar os eventos de forma regular, isto é, desde a abertura do Passo Honroso, no dia dez de julho, até seu encerramento no nono dia de agosto, quando, efetivamente, a narrativa chega ao seu fim. Nestes trinta dias, o relato dá conta dos embates entre os cavaleiros defensores e aventureiros, com a descrição de cada justa de forma detalhada, informando como sucedeu cada uma das cargas, as lanças que foram rompidas e em que peças

¹ Os passos de armas eram eventos ligados ao universo das novelas de cavalaria, como coloca o historiador Miguel Ángel Ladero Quesada (2004), tendo surgido no século XIV. Consistiam em um cavaleiro que se comprometia a “defender” uma localidade de trânsito obrigatório mediante combates singulares com os cavaleiros passantes, até ser vencido ou concluir um prazo e condições definidas (p. 130).

² As justas equestres se tratavam de combates singulares entre homem a homem, como afirma a pesquisadora Rosana de Andrés Díaz (1986), e se tratavam de desmontar o rival ou romper a lança no mesmo, através de um choque violento provocado pelo correr dos cavalos em direções opostas (pp. 95-96).

da armadura atingiram, sem contar as ocasiões em que são retratadas as roupas utilizadas, os gestos e os diálogos efetuados. Ainda que estes embates constituam o propósito do registro, a descrição toma conta de outros aspectos do evento, relatando uma variedade de interações entre os cavaleiros presentes, entre discursos de honra, demandas, e hostilidades diversas, ainda que limitadas às convenções de cortesia da nobreza. Revolvendo na figura de Suero de Quiñones, o relato apresenta, então, uma abundante mostra das relações entre a nobreza do período, e mesmo com o evento no qual participavam.

O evento de Suero de Quiñones trouxe um total de 69 cavaleiros para fazer justas, provindos tanto do próprio reino de Castela e dos demais reinos cristãos Ibéricos, como também mais distantes, incluindo localidades como a Bretanha, Alemanha e Itália. Apesar de seus esforços durarem os trinta dias esperados, as trezentas lanças não foram rompidas, fato que não impediu que os dois juízes nomeados dessem sua promessa por cumprida, e Suero liberado de sua prisão. Seu palco se deu numa estrutura que exigiu recursos e mão-de-obra, e apesar do campo para as justas não exigir complexidade, foram necessários suportes para o público espectador, tendas para abrigar os cavaleiros estrangeiros, e armações onde seriam feitas as refeições e banquetes com música e dança. O evento ainda contou com mais do que a companhia de Suero de Quiñones, seus adversários e os juízes, pois participaram de sua elaboração: médicos, músicos, arautos, reis de armas, artistas, escrivães e notários, entre outros agentes que foram pouco registrados, esquecidos ou ignorados.

É necessário evidenciar que o propósito da pesquisa, ao estabelecer a colação e comparação dos textos e aspectos físicos dos manuscritos, não se pretende uma edição crítica, e ainda que busque traçar novidades entre cada versão, apontando a construção da narrativa do Passo Honroso, não serão consideradas pequenas variações textuais, como letras ou palavras, concentrando-se na busca por variações com adições ou ausências significativas entre os textos. Para referirem-se às fontes, os termos selecionados variam entre “narrativas” e “versões”, quando se busca tratar da multiplicidade de textos que tratam de assuntos equivalentes, ainda que contenham variações. Quando da menção do Passo Honroso como relato, com uma linha mestra de início, desenvolvimento e final, que não são modificados pelas variantes presentes nas fontes, pode-se trata-lo pelo termo “relato”, “enredo” ou mesmo “narrativa” no singular.

Partindo destas questões, e visando aprofundar os estudos sobre os registros do Passo Honroso, foram selecionadas sete de onze fontes encontradas, uma vez que se optou trabalhar

com as produções identificadas para os séculos XV e XVI³. Todas foram encontradas mediante a pesquisa em catálogos de bibliotecas espanholas e o acesso às bibliografias BETA (Bibliografía Española de Textos Antiguos) e BITECA (Bibliografía de Textos Catalans Antics)⁴, sendo elas:

- O manuscrito f.II.19, da Real Biblioteca del Monasterio de San Lorenzo de El Escorial (RBME)⁵;
- O manuscrito 9/213 da Real Academia de la Historia (RAH)⁶;
- O manuscrito M-104 da Biblioteca de Menéndez Pelayo (BMP)⁷;
- O impresso R/1197 da Biblioteca Nacional de España (BNE)⁸;
- Os manuscritos RES/27⁹, Mss 7811¹⁰, Mss 18444¹¹, da BNE.

Entre estas fontes citadas, evidencia-se que todas aquelas pertencentes à BNE e à RAH estão disponíveis publicamente em formato digital em seus respectivos bancos de dados. Por outro lado, os manuscritos da RBME e da BMP só podem ser acessados pessoalmente ou através da contratação de serviço de microfilmagem ou digitalização. Ademais, cabe refletir acerca do trabalho com manuscritos por via digital, o que abarca a própria concepção do trabalho com fontes europeias em continente americano, no qual se perde o manejo físico com os documentos, cuja própria materialidade é importante para a compreensão dos mesmos. Entretanto, o formato digital também possibilita um trabalho com ferramentas que dinamizam o manuseio da fonte, que ignoram limitações encontradas no contato físico, como as que se referem à conservação. Ainda, a popularização em nível mundial através da divulgação de fontes nos bancos digitais é essencial para a formação de historiadores de áreas cujo cerne é o continente europeu.

Para a abordagem dos manuscritos em seu aspecto técnico, como a codicologia e paleografia, utilizou-se dos manuais de Albert Derolez, “The Palaeography of Gothic

³ Os outros quatro documentos localizados pertencem ao século XVII, e são: o Mss 7809, Mss 746, Mss 7012 e Mss 1599, da BNE. Adicionalmente, há uma edição do erudito José Miguel Flores, que insere o “Libro del Passo Honroso”, versão do impresso BNE R/1197, como apêndice à sua organização da “Crónica de D. Álvaro de Luna”, de 1784. A edição de Flores para o Passo Honroso, datada de 1783, traz um prólogo introdutório e denomina-se “segunda edición.” na capa, e, portanto, trata-se de uma versão do impresso mencionado.

⁴ Ambas bibliografias BETA e BITECA fazem parte do PhiloBiblon, uma base de dados bio-bibliográficos de textos nos diversos dialetos da Península Ibérica da Idade Média.

⁵ Ver: BETA manid 3057

⁶ Ver: BETA manid 2117

⁷ Ver: BETA manid 3058

⁸ Ver: BETA manid 5716

⁹ Ver: BETA manid 2736

¹⁰ Ver: BITECA manid 1565

¹¹ Ver: BITECA manid 1179

Manuscript Books From the Twelfth to the Early Sixteenth Century” (2003), Bernhard Bischoff, “Latin Palaeography Antiquity and the Middle Ages” (1989), e Raymond Clemens e Timothy Graham, “Introduction to Manuscript Studies” (2007). Para a leitura paleográfica referente ao espaço ibérico, utilizou-se do trabalho de Jesús Muñoz y Rivero, “Manual de Paleografía Diplomática Española, de los siglos XII al XVII” (1889), além de Ana Regina Berwanger e João Eurípedes Franklin Leal, “Noções de Paleografia e de Diplomática” (2008). A transcrição de todas as fontes manuscritas obedeceu alguns parâmetros, definidos a partir da obra mencionada de Raymond Clemens e Timothy Graham (2007), e dos encontrados em Michel Garcia, em “Les Remontrances au Roi (1413). D’après une version castillane contemporaine” (1998), importantes para a padronização e sistematização do conteúdo, como será constatado nas citações das fontes. Os parâmetros foram definidos da seguinte forma: os fólios foram indicados ao fim de cada citação, ao lado da identificação do manuscrito; a pontuação foi respeitada, havendo correspondente moderno; as abreviações foram preenchidas, e as letras adicionadas aparecem entre parênteses; letras sobrescritas foram escritas normalmente, no corpo do texto; letras maiúsculas ou minúsculas aparecem tal qual o texto original; separações foram normalizadas em sua forma moderna; a ortografia foi mantida; o hífen é utilizado quando do fim de uma linha ou fólio, interrompendo uma palavra, aparecendo na primeira parte da mesma; comentários acerca do manuscrito ou letras prováveis estão entre colchetes; foi utilizado “...” quando do desconhecimento da letra ou palavra; quando da adição entre linhas, inseriu-se o conteúdo entre os símbolos “/” e “\”; quando da incerteza de determinada palavra ou trecho, o mesmo foi disposto entre dois sinais de obelisco “†”; utilizaram-se o “|” e “||”, o primeiro quando do fim de uma linha e o segundo quando do fim do fólio.

Percebe-se que a existência profusa de manuscritos estabelece relação com o contexto espanhol no século de ouro, como colocado por Fernando Jesús Bouza Álvarez (2016), no qual diferentemente da percepção de que após a invenção da imprensa no ocidente os manuscritos teriam perdido espaço, há uma reprodução contínua de conteúdo através da escrita manual. A circulação manuscrita teria, inclusive, competido com a tipografia, através de diversas formas, conteúdos e significados, e não apenas nas mãos de bibliófilos.

Consequência da produção manuscrita, a transmissão textual será entendida a partir das considerações de Paul Zumthor (1993), Jaume Aurell (2013), da historiadora Andreia C. L. Frazão (2015), e seguindo com as observações sobre cultura escrita e história da leitura de Roger Chartier (2012), e do mesmo com Guglielmo Cavallo (2004). Compreende-se que,

parte do estatuto da transmissão textual através de manuscritos, ocorre a produção de variantes textuais, uma vez que estes não seriam reproduzidos de forma idêntica, como ocorreria (em termos) com a imprensa (CAVALLO; CHARTIER, 2004, p. 45). A transmissão de textos manuscritos determina que não se possa concebê-los como fechados, como explica Jaume Aurell (2013), uma vez que aqueles que intervinham nas transcrições dos textos intervinham na sua própria elaboração (p. 108). Com isto, não se pode afirmar que um texto “é resultado direto da ação de um autor”, como coloca a historiadora Andreia C. L. Frazão (2015), uma vez que vários aspectos contribuem para sua formação (p. 141).

A fim de analisar o Passo Honroso por seu gênero textual, deve-se lançar mão da teoria do crítico literário Hans Robert Jauss (1994; 2005), concebendo o gênero como um sistema fluido e passível de alargamento de seus horizontes. Observando o Passo Honroso desta maneira, é possível notar sua aproximação entre duas esferas supostamente distintas, a da ficção e da realidade, uma vez que a narrativa possui nuances de literatura. Esta relação é abordada por Martín de Riquer (2008), que aponta uma série de obras do período com esta mesma característica, isto porque, as literaturas de cavalaria refletiriam uma autêntica realidade social, em que os cavaleiros reais influenciavam a escrita das novelas (p. 14), o que também pode se adequar para o sentido inverso, em que cavaleiros reais seriam influenciados por suas leituras (p. 207). Para melhor compreender as concepções da escrita de gêneros literários e historiográficos, serão utilizados autores como Guy Bourdê e Hervé Martin (1983), Gabrielle Spiegel (1997), Sophia Menache (2006) e o já mencionado Jaume Aurell (2013).

Para desenvolver esta problemática, a pesquisa se dividirá em quatro capítulos:

No capítulo 1, de nome “Aspectos técnicos do corpo documental”, as fontes selecionadas serão descritas por suas características técnicas, isto é, cada volume será detalhado por sua codicologia e os textos serão analisados paleograficamente, fazendo uso de imagens, tabelas e fichas técnicas, visando a organização do material estudado e a melhor compreensão por parte do(a) leitor(a). Cada fonte será analisada separadamente, em subtítulos, que serão ordenados respectivamente por uma ficha técnica, as análises codicológica e paleográfica, e uma imagem exemplificando um ou mais fólios do volume, com as letras dos escribas apresentados. Ao fim do capítulo, será traçada uma revisão bibliográfica, além de elencar as edições contemporâneas dos textos do Passo Honroso.

No capítulo 2, de nome “Apreciação de uma constelação documental: análise e comparações das versões narrativas do Passo Honroso” serão analisadas as fontes ligadas ao que se denominará Grupo 1, tratando-se da diversidade das versões da narrativa do Passo

Honroso. Serão estabelecidas apreciações individuais para cada fonte, acerca da distribuição e organização de seus conteúdos entre os fólhos, a participação e envolvimento entre os escribas presentes, as lacunas e descontinuidades da narrativa. Ainda, será realizada uma colação dos textos, a partir de suas transcrições, buscando ressaltar as variantes textuais, sejam novidades ou ausências de conteúdo, e, conseqüentemente, constatar a construção da narrativa do evento através das versões. Os resultados serão sistematizados e tipificados na forma de tabelas, a fim de expor o material de forma mais visível e organizada.

O capítulo 3, de nome “Apreciação de uma constelação documental: análise e comparações das coletâneas de cartas” percorrerá o mesmo procedimento do capítulo 2, desta vez tratando do que se estabelecerá como Grupo 2, que são as coletâneas de cartas com relação ao Passo Honroso. Novamente, serão analisadas de forma individual para, em seguida, uma comparação entre os textos dos grupos 1 e 2, desde que possuam as cartas em questão.

O capítulo 4, de nome “Considerações sobre gênero textual, autoria e verdade histórica no texto do Passo Honroso”, abordará questões acerca do gênero textual do Passo Honroso, visando o aprofundamento teórico em tópicos como: a perspectiva de história para os sujeitos na Idade Média; a escrita do gênero historiográfico em relação aos gêneros fictícios; as formas de legitimação pretendidas pelos escribas; bem como a fluidez da categoria de gênero, estabelecendo conexões com o relato do Passo Honroso, investigando trechos em que o mesmo assemelha-se a estes pontos levantados. Outras análises buscam a denominação que o texto outorga a si mesmo, os autores que supostamente participaram da escritura do relato, e para que público a obra seria destinada.

CAPÍTULO 1 – ASPECTOS TÉCNICOS DO CORPO DOCUMENTAL

Apresentados os principais pontos do enredo do Passo Honroso de Suero de Quiñones e as fontes nas quais o mesmo se desenvolve, o objetivo deste capítulo é estabelecer um detalhamento técnico dos manuscritos e impresso mencionados. Em um primeiro momento, será tratado da codicologia dos mesmos, abordando características físicas, composição e organização de seus fólhos, voltando-se, em seguida, para um exercício paleográfico, com a descrição das mãos presentes em cada um dos textos. A fim de tornar a leitura mais fluida, serão produzidas fichas técnicas para expor os principais elementos codicológicos de cada fonte, seguidas de apreciação e comentários. Em um segundo momento do capítulo, será feita uma lista de edições críticas do Passo Honroso de Suero de Quiñones, verificando quais usos e estudos seus autores fizeram sobre as mesmas e suas preferências ao produzir a edição. Neste sentido, também serão traçadas as preferências de parte da historiografia em relação às fontes e edições disponíveis, e, ainda, como a mesma abordou e analisou o Passo Honroso de Suero de Quiñones em seus trabalhos.

1.1 – CODICOLOGIA E PALEOGRAFIA

Uma vez que este trabalho consiste na descrição e análise de uma ampla quantidade de fontes, considera-se que a produção de uma ficha técnica com informações mais pontuais sobre cada uma será preferível a uma descrição exaustiva, inteiramente dissertativa. Após a apresentação da ficha técnica, a descrição codicológica e uma abordagem paleográfica das mãos presentes em cada texto, será apresentada a reprodução de um ou mais fólhos do manuscrito em questão.

A ficha foi elaborada para expor características pertinentes sobre os códices analisados, mas dado que, em algumas situações, os textos do Passo Honroso de Suero de Quiñones estão organizados em conjunto com outros escritos, a tabela foi seccionada para especificar detalhes que concernem apenas àqueles que têm prioridade nesta pesquisa. As informações que integram a lista na primeira seção são: a forma de reprodução em que se obteve acesso ao volume (microfilmagem ou digitalização); o título do códice, como aparece no catálogo da biblioteca; sua localização atual, ou, a qual biblioteca pertence; a datação aproximada, levando em consideração análises paleográficas ou outras indicações em meio às fontes; a proveniência do manuscrito ou impresso antes de entrar no acervo de sua atual biblioteca; os conteúdos que compõem a organização atual do códice; o suporte material; o

número de fólhos totais; a organização dos fólhos, atentando para adições ou modificações posteriores; o número aproximado de mãos que aparecem na totalidade dos manuscritos. Na segunda seção da tabela, concernente especificamente ao texto do Passo Honroso em cada códice, estão: o título do texto (quando houver) como apresentado no manuscrito ou impresso; o número de fólhos que contém o Passo Honroso, especificando entre parênteses em que fólhos os textos se encontram; o número de mãos identificadas; o número de linhas e possíveis variações; as divisões encontradas no texto e como aparecem; o trecho que inicia e finaliza o texto do Passo Honroso em cada fonte. Apresentada cada ficha técnica, seguirão observações de maior aprofundamento sobre as características físicas das fontes, para que se possa detalhar o que aparece indicado na ficha, além de outros pontos relevantes, como cores, correções, espaços em branco, lacunas, o uso das margens, organização dos cadernos e danos encontrados.

Cabe ressaltar que, dado que a análise dos códices nesta pesquisa será desenvolvida através de reproduções por digitalização ou microfilme, há questões a se considerar, uma vez que estas reproduções não possibilitam o contato direto com aspectos importantes dos códices ou podem dificultar algumas observações, como a espessura e tamanho do fólho; a alteração de cores (ou mesmo impossibilidade de identificá-las, uma vez que o microfilme costuma apresentar-se em preto e branco); a visualização de alguns danos; a marca d'água; discernir sobre modificações nos textos ou margens dos manuscritos (principalmente no microfilme); ou mesmo na correta numeração dos fólhos totais do códice, visto que, no trabalho de digitalização ou microfilmagem, fólhos finais ou iniciais podem ter sido deixados à parte, precauções sinalizadas por Clemens e Graham (2007, p. 71). As reproduções podem, ainda, conter incorreções, como a exclusão de margens, texto, ou outras informações dos fólhos.

Para além das particularidades e singularidades que cada códice pode apresentar no decorrer das análises, pode-se antecipar que todos possuem algumas características em comum ao que se refere às suas produções. Ainda que se diferenciem quanto a sua apresentação, sejam narrativas cronológicas ou coletâneas, os seis manuscritos se apresentam como volumes de grande simplicidade, já que em nenhum deles observam-se miniaturas ou iluminuras, nem iniciais historiadas ou constantes alterações nas cores. Também não são frequentes quaisquer tipos de ornamentação e decoração, ainda que seja possível encontrar espaços reservados a maiúsculas, que não foram produzidas. Ainda que haja distinções a serem realçadas, todos os manuscritos possuem uma escrita corrente, relacionada ao uso

cotidiano. O dialeto utilizado é o castelhano, excetuando-se dois deles, o BNE Mss 7811 e o BNE Mss 18444, onde é utilizado o catalão.

1.1.1 – RBME f.II.19

RBME f.II.19	
Reprodução	Microfilme
Título	[Habla que hizo a algunos Grandes de Castilla que intentaban destronar a Enrique IV / Pedro González de Mendoza, cardenal. Desafío de Fernando V el Católico a Alonso V de Portugal. El paso honroso de Suero de Quiñones / por Pedro Rodríguez de Lena. Carta de Fernando V el Católico a la mujer del Gran Capitán]
Biblioteca	Real Biblioteca del Monasterio de San Lorenzo del Escorial
Datação aproximada	s. XVI
Proveniência	Pertenceu a Fernando II, o Prudente, até 1576.
Conteúdos	1. Discurso do Bispo de Calahorra à época de Henrique IV; 2. Desafio do rei Fernando, o Católico, ao rei Afonso V de Portugal; 3. Livro do Passo Honroso de Suero de Quiñones (lacunar); 4. Carta de Fernando, o Católico, para a viúva do Grán Capitán (apesar de listado como quarto conteúdo, a carta aparece em meio ao conteúdo do Passo Honroso).
Suporte material	Papel
Número de fólhos	184 fólhos
Organização dos fólhos	1+184+1 (a partir da microfilmagem) 2 + 184 + 5 (a partir do catálogo BETA ¹²)
Número de mãos	2 mãos
Texto do Passo Honroso	
Título	defensa del paso q(ue) defendio suero de quiñones, escripta por Pedro Rodrigues de lena notario.
Número de fólhos	181 fólhos (de f3v a f7r; de 7v a 184v).
Número de mãos	2 mãos (nomeadas, aqui, como M1 e M2)
Número de linhas	M1, entre 26 e 28 linhas; M2, entre 24 e 36 linhas.
Seções do texto	M1 não divide o texto em capítulos; M2 faz divisões de capítulos, marca dias e títulos, com letra maior e centralizada.
Incipit	[f3v] “La tabla Libro del famoso passo q(ue) el honorable virtuoso cauallero generoso suero de Quiñones touo en la puente de oruigo en el años del s(eñ)or de Mill e qua(trocien)tos y treinta y quatro años. [...]”
Explicit	[f184v] “[...] Mosen ju(an) frabra, e mosen pero fabra por portugal Rei de armas fue dada vna letra v(uest)ra a mi, e ami p(ri)mo lope d(e) stuñiga domingo diez dias d(e) / otubre la q(ua)l d(e)spues de

¹² Ver em: BETA manid 3057.

	vista en- tendi q(ue) en (e)lla se co(n)tenia vosot(ro)s por deseo q(ue) haviades d(e) exerçitar v(uest)ras p(er)sonas en armas nos Re- quiriades de ”.
--	---

Ficha técnica 1 – RBME f.II.19

A reprodução em microfilme do manuscrito f.II.19, obtida através da Real Biblioteca del Monasterio de San Lorenzo de El Escorial, apresenta 184 fólhos de papel numerados, acrescidos de um fólho inicial e outro ao fim, ambos sem paginação. Segundo a catalogação de Zarco Cuevas (1924-1929), teria pertencido a Fernando II, o Prudente, e adquirido pela RBME em 1576. Com base nos conteúdos e letra encontrados neste manuscrito, deve ter sua produção aproximada para o próprio século XVI¹³.

Apesar de exibir o conteúdo do Passo Honroso de Suero de Quiñones na maior parte de seus fólhos, o RBME f.II.19 ainda possui outras três matérias: após um primeiro fólho não paginado, que mostra um sumário e número de chamada do manuscrito, inicia-se (1) um discurso proferido pelo Bispo de Calahorra, à época de Henrique IV, que se estende do reto à metade do verso do primeiro fólho; em seguida, da metade do fólho 1v à metade do fólho 3v, está (2) um desafio entre o rei Fernando, o Católico, e o rei Afonso V de Portugal; o (3) livro do Passo Honroso se inicia quando do fim da carta anterior, indicado pela seção “La tabla”, uma pretensa lista de capítulos do livro, que se estenderá até o fólho 7r; após este índice, encontra-se outra carta (4), interrompendo o conteúdo anterior, cujo remetente é, novamente, o rei Fernando, o Católico, e destina-se para a viúva do “Gran Capitán”. A carta é breve, do final do fólho 7r ao verso do mesmo, e tomado pouco espaço do fim da mesma, retoma-se o conteúdo do Passo Honroso, no que aparenta ser um prólogo da obra. Daí em diante, o manuscrito se ocupa apenas do livro do Passo Honroso. A organização dos textos pode ser observada na tabela:

Organização dos textos presentes no manuscrito RBME f.II.19	Fólhos
Discurso do Bispo de Calahorra à época de Henrique IV	1r-1v
Desafio do rei Fernando, o Católico, ao rei Afonso V de Portugal	1v-3v
Índice de capítulos do Passo Honroso de Suero de Quiñones	3v-7r
Carta de Fernando, o Católico, para a viúva do Grán Capitán	7r-7v
O Passo Honroso de Suero de Quiñones	7v-184v

Tabela 1 – Composição de textos do RBME f.II.19.

Duas mãos estão presentes no manuscrito, e elas se intercalam no decorrer do mesmo, normalmente separadas por fólhos em branco e lacunas que desorientam o conteúdo. A

¹³ Ver discussão sobre a datação do manuscrito nas páginas 69 e 70.

primeira mão (M1) segue do fólho 1 ao 64v, quando da primeira lacuna, nos fólhos 65 e 66. Do fólho 67r ao 76v está a primeira aparição da segunda mão (M2), os fólhos 77 a 79 aparecem em branco, e no fólho 80 mantém-se a segunda mão. No fólho 81 ocorre nova troca, retornando para a primeira mão, e segue até o fólho 88; no fólho seguinte apresenta-se outro fólho em branco. Do fólho 90 até o final do manuscrito escreve a segunda mão, sendo que o texto do fólho 184v está inacabado.

De maneira a facilitar a compreensão, segue um organograma das mãos que compõem o manuscrito e as lacunas existentes.

Imagem 1 – Organograma das mãos do RBME f.II.19.

O texto encontrado no manuscrito está todo em uma coluna de fólho inteiro, a M1 varia seu padrão entre 26 e 28 linhas, apesar de existirem fólhos com três (82v) ou cinco linhas (88v). A mesma não divide o texto em capítulos ou seções, nem mesmo entre os conteúdos distinguidos anteriormente, havendo apenas uma exceção no fólho 51r. A M2 é mais inconstante, e à exceção do fólho 104r (com cinco linhas), varia entre 24 e 36 linhas em um fólho. Esta mão difere da primeira pois divide seu texto em capítulos, marca algumas datas ou destaca trechos, escrevendo-os em letra com maior proporção e centralizada.

Ao que concerne à organização do manuscrito, é frequente que a M1 copie, no fim de seus fólhos, as palavras iniciais do fólho seguinte, que podem ser chamadas de “palavras-chave”¹⁴, como explicado por Albert Derolez (2003, p. 34), ainda que neste caso o uso não está limitado à marcação de cadernos, pois aparece nos fólhos em geral¹⁵. Pensando no uso regular, este hábito pode ser interpretado como um esforço para organizar os fólhos de maneira correta. O mesmo não ocorre na M2, e cabe ressaltar que há uma numeração anterior, riscada, nos fólhos desta mão, onde também se encontra uma nova, uniformizando a numeração do códice como um todo.

Imagem 2 – Numeração riscada (abaixo) e nova (acima), fólho 93r.

¹⁴ Tradução livre do termo “Catchword”.

¹⁵ Albert Derolez (2003) explica que as “palavras-chave” eram utilizadas para marcação dos cadernos.

A maioria dos danos perceptíveis no microfilme refere-se ao desgaste proveniente do uso do manuscrito. O primeiro fólio está bastante deteriorado na parte superior e margem externa, perdendo parte do conteúdo de uma nota preliminar, escrito no topo do fólio. Também podem ser encontradas algumas manchas, de identificação incerta, no decorrer do manuscrito, como nos fólios 9v e 126r, e o fólio 13 está com uma perfuração na margem interna do fólio. Apesar de uma aparente supressão das bordas dos fólios durante a microfilmagem, é possível observar alguns danos que se repetem nos fólios finais da M2 (130, 132, 143, 144, 150, 156, 158, 160, 163, 166, 167, 168, 170 e 173), localizados na margem externa e topo dos fólios, ao lado das numerações. Esta deterioração pode ser interpretada como danos por insetos, dada sua extensão em uma mesma localidade do códice. Em última nota, pode-se concluir que os fólios foram cortados para que pudessem tomar um tamanho padrão para a encadernação. Esta prática pode ser observada no fólio 76r, onde se encontra a numeração anterior, riscada, rente ao fim do fólio e sem seu segundo dígito, suprimido pelo corte.

O uso das margens do manuscrito também contém diferenças de acordo com a mão que escreve em cada fólio. As margens dos fólios da M1 não apresentam inscrições, e em raras ocasiões, apenas algumas correções de conteúdo, realizadas pela M1 através de um risco na horizontal no conteúdo incorreto e sucedidas pela correção nas entrelinhas (e.g. fólio 3r). As margens dos fólios da M2 contêm inscrições que demarcam o conteúdo do texto, ressaltando partes da narrativa com as palavras “Sangre” (fólios 69v, 107v, 108v, 133v, 156r, 157v) e “Muerte”, uma vez (fólio 157v), e ainda apresenta o que seria uma contagem das lanças rompidas no evento, mas sem prosseguir-la adiante (fólio 67r). As correções feitas na M2 evitam maiores rasuras, há emendas em algumas palavras, extensões nas linhas para incluir conteúdo, mas, quando da impossibilidade de retificar, são feitos riscos ou raspagens visando apagar as inscrições.

Imagem 3 – Retificação do texto com emendas na palavra, evitando rasura.

A letra utilizada por ambos os escribas é humanística cursiva, itálica¹⁶, sendo que, segundo Julio G. Morejón, há influência da letra cortesã na M2 (1954, p. 56). O volume não

¹⁶ A classificação paleográfica orientou-se a partir dos manuais de Jesús Muñoz y Rivero (1889) e de Ana Regina Berwanger e João Eurípedes Franklin Leal (2008).

aparenta refinamento algum em sua produção, provavelmente consistindo em um manuscrito de manuseio constante. Isso pode ser confirmado pelo nível de execução das letras presentes, em que, apesar da M1 apresentar regularidade nos espaços entre linhas e letras, o mesmo não ocorre com a M2, instável quanto a seus espaçamentos, alongando-os em algumas partes de seu texto e reduzindo-os em outros, principalmente aos fins de fólio ou capítulos¹⁷. A diferença marcante entre as mãos pode levar à conclusão de que, entre outros indícios, as mãos não colaboraram na obra em um mesmo período.

As letras maiúsculas são utilizadas nas duas mãos quando do início de frases, títulos honoríficos, cidades e nomes próprios, ainda que de forma irregular. Nota-se que, em alguns momentos da M2, quando há o som de dois “r” seguidos, utiliza-se o “R” maiúsculo. Quanto ao uso de abreviações, para além do uso do sinal diacrítico mácron, principalmente para contrações do “q(ue)”, a M1 não costuma abreviar em sua escrita. A M2, por outro lado, se utiliza de muitas abreviações, a exemplo das suspensões em nomes próprios ou algumas palavras, indicadas por letras sobrepostas, em “S^{or}” – s(eñ)or –, e utilizando do mácron para contrações, como na palavra “dho” – d(ic)ho –, ou omitir os “n” e “m” em meio ou final de palavras. A pontuação utilizada durante toda a obra circunscreve-se, majoritariamente, entre o ponto (.), a vírgula (,) e a vírgula suspensiva (/), variando seus posicionamentos e interações. Os dois escribas adotam demarcações ao fim de cada linha, caso a palavra continue na linha seguinte, que podem ser descritas como duas barras ao pé da última letra. Na M1, encontra-se o uso do ponto e da vírgula suspensiva desacompanhados, provavelmente indicando pausas distintas no texto, mas há a variação de ponto seguido de vírgula suspensiva, que, no caso, aparenta uma interrupção de maior destaque. Nesta mesma mão também se apresentam os dois pontos seguidos de tilde (:~), aos finais de títulos de capítulos. A M2 possui mais variações entre o ponto e a vírgula suspensiva, o primeiro sendo utilizado tanto junto à base da linha quanto no meio da mesma, e a segunda podendo ser única ou dupla. As vírgulas se apresentam com frequência. Os níveis de pausa decorrem da junção destas pontuações, sendo a vírgula suspensiva dupla seguida do ponto a interrupção mais incisiva. Além destes, podem ser encontrados os dois pontos, o ponto e vírgula e a vírgula, estes últimos similares às pontuações modernas.

¹⁷ Ver páginas 78 e 79.

Vestido de su falso peto calcas de grana y galano por la misma
 via del primero pase su lanza en la mano, el cauallo en
 que yua lleuaua vnos parametos de adextum velludo
 vellota de brocado azul, y el Tercero pase yua vestido por
 la misma manera que los otros dos primeros, e el segun-
 do sen la mano su lanza, y los parametos del cauallo era
 de carmesi velludo colorado de brocado muy rico abriador
 con sus muy largas tiepas del mismo carmesi, e adelan-
 te del muy virtuoso capitán cauallero fuero de quinones
 guan los nueve caualleros e gentiles homes sus compañe-
 ros sius declarados vno en pos de otro, y encima de sus cau-
 llos vestidos falsos petos y calcas de grana y italianas
 e caperucas altas de grana e sus chucas a pules tros
 lados de la hermosa diuisa e fero del honrado capitán
 cauallero suero de quinones e sus arneses de yriana
 y hacales graciosamente parecientes a los parametos
 que los caualleros de estos honrables caualleros e gentiles
 homes de la honorable empresa recibidos, lleuauan eran
 a pules bordados de la misma diuisa e graciosa empresa
 y encima de cada diuisa las letras bordadas q' desian
 y fero delibred y adelante del honrado virtuoso capitán
 cauallero suero de quinones, e de los nueve caualleros e genti-
 les homes de su compañía yuando grandes fermosos ca-
 uallos que lleuauan vn carro lleno de lancas con sus fierros
 fuertes de milan para fazer las armas en el pazo con-
 bimientos, las quales eran de tres ordenes vnas muy
 nuevas

Capitulo de la Postrimera carta que el Rey nonbrado don Ju.
debenamente embió Nossos caualleros catalanes, en razon de
la ya nonbrada Requesta.

Mosen françi dequalle, e mosen Riembau de coruera, Vista una le-
tra a mi presentada por portugal Rei de armas de yuso escrita
de vras manos, e sellada con los sellos de vras armas, am pareçe que
a vosotros ha plazido dar lugar en mi delsueraçio, la qual a vosotros
era ofredida por las buenas nuevas q de vosotros haurian Recontado,
los caualleros, e gentiles homes de vra naçion que en este hõrrado passaban
sido delibrados, las quales creo ser ansi. Epues assi es que vra final intençio
os dara fin en otros fechos primero Vos doi muchas graçias por vto buẽ
ofrecim. el qual por mi non es aceptado, antes fago fin de mas vos replicar en
este fecho. E ansi mesmo vos plega de mas vras manos non trabajar en
escreuir Am casezia gastar tiempo, e por q mas verdad mustre la presente
va firmada de mi nombre, e sellada con el sello de las armas de portugal rey
de armas Dada en el pass delapuenta de ouigo a veinte e seis de julio
Este ansipasado gutier q da ya nonbrado q de alli era venido segun ares
ya ha uedes oydo. embió dezir al suyo declarado capitan e defensor mayor
de aquel passo suyo de q nõnes las Razones q adelante ayredes por el Rei de
armas de portugal y adicho.

Cap q fabla de como el honrrado cauallero gutier pda sup q estos dos caualleros
catalanes de suyo nonbrados rrequesaua Alcapitan Mayor de aq passo le em-
bió dezir q si huuiessse de aceptar el Rento q le pedia de gra q le tomase por compa-
ro, e de lo q el capita le respondio
Suero, señor gutier quexada vos manda dezir por mi q ael es hecho saber en como
mosen françi de qualle, e mosen Riembau de coruera vos ayvan embiado ciertas an-
tas amañera de rrequesta pidiendo todo trance por ellas, por ende q vos sup
q no embargate q en vra compania ay tantos buenos caualleros e gentiles oms e vta

1.1.2 – RAH 9/213

RAH 9/213	
Reprodução	Digitalização
Título	Un volumen en 4º, manuscrito, encuadernado en pergamino, con cinco hojas al principio en blanco sin numerar, 181 numeradas y otras cinco al final en blanco y sin numerar.
Biblioteca	Real Academia de la Historia
Datação aproximada	s. XVI
Proveniência	Pertenceu a Luis de Salazar y Castro até 1734, sua coleção foi legada à biblioteca do Monasterio de Nuestra Señora de Montserrat de Madrid, e em 1850 integrou o arquivo da Real Academia de la Historia.
Conteúdos	1. Cadira de honor, por Juan Rodríguez de Padrón; 2. O Passo Honroso de Suero de Quiñones. (lacunar).
Suporte material	Papel
Número de fólhos	181 fólhos (a partir da digitalização)
Organização dos fólhos	4 + I a XXXIX + 40 a 181 + 1 (a partir da digitalização) 5 + 181 + 5 (a partir do título do volume, no catálogo da Biblioteca Digital da RAH)
Número de mãos	Aproximadamente 6 mãos.
Texto do Passo Honroso	
Título	Sem título
Número de fólhos	141 fólhos (de 40 a 181).
Número de mãos	3 mãos (duas delas aparecem nas margens)
Número de linhas	Entre 25 e 28 linhas.
Seções do texto	Divide o texto em capítulos, marca dias e títulos, centralizados na página.
Incipit	[f41r] “A las onze carreras que anduuieron encontro Pedro de Na- ua vn poco en la oreja del caualllo em que andaua Rodrigo de Çayas e rasgogela e fizo sangre e Rodrigo no(n) encontro a el. Et a las doze carreras encontro Pedro de Naua a Ro- drigo de Çayas en el guardabrazo izquierdo vn poco sin ro(n)- per lança ni tomar reues ninguno dellos. [...]”
Explicit	[f181v] “Parece que falta /en este lugar\ una hoy\j\ a en el libro ori- ginal de donde este se traslado el qual estaua firmado de los juezes y señalado en cada plana de sus señales y con su sello pendiente como en el se contiene. ”.

Ficha técnica 2 – RAH 9/213

A partir da digitalização promovida pela Real Academia de la Historia é possível ter acesso ao manuscrito 9/213, cuja data de produção é aproximada para o século XVI¹⁸, tendo pertencido à coleção do genealogista Luis de Salazar y Castro, chegando ao arquivo da RAH em 1850, apesar de ter sido legado inicialmente à biblioteca do Monasterio de Nuestra Señora

¹⁸ Como informa o catálogo RAH e BETA: manid 2117.

de Montserrat de Madrid, como apresenta o índice da coleção do mesmo (CUARTERO HUERTA; VARGAS ZUÑIGA, 1949-1979¹⁹). O volume contém 181 fólhos de papel, enumerados tanto em algarismos romanos quanto arábicos, cada qual ditando um dos conteúdos presentes no códice, como será exposto a seguir. Antes da numeração inicial, apresenta-se uma capa com os números de chamada do manuscrito, tanto anteriores quanto o atual. Em seguida, três fólhos não paginados, o primeiro contendo apenas uma marcação à tinta na base do reto do fólho, ao que parecem ser iniciais. O segundo fólho não paginado contém inscrições no reto, com informações sumárias do que será encontrado no manuscrito, e o terceiro fólho não paginado encontra-se completamente em branco, fora o carimbo com selo da RAH no reto do fólho. Ao fim do manuscrito também há uma das faces de um fólho sem conteúdo ou numeração.

O RAH 9/213 contém dois conteúdos distintos, o primeiro chamado “Cadira de honor”, de autoria reconhecida a Juan Rodríguez de Padrón, e o segundo, o livro do Passo Honroso de Suero de Quiñones. O primeiro texto encontra-se entre o fólho I e o XXXII, seguidos por quatro fólhos em branco, ainda numerados em algarismos romanos. O texto do Passo Honroso insere-se entre os fólhos 40 e 181, mas é precedido por um índice que ocupa do fólho XXXVII ao XXXIXr, que informa os participantes do evento, bem como os fólhos em que ocorrem suas justas. O texto é incompleto ao início e ao fim, além de conter algumas lacunas, representadas nos fólhos 40, 59 a 64, 67, 68 e 89r, que serão analisadas no capítulo seguinte. Os conteúdos citados organizam-se como colocado na tabela:

Organização dos textos presentes no manuscrito RAH 9/213	Fólhos
Cadira de honor	I-XXXII
Em branco	XXXIII-XXXVI
Índice de participantes	XXXVII-XXXIXr
O Passo Honroso de Suero de Quiñones	40-181

Tabela 2 - Composição de textos do RAH 9/213.

Cada conteúdo apresentado possui uma única mão, havendo, porém, a intervenção de outras mãos nas margens e mesmo na formulação dos índices já mencionados. O texto do Passo Honroso está em apenas uma coluna de fólho inteiro, variando seu padrão entre 25 a 28 linhas, fora exceções. Utilizando a mesma cor de tinta no decorrer da escrita, o escriba faz seções no texto, marcando capítulos, datas ou acontecimentos, deixando-os centralizados no fólho.

¹⁹ Ver mais no “Índice de la Colección de don Luis de Salazar y Castro”. Disponível em: <http://www.rah.es/wp-content/uploads/2016/11/SalazaryCastro_22_nov_2016.pdf>. Acesso: 07/out. de 2017.

A composição dos cadernos parece obedecer alguns padrões, o escriba ou encadernador parece ter escrito ao fim de alguns fólhos, para fins de organização, a primeira palavra do fólho seguinte, ocorrendo com algumas diferenças no decorrer do códice, como segue: no texto do Cadira de honor, esta marcação aparece apenas duas vezes, a cada doze fólhos; no texto do Passo Honroso há uma pequena variação, do fólho 40 ao 56 a marcação aparece a cada quatro fólhos, num total de quatro marcações, a partir daí, elas aparecem a cada oito fólhos até o fim do manuscrito. Como informa o título do volume, “Un volumen en 4º [...]”, os cadernos seriam compostos de quatro fólhos, ainda assim, a presente análise apresenta-se inconclusiva, uma vez que não se pôde entrar em contato com o manuscrito físico.

O volume parece estar em ótimo estado de conservação, apresentando apenas traços de uso nas extremidades dos fólhos, e eventuais manchas, possivelmente de tinta. No topo dos fólhos II ao VI pode-se observar o que parecem ser marcas de derramamento de algum líquido. Danos mais visíveis também podem ser vistos nos fólhos 45 e 66, ambos consistem de manchas, a primeira podendo consistir em cera de vela e a segunda uma marca accidental de tinta. Por fim, é possível visualizar que os fólhos (ou parte deles) foi cortado para fins de padronização, como aparece em XVIIv e XXIIIr nas extremidades, e 40v na base do fólho.

O manuscrito possui muitas intervenções, seja nas entrelinhas ou nas margens, variando entre correções e marcações do próprio escriba do texto e a adição ou alteração posterior por um ou mais sujeitos. Concernente ao texto do Passo Honroso, ao menos duas mãos podem ser identificadas nas margens e correções, uma delas do próprio escriba, e outra com semelhanças às daquela que formulou o já mencionado índice dos fólhos XXXVII ao XXXIXr. Quanto às marcações nas margens, elas se apresentam no decorrer de todo o texto, sendo que as notações do escriba do texto variam entre contagem de lanças rompidas, contagem dos justadores que entram em campo e indicações para ressaltar momentos de interesse na narrativa. As notações marginais posteriores se ocupam de destacar situações no decorrer da narrativa e indicar o nome dos nobres que participavam, por vezes complementando com informações acerca dos mesmos, hábito que se pode presumir de um genealogista, como Luis de Salazar²⁰. Segundo o historiador Bernhard Bischoff (1989), entende-se que a identificação de diversas mãos presentes em um único códice pode ser uma tarefa complexa, dadas as mudanças que podem ocorrer em uma mesma mão, quando, por exemplo, escreve rapidamente (p. 45). Apesar da dificuldade em discernir, as correções ou

²⁰ Ver mais na página 83.

adições feitas ao texto também apontam para dois padrões distintos, que grosso modo podem ser evidenciados: enquanto o escriba do texto tem o hábito de riscar palavras ou frases horizontalmente e retificá-las no seguimento da escrita ou entre linhas, as correções e adições posteriores seguem um padrão ao rasurar letras na vertical – sem excluir a possibilidade de riscos na horizontal para correções mais extensas –, e ainda, corrige reiteradamente letras de algumas palavras – grafando as novas por cima –, além de utilizar símbolos ou sinais para adicionar conteúdo ao texto, como o “+”, o “^”, e outros.

Imagens 6 a 8 – Três ocorrências, em um mesmo fólio, de correções por escriba posterior, modificando o “V” por “B”, fólio 65v.

A letra utilizada pelo escriba do Passo Honroso situa-se entre a humanística cursiva redonda e itálica, e manifesta-se em um nível de execução corrente, pouco formal, o que se evidencia com a ampla quantidade de equívocos no traslado do conteúdo. Apesar disso, o escriba obedece a padrões como o espaço entre as linhas, as letras e as mantém em um tamanho similar durante todo o texto. As letras maiúsculas são utilizadas em início de frases e com nomes próprios, ainda que estes sejam, em algumas oportunidades, escritos em minúscula. As abreviações abrangem, principalmente, o uso do macron suprimindo o “n” ou “m”, a suspensão de alguns nomes próprios ou pronomes de tratamento e a contração de determinadas palavras. É escasso o uso de pontuações, sendo o ponto utilizado principalmente para encerrar parágrafos e ocasionais vírgulas suspensivas para estabelecer algumas pausas.

en el guardabrazo izquierdo en la falda del enderecho
del corazon que por muy poco lo falara e de punto el fi-
erro e quedo la punta en el erompio su lanca fasta tres l^{as} lyvij.
palmos cerca del hierro e quedo la punta en el e passa-
ron otras dos carreras que non se encontraron salvo
en la vna dellas que barrearon la lanca.

Alas quatro carreras que mouian el vno contra el
otro eyendo por la lica adelante boluiose el caualllo de
Suero de Quinones e parore en mitad de la carrera. Et l^{as} lxx.

Goncalo de Castañeda no curando de cortesía que de l^{as} lxx. No mirando
uiera guardar et alcar la lanca ^{non} ~~para~~ la alca e p^uogela de uiesia que
por entre el bolante de la plata. Et el arson del p^utero de uiera que
de la nilla se la buelta quedio su caualllo rompio la lanca lxxij.
de Goncalo por medio sin tocar en el hierro en pieca de
arne ninguno.

Alas cinco carreras encontro el bonrado cauallero
Suero de Quinones a Goncalo de Castañeda en el ^{campo} ~~campo~~
del bragal derecho e sortio del por debajo de la guarda
et puso el hierro por me^{ta} de los morsillos del bra-
co e falogelo et asi mismo fallo el bragal et passole el
fierro quanto vn palmo con el fasta de la otra parte et
fizole vna gran ferida e rompio su lanca en cheluo el lxx. lxx.
troncon de la lanca con el hierro fasta que fue de caual-
gar a uitienda. Et como lo vieren vieron esta ferida
tan peligrosa dieron las armas por cumplidas. Et an

1.1.3 – BMP M-104

BMP M-104	
Reprodução	Microfilme
Título	Libro del Paso honroso de Suero de Quiñones por Pedro Rodríguez de Lena.
Biblioteca	Biblioteca de Menéndez Pelayo
Datação aproximada	s. XVI
Proveniência	Gabriel Sánchez
Conteúdos	Livro do Passo Honroso de Suero de Quiñones (lacunar)
Suporte material	Papel
Número de fólhos	234 fólhos
Organização dos fólhos	Capa + 234 fólhos
Número de mãos	2 mãos
Texto do Passo Honroso	
Título	Libro del Paso honroso de Suero de Quiñones por Pedro Rodríguez de Lena.
Número de fólhos	234 fólhos
Número de mãos	2
Número de linhas	Mão 1, entre 25 e 32 linhas. Mão 2, entre 21 e 26 linhas.
Seções do texto	Ambas as mãos dividem o texto em capítulos, marcam dias e títulos, centralizados na página.
Incipit	[f1r] “Diego de Bazan Capitulo que fabra de las armas quel ia nombrado honrrado cauallero diego de baza(n) fizo en este nombrado sabado con el honra- do cauallero lope de mendoza. luego despues desto en este ia nombrado sabado a diez y siete de Julio entro en el campo e lica diego de bazan [...]”
Explicit	[f234v] “mosen Ju(an) fabra e mossen p(er)o fabra por portugal Rey darmas. fue dada Una letra v(uest)ra a mi e a my primo lope de Estuniga domingo d(i)ez dias de Otu(br)e la qual despues de vista entendi que en ella se contenia vosotros por deseo q(ue) auiaades de Exerçitar v(uest)ras personas. En armas nos Requiriades De. ”

Ficha técnica 3 – BMP M-104.

O manuscrito M-104, disponibilizado pela Biblioteca de Menéndez Pelayo através de microfilme, apresenta apenas um texto em seus 234 fólhos de papel, qual seja, o Passo Honroso de Suero de Quiñones, acompanhado apenas de uma capa apresentando números de chamada (tanto anteriores como o atual). Estima-se que este volume foi produzido no século XVI²¹, e teria pertencido a um livreiro do início do século XX, Gabriel Sánchez, o que se pode presumir a partir de seu selo (ARTIGAS, 1957, p. 119).

²¹ Como informa o catálogo BMP e BETA: manid 3058.

Duas mãos escrevem no manuscrito, a segunda completando o trabalho da primeira. A troca entre as mãos se dá em 61r, onde a primeira mão interrompe sua escrita pouco antes do fim do fólio, e a segunda prossegue de onde a outra parou, escrevendo as últimas seis linhas do fólio. A segunda mão prolonga-se até o fim do manuscrito, inacabado em seu último fólio. O texto e a microfilmagem não exibem lacunas ou fólios em branco, apesar de existirem momentos em que a narrativa perde seu sentido²². O único caso que pode ser mais bem visualizado está entre os fólios 59r e 60r, em que o fólio 59v é omitido, mas a narrativa corre sem alterações entre os dois retos dos fólios mencionados. Restaria saber se a microfilmagem suprimiu o verso do fólio 59 e se o fez por estar em branco.

Ambos os escribas demarcam a primeira palavra do fólio seguinte ao fim de cada fólio – a palavra-chave –, deixando de fazê-lo raras vezes, no que se presume ser um esforço de organizar os fólios na ordem correta. A ordem e numeração, de fato, seguem esta organização de forma rigorosa, sem notar para as descontinuações que ocasionam na narrativa.

Ademais, as duas mãos se comportam de maneiras similares ao escrever o texto: em uma coluna de fólio inteiro, dividindo-o em capítulos, datas ou acontecimentos, centralizando-os a fim de destaca-los. Distinguem-se quanto ao número de linhas: o primeiro varia entre 25 a 32 e o segundo entre 21 a 26. Também se diferenciam quanto ao hábito do primeiro escriba em anotar seus capítulos com uma letra ligeiramente diferente. Nota-se um padrão, no caso do primeiro escriba, em que as divisões variam entre datas ou destaque de acontecimentos – grafados em letra de maior proporção –, e capítulos – em letras de menor proporção. Ocasionalmente, podem-se encontrar alguns pequenos desenhos ao lado destas divisões, como uma ornamentação pouco sofisticada.

Imagem 10 – Exemplo de ornamentação simples realizada pelo primeiro escriba do manuscrito BMP M-104.

Em relação ao uso das margens do manuscrito, apenas o primeiro escriba as utiliza, realizando algumas contagens, como a de lanças rompidas, e anotações demarcando “Sangre”, para momentos em que os confrontos levaram ao derramamento de sangue. As correções, pouco frequentes, ocorrem de forma parecida em todo manuscrito, apresentando riscos na

²² Ver mais na página 87.

horizontal na extensão do erro ou, quando possível, com retificações por cima do próprio texto.

As duas mãos possuem letras distintas, a primeira aparentando uma escrita itálica, corrida e pouco formal, e a segunda, da mesma forma, se apresenta na forma de uma extensa escrita cortesã, assimilando-se, conforme o fragmento do texto, à escrita processual, identificada como uma “degeneração” – ou “degenerescência” – da escrita cortesã, uma vez que seria a execução desta de forma acelerada (MUÑOZ Y RIVERO, 1889, p. 36; BERWANGER; LEAL, 2008, p. 66). Esta escrita é notável por sua inconstância na redação de algumas palavras, alternando nas formas de escrevê-las ou na escolha de letras que as compõem (e.g. Ora escrevendo “passo” com dois “s”, ora escrevendo “paso” com apenas um, fólio 193). Neste sentido, ambas as mãos não aparentam padrões para o uso das maiúsculas, já que a primeira redige o texto em minúscula, com algumas exceções, enquanto que a segunda por vezes utiliza maiúsculas em inícios de frase e nomes próprios, mas de forma irregular. A julgar pelo nível de execução das mãos presentes no manuscrito, supõe-se que seu uso seria de leitura cotidiana, o que é confirmado pelas marcas de leitura que se apresentam na forma de danos aos fólios. A respeito das abreviações, os escribas se comportam diferentemente: o primeiro em raras ocasiões contrai as palavras para além do “q(ue)”. Por outro lado, o segundo escriba utiliza tanto de suspensões em nomes e pronomes quanto de contrações, como em “mrd” – m(e)r(ce)d – ou “fho” – f(ec)ho –. A mão do primeiro escriba não contém pontuações, sendo utilizada a vírgula suspensiva seguida de ponto apenas quando do fim dos títulos de capítulos. O segundo escriba, por outro lado, além das vírgulas suspensivas e pontos, se utiliza de travessões sozinhos (-) ou duplos (=), seja na horizontal ou em diagonal, a fim de separar, intervalar ou interromper o texto.

Quanto aos danos encontrados no manuscrito, fora as habituais marcas de uso, estão vestígios de tinta ou cera (fólios 103r, 117r, 120r, 123v, 128v, 209v, 217r). Em maior proporção podem ser observadas algumas marcas que aparecem desde o primeiro fólio e continuam até o final, aumentando gradativamente desde uma pequena perfuração circular nos fólios iniciais até tomar a extensão de um traço nos fólios finais. Supõe-se da ação de insetos ou larvas. Encontram-se também indícios de corte nos fólios, como se pode ver no 25v, em que parte da margem foi perdida.

Sarmaron como quier que ambo a dos con
 buenas uoluntades pidieron a los Juozes
 de mealla que si las armas non eran
 cumplidas que gelas dexasen cumplir
 e los Juozes dixerounles que los la da
 uan por cumplidas e que asi lo eran
 segun dello contenido en los capitulos
 e quese fuesen enora buena a sus hon
 das. e luego se fueron e aqui fabla el
 autor e dice que segun dello que ambo a
 dos fizieron que la el maior sonar a
 oro fizo de aluax gomes asi porque
 rompio las dos tanças como por el en
 abrix de su ferida fada ontanto que
 alo lo fizo como quier que amos and
 bieron aguisa de buenos cavalleros.

§ Damas §

Capitulo que fabla de como pasaron en aquella
 nombrado micrales dos damas e de como e
 de como les tomaron los quantes segun la
 escriptura del paso e de los debates que sobre
 ello fueron.

e despues de la faza de armas apoca de
 ora pasaron por cerca del paso dos dueñas
 de la uaga e iuan con ellas un escu dero ma
 rido de la una dellas al qual llamauan
 Ju de la uaga e los nombres dellas la
 mauan ala una dellas leonor de la uaga
 la qual era muger del dicho Ju de la
 uaga e ala otra dueña guera uinda llamaron qui
 omar

Anse la Buzee / A quee vaso
 E faseronee lasolenias E
 E menage que tuos / Nos e
 caualle e e fentee / h mte
 Meaquee vaso Venian a fuz
 Laaamae acostumerauam
 Bez e tomaree / Laa
 queas derdha / Crusieron
 Laa donde tra bozdena

Lope de Muniga
Capo e fallas elae armas
ques en el dia 30 de 1201
trado cavallezo Lope de Muniga
Ctra vel con el a nombra de
alo de desa por quanto se anel
no se cumplio

Free te vanombrado lunas. 100
 21 de febrero de 1880. En el
 campo. El día lunes, mañana a la
 Berma de Azmado a la cañalera.
 El bonnato cañalero. Lopez de
 Atuniza

1.1.4 – BNE R/1197

BNE R/1197	
Reprodução	Digitalização
Título	Libro del passo honroso defendido por el excelente cauallero Suero de Quiñones
Biblioteca	Biblioteca Nacional de España
Datação aproximada	1588
Proveniência	Adquirido pela BNE após a morte de Agustín Duran, em 1863.
Conteúdos	Livro do Passo Honroso de Suero de Quiñones
Suporte material	Papel
Número de fólios	139
Organização dos fólios	3 + 4 + 139 + 3 + 3 (a partir da digitalização) 4 + 139 + 3 (a partir do catálogo da Biblioteca Digital Hispánica, da BNE)
Número de mãos	Impresso em Salamanca, por Cornelio Bonardo, edição de Juan de Pineda.
Texto do Passo Honroso	
Título	Libro del Passo Hon- roso defen- dido por el Excelente Ca- uallero Suero de Quiñones. <i>Copilado de un libro antiguo de mano por F. Iuan de Pineda Religioso de la Orden de S. Francisco.</i> Y Dirigido a Don Manrique de Lara, Conde de Valencia, Virey y Capitan general de Cataluña. Con licencia, En Salamanca, En Casa de Cornelio Bonardo. Año, M.D.LXXXVIII.
Número de fólios	142 (de 1 até 139, e mais três fólios não numerados ao fim do livro).
Número de mãos	Impresso em Salamanca, por Cornelio Bonardo, edição de Juan de Pineda.
Número de linhas	24 linhas.
Seções do texto	Divisões do texto por números romanos centralizados na página.
Incipit	[f1r] “Comiençase el Libro del PASSO HONROSO: <i>abbreuiado por F. Iuan de Pineda</i> I. ESTE es el libro que yo Pero Rodriguez Delena escriuano de nuestro se- ñor el Rey don Iuan, y su Notario publico en la su corte y en todos los sus reynos [...]”
Explicit	[T6r] “ <i>Fin de la Hystoria del Honroso Passo abreuia- / da com la verdad posible por Fray Iuan Pineda.</i> ” [T6v] “En Salamanca En casa de Cornelio Bonardo. Año. 1588.”

Ficha técnica 4 – BNE R/1197.

Disponível na Biblioteca Digital Hispánica, da Biblioteca Nacional de España, o R/1197 é um impresso que contém uma versão do Libro del Passo Honroso de Suero de Quiñones, cujo texto teria partido de uma compilação e edição do franciscano Juan de Pineda e impresso por Cornelio Bonardo em Salamanca, 1588, dados encontrados no próprio volume. O livro possui 139 fólios de papel numerados, e foi adquirido pela BNE em 1863, após a morte de seu antigo dono, Agustín Duran, cujo selo de sua livraria aparece na capa do

exemplar, como atestado pelo catálogo BETA²³. Dado que é um impresso, segue um padrão mais consistente de 24 linhas, em uma coluna de fólho inteiro. As seções, ou capítulos do livro não possuem títulos, sendo separados apenas por numerações em algarismos romanos.

Imagem 13 – Exemplo de separação de capítulos no BNE R/1197, capítulo 62 no detalhe, fólho 108r.

No verso da capa encontra-se o número de chamada do volume, seguem-se dois fólhos em branco, adicionados com a encadernação moderna. Depois há outro fólho em branco, e em seguida a capa do Libro del Passo Honroso, que informa o título, dados de autoria e a quem foi dirigida a obra, possivelmente seu patrono. Abaixo, um brasão de armas xilogravado, possivelmente do mesmo patrono mencionado; e por fim os dados de impressão, local e data. Antes do início da narrativa, seguem quatro fólhos sem paginação, distinguidos apenas pela indicação de seus cadernos na base dos fólhos, através do símbolo “¶”. Estando a capa no reto do primeiro ¶, a partir do verso e seguindo até o verso do ¶₂, está a “Licencia” para a impressão. No ¶₃ encontra-se a dedicatória da obra, e no ¶₄ uma citação do Passo Honroso na Crônica de Juan II. No fólho seguinte dá-se início à narrativa e, conseqüentemente, a numeração. Após o último fólho numerado, o 139, estão quatro fólhos não paginados, três deles com um índice final indicando cada justa realizada e em que capítulos se encontram, e o quarto está em branco. Dois outros fólhos em branco, adicionados posteriormente, concluem o volume.

A encadernação é observada, como citado anteriormente, seja através do símbolo “¶”, ou letras na base do reto dos fólhos. Após o primeiro caderno (¶), composto de quatro fólhos, os que se seguem são indicados por letras, de B a T, contendo, cada um, oito fólhos. As letras obedecem a uma contagem até o quinto fólho de cada caderno, deixando os últimos três em branco. A título de exemplo: no fólho 9r vê-se a letra “C”, o mesmo ocorre no 10r com “C₂”; seguindo este padrão, têm-se “C₅” no fólho 13r. De 14r a 16r, porém, não há contagem, que será retomada apenas no fólho 17r, com a letra “D”, e assim por diante. Ademais, a cada fim de fólho se apresenta a palavra inicial do fólho seguinte, possivelmente auxiliando a organização. As margens do livro são utilizadas em poucas ocasiões, um escrito à mão: “nota”, no verso do fólho 42; e impressas, em um total de seis aparições (fólhos 2r, 5v, 45r, 62v, 85r e 121r), apenas observações ou informações acerca do que aparece no texto.

²³ BETA manid 5716.

Quanto aos danos encontrados no R/1197, é possível observar manchas de tinta ou cera em alguns fólhos (27, 32, 40, 41, 52, 55, 121, 122 e 127), e ainda algumas marcas que podem provir de gordura ou líquidos derramados, como nos fólhos de 14 a 20, e em maiores proporções nos fólhos 2, 12 e 130, em adição ao fólho 52 que parece apresentar marcas de mofo. Ainda, os cadernos K e N possuem um papel mais escuro que os demais, sem que se saiba se são resultado de interferência ou se já possuíam esta característica.

Imagem 14 – O impresso BNE R/1197, fólho 45r.

1.1.5 – BNE RES/27

BNE RES/27	
Reprodução	Digitalização
Título	Copias de cartas de batallas y de textos del siglo XV
Biblioteca	Biblioteca Nacional de España
Datação aproximada	s. XV
Proveniência	Pertenceu à biblioteca de Pedro Fernández Velasco, Conde de Haro, entre 1455 e 1553 (GARCIA, 1998).
Conteúdos	Miscelânea de documentos dos séculos XIV e XV, em sua maioria cartas de desafio ou discursos.
Suporte material	Papel
Número de fólios	120
Organização dos fólios	4 + 120 + 4 (a partir da digitalização)
Número de mãos	Várias
Texto do Passo Honroso	
Título	Sem título
Número de fólios	5 fólios e um verso (de 63vb a 67 e 94)
Número de mãos	2 mãos
Número de linhas	Entre 32 e 36 linhas.
Seções do texto	Textos separados e introduzidos por títulos.
Incipit (Passo Honroso)	[f63vb] “muy alto / e muy poderoso e virtuoso rrey / e señor //. Deseo justo e rrasonable es los catiuos o en presion detenidos de- sear libertad e como yo vasa- /. llo e natural v(uest)ro sea en presion de una señora de tiempo gra(n)de aca [...]”
Explicit (Passo Honroso)	[f94vb] “[...] Respondemos por conplir v(uest)ra volun- tad e deseo q(ue) avemos nos ot(ro)s de co(n) plir un boto q(ue) dias [ha] avemos fe- cho aq(ue)sto es co(n)batyr a todo trançe a mose(n) suero de q(ui)nones lo q(ua)l por letra auemos Req(ue)rido E ot(r)o ca(ua)lle(r)o conpa- ñero suyo el q(ue) q(ue)rr(i)a escoje(r) e seye(n)do nos ot(ro)s delibrados con [(e)]l aq(ue)l onor q(ue) dios mediant(e) esperamos vos ofre- çemos agora por entonçe e estonç(e)s ”

Ficha técnica 5 – BNE RES/27.

O manuscrito da Biblioteca Nacional de España, RES/27, disponibilizado através de digitalização pela instituição, se trata de uma coletânea de documentos dos séculos XIV e XV, e seu arranjo parece seguir um modelo, qual seja, de cartas ou discursos – sendo o segundo uma espécie de modalidade oral da primeira (GARCIA, 1998, p. 75) –, que relacionam o reino de Castela com seus vizinhos, com destaque para a França e Aragão. Este volume, de 120 fólios de papel numerado e produção estimada para o século XV, teria pertencido à biblioteca de Pedro Fernández Velasco, o Conde de Haro, de 1455 a 1553, mas sua escrita teria sido originalmente direcionada por Fernán Pérez de Ayala, por volta de 1435 (GARCIA, 1998, p. 66).

Tanto ao início quanto ao fim do códice, podem-se observar quatro fólhos em branco, inseridos posteriormente em conjunto com a encadernação, além da paginação dos fólhos, que também parece ser posterior, pois aparentemente estabelecida após a encadernação. Nota-se que há uma numeração anterior, em algarismos romanos, que apesar de seguir com relativa frequência a numeração em arábico, foi desconsiderada, encontrando-se por diversas vezes subtraída da composição final do manuscrito graças ao corte efetivado nos fólhos a fim de uniformizar as dimensões do mesmo. O fólho 74 aparece em branco. Os conteúdos, como mencionado, abrangem diversos assuntos relativos a relações externas de Castela, totalizando mais de quarenta documentos. A presença do Passo Honroso no volume é justificável na medida em que promoveu um amplo contato entre cavaleiros castelhanos, catalães, valencianos e de outras regiões de Aragão; e ainda outros, de Portugal, Bretanha e Itália. Os conteúdos do Passo Honroso que aparecem no BNE RES/27 são: a requisição de Suero de Quiñones ao rei Juan II para realizar o evento, lida para toda a corte deste rei, segundo a narrativa (fólhos 63vb e 64ra); em conjunto da anterior, os capítulos que regulariam as interações dos participantes (fólhos 64ra a 65va); e correspondências entre dois cavaleiros catalães e dois que participavam do Passo Honroso, sendo um deles Suero de Quiñones (fólhos 65v, 66, 94 e 67r); e por fim, uma carta exclusiva deste manuscrito, de um cavaleiro chamado Fernando de Castro, que requeria salvo-conduto ao passar pelo Passo Honroso (fólho 67v). A ordem das cartas sugere um equívoco de encadernação, uma vez que o fólho 94 encontra-se isolado do resto do conteúdo que lhe condiz. Organizam-se como colocado na tabela:

Cartas presentes no BNE RES/27	Fólhos
Requisição de Suero de Quiñones a Juan II	63vb-64ra
Capítulos do Passo Honroso	64ra-65va
Correspondências dos catalães	65v-67r e 94
Carta de Fernando de Castro	67v

Tabela 3 – Cartas presentes no BNE RES/27.

O texto do manuscrito segue o padrão de duas colunas, e as linhas variam conforme o escriba. Podem ser observadas diversas mãos no decorrer do códice, e duas no conteúdo concernente ao Passo Honroso. A primeira, responsável pela requisição e os capítulos, alcança 41 linhas, e a segunda, que escreve as cartas, varia entre 30 e 34 linhas. As seções e cores variam no códice, conforme escriba e texto transcrito. Ambos que escrevem os conteúdos do Passo Honroso utilizam de títulos para indicar o texto que segue, sem alterações de cores em seus próprios trabalhos, fazendo uso de um tom entre o marrom e o preto. É visível, porém,

que existem mudanças na intensidade da tinta, ora aparecendo tons mais escuros, ora mais claros. Por um lado, pode-se supor que a digitalização distorceu a devida identificação da cor, por outro, podem-se considerar variações relativas à própria utilização da tinta. Ainda, ao passo que a primeira mão reserva espaços – de três a cinco linhas – para a adição posterior de maiúsculas, o mesmo não ocorre com a segunda.

As duas mãos encontradas se distinguem por suas letras, enquanto a primeira se assimila à humanística redonda, a segunda é mais estreita e contém mais ligações, correspondente à letra cortesã. A primeira escreve cada letra individualmente, ligando-as em casos específicos, como em “d” e “e”, tomando menos espaço entre palavras e linhas. A segunda é mais corrente e ocupa maior espaço na área escrita, estabelecendo grande quantidade de ligações e superposição de letras. Ambas se utilizam de muitas abreviações, suprimindo os “n” e “m” através do diacrítico, além do “q” e mesmo o “r”, em diversas palavras (e.g. “p(er)sona”, “qualq(ui)era”, “algu(n)d”, “a(r)mas”). A supressão do “p” pode variar entre o “para” e o “pre”, o primeiro simbolizado por um traço horizontal atravessando a haste vertical da letra, e o segundo com um diacrítico, mácron, no topo e à direita da letra. Apesar de poucas supressões em nomes próprios, outras palavras são constantemente contraídas, como “vro”/”vra” – “v(uest)ro”/”v(uest)ra” – ou “cauallo” (com um traço horizontal sobre a palavra) – “cauall(er)o”.

Imagens 15 e 16 – Exemplos de abreviação e contração encontradas no primeiro escriba do BNE RES/27, fólios 64ra e 64va, respectivamente.

Imagens 17 e 18 – Exemplos de contrações encontradas no segundo escriba do BNE RES/27, fólios 65va e 67ra, respectivamente.

A pontuação utilizada na primeira mão pode ser sintetizada entre a vírgula suspensiva para pausar o decorrer do texto e a dupla vírgula suspensiva, sozinha ou seguida de ponto, ao fim dos parágrafos. A segunda mão usa de vírgulas suspensivas para pausas de menor fôlego e seguida de ponto para as de maior intensidade, utilizando esta segunda modalidade, também, para interrupção final dos parágrafos.

O manuscrito como um todo não apresenta muitas inscrições nas margens, entre as exceções estão as do fólio 4v e 48r. Porém, podem ser vistas algumas marcações para destacar

trechos, um traçado que segue o texto na vertical, como se pode ver nos fólhos 48v, 49r e 53v a 56r. Na parcela referente ao Passo Honroso não há qualquer marca nas margens, e as raras adições estão dispostas em sobrescrito, sem riscos ou marcas de rasura.

O RES/27 apresenta danos acentuados em alguns de seus fólhos, e persistentes ao longo do volume. Os primeiros fólhos do manuscrito estão deteriorados nas margens, do primeiro ao quarto fólho há perda de conteúdo, e até o décimo fólho as margens possuem algum grau de deterioração. Após uma redução gradual dos danos observados nestes primeiros fólhos, o conteúdo que segue mantém-se intacto, apesar das margens apresentarem, com frequência, marcas vestigiais similares ao que aparece deteriorado nos fólhos de início. Prosseguindo até os fólhos finais, estas marcas se intensificam gradualmente, até resultar na deterioração de parte da margem externa dos fólhos 118 e 119, e de conteúdo no fólho 120. Estas danificações podem ser interpretadas como algum acidente ocorrido ao manuscrito antes de receber sua encadernação moderna, tendo danificado os fólhos externos em maior grau que os internos. Entre outros danos que podem ser encontrados, estão algumas marcas que podem provir de tinta ou cera, como se observa nos fólhos 8, 18, 19, 22, 24 e 73.

tercero capitulo es que conpaga
 con cada vno de los caualleros e
 gentiles homes que alii estan tres lan
 cas nonpadas por el año conuenido la q
 se siega Sangre por vna pesa.

I quito capreules que
 de suauiteros o mas be
 meron por saluar el quantte de vna
 o enota a faser las aguas sus dhas q
 sea prestebdo el pmo de veyntis.

e. 1
 El pto capitulo es que po
 que algunos queria ami
 ver de otra manera. Quien
 saluar el guante de mas de una Señora
 que non lo puea ser. e de pues qd
 ten rompió las tres lancas de su pte
 del que con el fiero non se amoten
 dos y mltos caualleros que ally can
 migo aluyen a fiera mas apena con
 tal caualla o gente. onbre.

c
1
2
3
4
5
6
7
8
9
0
1
2
3
4
5
6
7
8
9
0
1
2
3
4
5
6
7
8
9
0
1
2
3
4
5
6
7
8
9
0
1
2
3
4
5
6
7
8
9
0
1
2
3
4
5
6
7
8
9
0
1
2
3
4
5
6
7
8
9
0
1
2
3
4
5
6
7
8
9
0
1
2
3
4
5
6
7
8
9
0
1
2
3
4
5
6
7
8
9
0
1
2
3
4
5
6
7
8
9
0
1
2
3
4
5
6
7
8
9
0
1
2
3
4
5
6
7
8
9
0
1
2
3
4
5
6
7
8
9
0
1
2
3
4
5
6
7
8
9

Imagem 19 – Mão 1 que escreve o conteúdo do Passo Honroso no BNE RES/27, fólio 64r.

1.1.6 – BNE Mss 7811

BNE Mss 7811	
Reprodução	Digitalização
Título	Letres e achtes de batalla
Biblioteca	Biblioteca Nacional de España
Datação aproximada	s. XV-XVI
Proveniência	Diego Vique / Conde de Cervellón
Conteúdos	Cartas de desafios de cavalaria.
Suporte material	Papel
Número de fólhos	532
Organização dos fólhos	1 + 4 + 7 + 4 + 532 + 1 (a partir da digitalização) 4 + 7 + 4 + 1-532 (a partir do catálogo BITECA ²⁴)
Número de mãos	Várias
Texto do Passo Honroso	
Título	Sem título
Número de fólhos	19 fólhos e um verso (de CCXVIv a CCXXXV)
Número de mãos	1 mão.
Número de linhas	Entre 32 e 37 linhas.
Seções do texto	Textos separados e introduzidos por títulos na cor vermelha.
Incipit (Passo Honroso)	[fCCXVIv] “capitols d(e) suero de quyiones del pas q(ue) hauia tenir em castella En lo nom(bre) de deu / e de la benauenturada [(virgen)] n(uest)ra senyora ” [fCCXVIIr] “/ e del Apostol senyor sent ja[u]me / yo suero de quiyones caualle(ro) natural vassa[y]ll d(e)l molt alt e molt poderos Rey de [...]”
Explicit (Passo Honroso)	[fCCXXXVv] “[...] vos trametem la present p(er) n(ost)res mans p(ar)tida p(or) a. b. c. sots scrita de n(ost)res mans sag(e)llada ab lo sagell de n(ost)res arnes feyta en valence dimarts a xviii de jener any m(i)l cccc xxxv. Johan fabra Pere fabra ./.”

Ficha técnica 6 – BNE Mss 7811.

O Mss/7811, digitalizado pela Biblioteca Nacional de España, tem sua produção estimada entre o último terço do século XV e para a primeira metade do XVI²⁵. O manuscrito possui 532 fólhos de papel numerado e contém cartas de desafios, assunto característico de cavalaria, a maioria entre cavaleiros catalães, mas também envolvendo cavaleiros de outros reinos, como é o caso das cartas relacionadas ao Passo Honroso. Estas cartas são: os capítulos do evento (fólhos CCXVIv a CCXVIIIv); correspondências entre dois cavaleiros catalães e dois participantes do Passo Honroso (fólhos CCXVIIIv a CCXXIIIv); relacionadas às correspondências anteriores, outras duas cartas por cavaleiros diferentes (fólhos CCXXV a CCXXVIIr); e correspondências entre dois cavaleiros valencianos e dois defensores do Passo Honroso (fólhos CCXXVIIr a CCXXXVv).

²⁴ Ver mais: BITECA manid 1565.²⁵ Como informa o catálogo BNE e BITECA.

Cartas presentes no BNE Mss 7811	Fólios
Capítulos do Passo Honroso	CCXVIv-CCXVIIIv
Correspondências dos catalães	CCXVIIIv-CCXXIIIv
Cartas de Ramon de Soler e Pero Pardo de la Casta	CCXXV-CCXXVIIr
Correspondências dos valencianos	CCXXVIIr-CCXXXVv

Tabela 4 – Cartas presentes no BNE Mss 7811.

No verso da capa do códice encontra-se escrito: “Del Conde de Cervellon”, esta informação se complementa com o que se encontra no reto do primeiro fólio: “este libro es de don Diego Vi- | que”, no que se pode interpretar tanto como um antigo proprietário, quanto duas pessoas distintas. A encadernação se inicia com um fólio em branco, cuja adição parece posterior, seguido de outros quatro fólios em branco da encadernação original. Daí observa-se sete fólios de índice, seguidos de mais cinco fólios, para então introduzir os fólios paginados. Os fólios estão numerados em algarismos romanos até o CCCCLXXXI, para ser substituído por arábicos no seguinte, o fólio 492, que seguirá até o fim do códice. Terminado o conteúdo, há um último fólio em branco, da encadernação posterior.

O índice inicial parece indicar corretamente a ordenação de conteúdos e seus respectivos fólios, exceto a parcela numerada em algarismos arábicos, que não aparece no índice, provavelmente incluída posteriormente. Existe mais de uma marcação para organizar a encadernação, como é o caso de alguns fólios que contém a palavra inicial do fólio seguinte, mas a marcação mais constante é a de letras, assinalando cada caderno em ordem alfabética. Contam-se 31 cadernos, de A a Z, e em novo ciclo, A a I. Porém, a contagem de fólios em cada caderno através desta marcação se mostra sem um padrão, existindo cadernos com sete fólios no mínimo e 27 no máximo. Dividindo o manuscrito em partes, vê-se que de A a T a maioria dos cadernos possui entre 20 e 22 fólios, apesar de variar entre 27 fólios no maior caderno e 15 no menor, do caderno V ao I (do segundo ciclo) pode-se verificar menos fólios por caderno, com uma média entre oito e dez fólios, apesar do maior conter 19 e o menor 7.

O manuscrito contém diversas mãos, todas obedecendo a uma coluna de fólio inteiro, apesar de apresentarem muitas diferenças entre si, variando entre uso de títulos, cores e linhas. A parte inicial conta com duas mãos principais, mas o cenário se transforma nos últimos cem fólios, com muitas trocas de mãos e estilos. Nos fragmentos que tratam do Passo Honroso encontra-se apenas uma mão, que separa os textos em títulos com letras de maior proporção e na cor vermelha, escrevendo o resto em cor preta. As linhas variam entre 32 a 37 por fólio. A letra encontrada no texto referente ao Passo Honroso se assimila à humanística cursiva italiana, de execução rápida. Apesar de manter um tamanho padrão de letras e entrelinhas, por

vezes ultrapassa a área escrita e invade parte da margem, e em outros casos finaliza a linha antes do fim da área escrita. Compreende o uso constante de abreviações, através de sinais diacríticos, como a contração do “q(ue)” e “d(e)l”, e duas formas de suprimir o “p”, uma delas com um traço horizontal atravessando a haste vertical da letra, correspondendo a “por” ou “para”, e a outra com um mácron acima da letra, significando “pre”.

Imagens 21 e 22 – Exemplos de contrações encontradas no BNE Mss 7811, fólhos CCXVIIIv e CCXXIr, respectivamente.

A principal forma de pausa no decorrer do texto está representada na vírgula suspensiva, outras pontuações são o ponto, a vírgula suspensiva seguida de ponto e a vírgula suspensiva dupla seguida de ponto, as três utilizadas em fins de parágrafo. No texto ainda pode ser encontrado, em alguma medida, o uso dos dois pontos e o ponto seguido de vírgula suspensiva.

As margens do códice são utilizadas para múltiplos fins, como comentários, marcações e adições ao conteúdo, e dada a extensão do mesmo, a função das margens se modifica de acordo com o texto. Nas cartas do Passo Honroso, as margens são utilizadas apenas para a adição de conteúdo ao texto original quando não é possível adicionar nas entrelinhas, estas adições estão normalmente acompanhadas por uma vírgula suspensiva seguida de ponto (/.). Por vezes, adicionam-se mais de um trecho por fólho, e por isso são utilizados símbolos diversos para sinalizar em que lugar do texto os respectivos trechos marginais se encaixam.

Imagens 23 e 24 – Símbolos utilizados nas margens do BNE Mss 7811 para adição de trechos no texto, fólho CCXXIIIv.

Além destas adições, também se observam correções ao conteúdo, com riscos horizontais sobre palavras ou frases e sua retificação nas entrelinhas.

Uma vez que aparenta ter sido alterado repetidas vezes ao longo do tempo, e dada sua extensão, é notável que a preservação do manuscrito foi comprometida, apesar de não haver perdas significativas de conteúdo nos fólhos do volume. Existem muitas marcas que provém do uso, alguns fólhos estão deteriorados nas margens (e.g. fólhos I a XVI, LXVII, CXXXIII, CLXXXI), encontram-se tinta ou resíduos de cera (e.g. fólhos XXIV e XXIIr, XXXIV e

XXXIIr, LXXXIIr, CVIIIv, CLXXXIIIv, CCXXXIV e CCXXXIIr, CCCXIIr, CCCXXVIIv, CCCLXXv e CCCLXXIr, CCCLXXIIIr, CCCCXXXVIV, 523v), e partes em que possivelmente foram sujeitos ao contato com líquidos (e.g. fólhos CCXVIII a CCXXIII, CCXXX a CCXXXVI, CCCCVIII a CCCCXV).

Imagem 25 – BNE Mss 7811, folio CCXXXIIr.

1.1.7 – BNE Mss 18444

BNE Mss 18444	
Reprodução	Digitalização
Título	Letres de batalla
Biblioteca	Biblioteca Nacional de España
Datação aproximada	s. XV-XVI
Proveniência	Pascual de Gayangos
Conteúdos	Cartas de desafios de cavalaria.
Suporte material	Papel
Número de fólhos	310
Organização dos fólhos	1 + 310 + 9 (a partir da digitalização) I + A-C + I-CCCX + 10 (a partir do catálogo BITECA ²⁶)
Número de mãos	Várias
Texto do Passo Honroso	
Título	Sem título
Número de fólhos	5 fólhos e um reto (de CLXIII a CLXVIIIr)
Número de mãos	1 mão
Número de linhas	Entre 37 e 43 linhas.
Seções do texto	Textos separados e introduzidos por título.
Incipit (Passo Honroso)	“Letres /de batalla\ fetes per moss(e)n franci d(ez)vall e moss(e)n Riambau de corbera de una part coutra moss(e)n suero de quiñyoes e altres cauallers e gentils homens castellans [...]” (fólio CLXIIIr)
Explicit (Passo Honroso)	“[...] sus ditas deullant E paguellas faents tota volta que demanant ne request ne sia †n(in)g(un)†” (fólio CLXVIIIr)

Ficha técnica 7 – BNE Mss 18444.

O manuscrito BNE Mss 18444, digitalizado pela Biblioteca Nacional de España, possui 310 fólhos de papel numerados, sendo datado, a partir das letras utilizadas, entre os fins do século XV e primeira metade do XVI²⁷. O conteúdo do BNE Mss 18444 é sintetizado por seu título, são correspondências de desafio e batalha trocadas entre nobres, em sua maioria catalães, navarrenses ou valencianos, seguindo a temática de cavalaria. Entre estas cartas estão as trocadas entre Suero de Quiñones e Juan de Benavente com dois cavaleiros catalães que participaram do Passo Honroso, totalizando nove (fólhos CLXIIIr a CLXVIIIr), e mais uma carta em forma de relato, ou testemunho, contida apenas neste códice (fólhos CLXVIIIr e CLXVIIIr).

²⁶ Ver mais: BITECA manid 1179.

²⁷ Como informa o catálogo BNE e BITECA.

Cartas presentes no BNE Mss 18444	Fólios
Correspondências dos catalães	CLXIIIr-CLXVIIIr
Carta testemunho	CLXVIIIr-CLXVIIIr

Tabela 5 – Cartas presentes no BNE Mss 18444.

No verso da capa deste volume pode-se encontrar seu número de chamada, no reto do fólio seguinte encontram-se inscrições e três carimbos de um mesmo brasão. Nos três fólios que seguem ainda não há numeração, e neles encontra-se o índice da obra; no primeiro pode-se observar um carimbo com a inscrição “Pascual de Gayangos”, que revela um possível dono anterior. O índice está organizado em duas colunas, uma mão escreve até metade da primeira coluna do segundo fólio, outra a completa até o reto do terceiro fólio, o verso deste está em branco. No índice não se encontra correspondência com o conteúdo dos últimos fólios do volume, possivelmente por terem sido adicionados posteriormente. Após este índice inicia-se o conteúdo do manuscrito e a numeração dos fólios, em algarismos romanos, encontrando-se alguns fólios em branco no decorrer do códice, são eles: CCXXXV, CCXXXVIIIv, CCXXXX, CCXXXXII, CCXXXXIIIv, CCXXXVv, CCXXXVI, CCLVIIIv, CCLVIIIr, CCLXv, CCLXI, CCCVIIIr, CCCXv. Os fólios numerados seguem com conteúdo até o CCCX, mas ainda podem ser encontrados sete fólios numerados e sem conteúdo, nesta ordem: CCCXV, CCCXVI, CCCXVII, CCCXVIII, CCCXX, CCCXXI, CCCXXIII, esta foliação desordenada pode apontar para perdas ao longo do tempo ou mesmo a simples numeração equivocada. Outros dois fólios em branco e não numerados encerram o volume.

Observando a composição do manuscrito não se encontram palavras-chave ou outras formas de organização dos cadernos, fora a própria numeração dos fólios. Em relação às danificações notadas na obra, vê-se que a parte externa dos fólios está com pequenas deteriorações, consequência do tempo e provavelmente do uso. Além disso, identifica-se que a tinta utilizada para títulos ou iniciais agiu nos fólios, marcando e manchando os mesmos, quando não os deteriorando, devido, provavelmente, à sua acidez (fólios IV, V, XIII, LXXIII a LXXXVIII, CCXXIII, CCXXIII, CCXXVI a CCXXVIII). Outros danos estão ligados a alguns furos entre os fólios LVII a LXXI, que podem provir de algum apoio utilizado por algum leitor ou a ação de insetos, e algumas manchas, derivadas de gordura, líquidos ou cera (fólios CXXXXIII a CXXXXV, CXXXXVIII, CLXXXVIII, CCXXXXVI, CCLIII a CCLVII, CCLXX a CCLXXIII, CCLXXX e CCLXXXI).

Diversas mãos podem ser encontradas no Mss 18444, principalmente ao fim do manuscrito, quando parece haver adições posteriores de conteúdo. No conteúdo referente ao

Passo Honroso se encontra apenas uma mão, ainda que muito inconstante quanto aos seus padrões de escrita, que parece seguir o mesmo estilo das mãos encontradas nas primeiras partes do manuscrito, com uma letra humanística cursiva italiana, de execução rápida, com baixo grau de formalidade, e com traços bastante delgados. O texto está em fólho inteiro, variando entre 37 e 43 linhas, e há separação por títulos, estes centralizados e escritos em letra maior e mais larga, com alguns ornamentos simples, mas possuindo a mesma cor do texto.

Imagens 26 e 27 – Decorações simples encontradas ao lado dos títulos no BNE Mss 18444, fólho CLXVv.

Existe um padrão quanto à apresentação das cartas no manuscrito, em que se introduz a troca de cartas entre determinados cavaleiros com um título, seguem os textos das cartas, identificadas pelos nomes de cada remetente ao fim das mesmas, e ao fim da correspondência inicia-se outra troca entre cavaleiros diferentes, introduzidas por novo título. Assim como os títulos, são utilizadas iniciais maiúsculas, algumas com ornamentos ou desenhos. Estes padrões se tornam inconstantes a partir do fólho CCXXXII, quando há mais variação entre mãos e suas características de escrita.

Sobre a pontuação, não há diversidade, havendo majoritariamente a vírgula suspensiva, para criar intervalos, ou o ponto, utilizado em casos muito específicos, e não necessariamente determinando um encerramento. As abreviações são muito utilizadas, o que é compatível com o estilo de escrita de rápida execução encontrado no manuscrito, frequentemente suprime-se o “p” para significar “par”, “per” ou “por”, como em “p(er)sona”, e também há supressões de vogais ou de sons nasais, com o uso do sinal diacrítico.

Nas margens do volume pode-se encontrar muitas marcações de passagens, principalmente manículas (e.g. fólhos Iv, IIr, IIIIr, XVIIIr, LVv, LVIv, LXXXr, CXXVr, CXXXIIIr), mas também com notas ou ornamentações marcando trechos. Elas ainda são utilizadas para corrigir ou fazer adendos ao conteúdo. Nas margens dos textos das cartas do Passo Honroso, existem apenas duas anotações marginais, no caso, adições de palavras ao texto, como forma de corrigi-lo. Correções dentro do texto são realizadas com riscos no sentido horizontal por cima da palavra ou trecho.

Vanse pueda estatuyendo vos que agny fallares de camalleros
 o gentilles hombres tales que nuygun camallero del mundo no
 los queto que la quitaran luego este finto que son tales
 que pues vosotros ados olvidados de nobatir y amor de vos
 e de la fazer finisio en este caso que muy presuntamente con
 ayuda suya vos embiaran oclame de el e de saber quien son
 no vos tucogis ni se mas estirpe sobre esto caso si en plazo no
 vos viene de fazer lo fuso dityo fustis vos de no recebir
 nuestra guerra que no so camallero que me pague de fepos
 darinas don es en daff la espasa a p vos reponda por esta
 carta firmado de my nombre e sellada del seple de mys ar
 mas pto y a h o. Paso en ell pas de lo guento
 de vingo ell dia del bene venturado apostoll seyyor sanz
 jago año del mil quatrocentos cinco quatro años

Suero de quymones x

Letra feta per lo comte de benaueit
 Amosk franci d'ual e amossen
 Rianbau de corbera

Mossen franci d'ual e mossen Rianbau de corbera vnta
 una letra per vos enviada a mossen Suero de quymones camal
 lero la qual demostra vnto de vnto camallero p pposito ser por
 amor del seyor soberano e alonni del be hancado apostol san
 tya de librar al dnto mossen Suero de quymones todas las
 tanfas porque el fuesse rescatada de su pneston a fin d'los demo
 tos romeros non se detemidos e q'amos des n de vnto y don
 fultran de benaueit amigo lnyo entanto grado en n d' que en el
 peligro tanto non seya por q'niar los des astros que en los fci
 xos de las armas d'vnter e fnele n raxon me vntemx que
 en este amoroso passo armas no fziello senendo este la rontra
 de my desexo yo vote al n casa del apostol ya dnto no y fstra

1.2 – HISTORIOGRAFIA E EDIÇÕES

Estabelecidas as análises codicológicas e paleográficas das sete fontes selecionadas para esta pesquisa, e antes de seguir para uma observação em pormenores das mesmas, é importante apresentar uma relação das produções bibliográficas acerca do Passo Honroso de Suero de Quiñones e as fontes vinculadas ao mesmo. Produções compreendidas aqui pelas edições críticas contemporâneas e as demais pesquisas que tratam do evento, perspectivando-o por temáticas diversas. Esta seção visa, em um primeiro momento, listar autores e obras que trabalharam com as fontes para a criação de edições críticas, e depois, elencar autores de pesquisas variadas, apresentando-as brevemente e expondo suas relações com o Passo Honroso, avaliando, ainda, quais fontes ou edições foram mais utilizadas por esta historiografia.

1.2.1 – EDIÇÕES CRÍTICAS

Alguns esforços já foram feitos com o fim de produzir edições contemporâneas de textos do Passo Honroso, com a transcrição, modernização e adaptação da linguagem, ou mesmo com a tradução para outras línguas. Não há, porém, uma edição que cruze todos os textos mencionados até aqui, e mesmo quando da consideração dos mesmos, cada autor teve de optar por um principal. Apesar do leque de edições encontradas, nem todas puderam ser acessadas pessoalmente, mas fez-se possível identificar o texto que cada uma delas utilizou, como colocado a seguir.

A fonte mais utilizada para as edições críticas foi o impresso de Juan de Pineda, sendo utilizado de forma exclusiva nos trabalhos de Carlos Javier Taranilla de la Vega (2014), José Manuel Trabado (2007), em uma edição da Espasa-Calpe, Madrid, com nota preliminar de Martín de Riquer (1970), na tese de doutorado de Percy Griffith Evans pela Universidade de Illinois, nomeada “A Critical Annotated Edition of El Passo Honroso de Suero de Quiñones” (1930), e em um fac-símile de uma reprodução da biblioteca de Archer M. Huntington, publicada pela De Vinne Press, Nova York, em 1902. Em 1783 foi organizada uma edição por José Miguel Flores e impressa por Antônio de Sancha, como mencionado anteriormente²⁸, no qual foi reeditada por Fernando Arroyo Ilera em duas ocasiões (1970; 2008). É perceptível que o texto impresso de 1588 foi o mais utilizado tanto em edições quanto por parte da

²⁸ Ver página 20, nota 3.

historiografia que trabalha com o Passo Honroso, como se verá em seguida, por sua maior difusão. Por outro lado, algumas edições tomaram o trabalho de Juan de Pineda como menos importante que os manuscritos, principalmente em relação ao RBME f.II.19, tomado como mais completo entre os volumes. Noel Fallows, por exemplo, se refere ao manuscrito como “[...] a cópia mais completa deste texto a ter sobrevivido [...]”²⁹ (2010, p. 237). Ainda, a condição de livro abreviado parece ter conferido um menor grau de legitimidade para o impresso de Pineda, a exemplo, novamente, da edição de Fallows, que utilizou o texto apenas para a ocasião de “*lectio difficilior*” (uma checagem de termos incertos) ou notações relevantes para sua tradução em inglês (2010, p. 314). Dada esta percepção de que o manuscrito RBME f.II.19 seria o mais completo entre seus pares, este tomou o primeiro plano nas demais edições.

Três produções são listadas aqui: a de Amâncio Labandeira Fernández, de título “Pero Rodríguez de Lena, El passo honroso de Suero de Quiñones”, em 1977; a de Juan Espadas, “El passo honroso de Suero de Quiñones: Edición crítica y estudio preliminar” de 1978; e, em partes, Noel Fallows, que em seu livro “Jousting in Medieval and Renaissance Iberia”, de 2010, publicou uma série de trechos do Passo Honroso para embasar seus estudos. Apesar dos três tomarem a narrativa do manuscrito RBME f.II.19 como principal, estes se diferenciam por outros manuscritos utilizados: Labandeira Fernández aborda o RAH 9/213, o BMP M-104 e o BNE RES/27; Juan Espadas levanta variações textuais observadas no BMP-M104 e no BNE R/1197; Noel Fallows realiza um cotejo de forma mais completa, considerando a variedade de manuscritos que os dois anteriores utilizaram, ainda que o impresso de Pineda seja considerado menos relevante em sua colação, como relatado. Espadas e Fallows tecem algumas críticas ao trabalho de Amâncio Labandeira Fernández, uma delas é a escassa comparação de outros textos com o RBME f.II.19, principalmente com o de Juan de Pineda, como afirma Juan Espadas em sua resenha crítica sobre a edição (1979, p. 531). Outras estão associadas à estrutura e à omissão de alguns fólios ou palavras (pp. 531-532), e mesmo por transcrições equivocadas ou erros de interpretação (FALLOWS, 2010, p. 313). Ainda assim, percebe-se que, quantitativamente, a edição de Labandeira Fernández tornou-se a favorita dentro da historiografia que trabalha sobre, ou cuja investigação toca, o Passo Honroso.

É possível notar, a partir deste levantamento, que ainda não há uma edição que estabeleça uma colação de todos os textos conhecidos do Passo Honroso, sem que haja a desconsideração de um (BNE R/1197, por ser abreviado) ou a priorização de outro (RBME

²⁹ Tradução livre: “[...] the most complete copy of this text to have survived [...]”.

f.II.19 como mais completo). Esta característica é reforçada pela completa ausência das coletâneas de cartas (BNE RES/27, BNE Mss 7811 e BNE Mss 18444) nas edições contemporâneas, e quando não ignoradas, acabam por serem retiradas do trabalho final de colação, como ocorre no livro de Noel Fallows (2010)³⁰. O trabalho mais significativo relacionando as cartas com outros textos está em Martín de Riquer, “Caballeros andantes españoles” (2008), que será tratada em seguida, uma vez que sua pesquisa não busca uma edição crítica.

1.2.2 – HISTORIOGRAFIA

Em uma observação atenta sobre a utilização do evento e narrativa do Passo Honroso pela historiografia, observam-se algumas repetições. Em uma primeira colocação, evidencia-se que são excepcionais as pesquisas que tomam o Passo Honroso como tema central, e ainda mais raro são aquelas que enfocam em uma análise dos diversos textos encontrados sobre o mesmo. Uma vez que a narrativa possui muitas singularidades, parte predominante da historiografia, principalmente pesquisadores cuja temática aborde a Espanha, toma o Passo Honroso como exemplo para conclusões diversas, relacionando-o com a problemática de suas pesquisas. É frequente que apresentem uma introdução sobre a história e motivação de Suero de Quiñones, passando a tratar de alguns detalhes específicos da narrativa, como lanças rompidas e número de participantes. Também é comum que ressaltem o texto como um dos mais conservados e detalhados sobre esta prática na época.

A historiadora Maria Concepción Quintanilla Raso em seu livro “Nobleza y caballería en la Edad Media” (1996), ao tratar do modo de vida da cavalaria, destaca o Passo Honroso como um exemplo conhecido e bem documentado de passo de armas, atividades que seriam a evolução dos torneios de outrora, mais voltados ao aspecto cerimonial (p. 53). Outras pesquisas que utilizam o Passo Honroso como exemplo, ressaltando-o como uma festividade de cavalaria e descrevendo sua narrativa brevemente, são: o livro do historiador Miguel Ángel Ladero Quesada, “Fiestas en la cultura medieval” (2004, pp. 130 e 134); e o artigo de Laura Carbó, “La fiesta, socialización y prevención del conflicto: Castilla, siglos XIV y XV” (2010, pp. 134-135).

³⁰ Fallows justifica a retirada dos textos por seu caráter fragmentário, “These are so fragmentary that I have discounted them from the collation” (Tradução livre: “Eles são tão fragmentários que eu os retirei da colação”) (p. 314).

O uso do evento como uma forma de exemplificar ou concluir argumentos é constante na historiografia. Victor M. Gibello Bravo traz a questão da violência da nobreza e o valor catártico que estaria presente seu modo de vida, representado nas festas de cavalaria. Em “La Violencia convertida en Espectáculo: Las Fiestas Caballerescas Medievales” (1999), após breve explanação dos acontecimentos do Passo Honroso, citando-o como um dos acontecimentos festivos mais conhecidos da Idade Média, considera que todas as motivações colocadas para a realização do evento não seriam mais que pretextos para tornar a existência diária dos nobres envolvidos em um jogo, desafio e ostentação (p. 163). Partilhando de uma ideia similar, Rosana de Andrés Díaz, no artigo “Las fiestas de caballería en la Castilla de los Trastámara” (1986), após contextualizar alguns fatos, conclui que o Passo Honroso é uma evidência da tendência nobre em romantizar sua vida (p. 94).

De forma ainda mais pontual, os trabalhos de Jesús D. Rodríguez Velasco, “El Debate Sobre la Caballería en el Siglo XV” (1996), de José Luis Martín e Luis Serrano-Piedecabras, “Tratados de Caballería. Desafíos, justas y torneos” (1991), e Don Enrique Leguina, “Torneos. Jineta, Rieptos y Desafíos” (1904), trazem questões específicas do Passo Honroso para seus trabalhos. O primeiro ao explicar da existência de oficiais como os juízes e os reis de armas (1996, p. 40); o segundo relata dos votos de cavalaria presentes nos passos de armas, expondo os capítulos de Suero de Quiñones como exemplo (1991, pp. 204-205); e o terceiro levanta o evento como uma das festividades ocorridas no século XV (1904, p. 19), além de ponderar sobre o risco de morte que estas atividades envolviam, citando o caso fatal ocorrido no Passo Honroso (p. 28). Isabel Beceiro Pita, em “Modas estéticas y relaciones exteriores: La difusión de los mitos artúricos en la Corona de Castilla”, apenas exemplifica com o evento em questão da presença de personagens literários, principalmente do ciclo arturiano, nos hábitos da cavalaria do século XV (1993, p. 138). Maria Luzdivina Cuesta Torre, ao tratar de realidade histórica em livros de cavalaria, exemplifica o Passo Honroso como um acontecimento histórico assemelhado com as ficções, no artigo intitulado “La realidad histórica en la ficción de los libros de caballerías” (2001).

Por fim, enquanto Charles Mills em “The History of Chivalry” se restringe a expor uma narrativa ornamentada do Passo Honroso (1825, pp. 292-295), outros recorrem ao mesmo apenas para tratar de sujeitos chave: Marqués de Alcedo com “Un olvidado pleito del siglo XV. La herencia de Suero de Quiñones” (1926) e César Alvarez Alvarez em “Los Quiñones-Condes de Luna durante la baja Edad Media” (1981) abordam Suero de Quiñones e sua linhagem. Sobre este mesmo personagem, destaca-se o trabalho de Luis Alonso Luengo,

“Don Suero de Quiñones, el del Paso Honroso” (1943), que busca traçar uma biografia detalhada do cavaleiro que empreendeu o passo de armas em questão, que apesar de basear-se em documentações, tende ao flerte com a ficção, trazendo traços de romance para a narrativa (MOREJÓN, 1954, p. 79). Autores que escrevem sobre outros sujeitos são: Eloy Benito Ruano em “Lope de Stúñiga, Vida y Cancionero” (1968), tratando da biografia e escritos de Lope de Estuñiga; e Laureano M. Rubio Pérez em “Los Bazan: Un linaje leones con señorío en la baja Edad Media” (1981), com uma pesquisa sobre a linhagem dos Bazán, perpassando por um dos cavaleiros que participou do Passo Honroso, Diego de Bazán (p. 82).

Além desta maioria que utiliza o evento apenas sumariamente e a título de exemplo, existem algumas pesquisas que buscam maior aprofundamento, tratando do contexto político, tais como os trabalhos de Richard Barber e Juliet Barker, “Tournaments: Jousts, Chivalry and Pageants in the Middle Ages” (1989); os ideais de cavalaria, como em Percy Griffith Evans, “A Spanish Knight in Flesh and Blood - A Study of the Chivalric Spirit of Suero de Quiñones” (1932); ou aspectos literários, como o artigo de Santiago Agustín Pérez, “Puente del Orbigo, 1434: realidad histórica y trama narrativa en El Paso Honroso de Suero de Quiñones” (2009) e de Lilia Ferrario de Orduna “Realidad histórica y ficción novelesca. En torno al Paso honroso de Suero de Quiñones, a la literatura caballeresca y al Quijote de 1605” (1999). A identificação do Passo Honroso e seus personagens com o protagonista Dom Quixote de La Mancha não se resume ao artigo anteriormente mencionado, existem ainda outras ocorrências, como o trabalho de Alfonso Camín, “Don Suero de Quiñones O el Caballero Leonés. De cómo encuentro Cervantes la figura de Don Quijote” (1967), e de Antonio López Ruiz e Antonio Moreno Martín “Sobre la alcurnia de Don Quijote: Gutierre Quijada” (1987).

Ressalta-se, porém, algumas pesquisas que tomaram o Passo Honroso como sua temática exclusiva, em que se relativizam os textos existentes e por vezes trabalham com mais de um deles, entre eles o artigo de Julio Garcia Morejón, “‘El Paso Honroso’ de Suero de Quiñones. Contribución ao estudo do ‘outono da Idade Média Espanhola’” (1954), que analisa os manuscritos que o autor entrou em contato e levanta hipóteses sobre os outros que o mesmo tomou conhecimento, apesar de enfrentar as limitações colocadas pelo tempo em que escrevia. Da mesma forma, as “Relaciones de solemnidades y fiestas públicas de España” de Jenaro Alenda y Mira (1903) descrevem algumas fontes nos quais o bibliotecário entrou em contato. Estas relações foram extensivamente utilizadas no artigo de Morejón, sendo as fontes comentadas por ambos, as mesmas, quais sejam: o RBME f.II.19, o BNE R/1197 e o BNE RES/27. Ainda, o livro “Jousting in Medieval and Renaissance Iberia”, de Noel Fallows

(2010), publica alguns trechos do texto do Passo Honroso, considerando variações textuais de outros manuscritos, e analisa seu conteúdo, traçando hábitos comuns às justas praticadas na Península Ibérica através dele. Verificam-se alguns trabalhos de Martín de Riquer, que além de considerar o RBME f.II.19 e BNE R/1197, trabalha com as correspondências que se deram no decorrer do evento, e temas como a cavalaria andante e literatura, destaque para seu discurso de recepção na Real Academia Española, “Vida Caballeresca en la España del siglo XV” (1965), e sua obra “Caballeros andantes españoles” (2008)³¹.

Apontadas estas tendências julgadas principais na historiografia, apesar de não abordar a completude de estudos acerca do Passo Honroso, interessa averiguar que textos e fontes foram mais utilizados para a formulação destes trabalhos.

É possível traçar algumas inclinações quanto ao texto ou edições mais utilizadas pelas pesquisas mencionadas. Primeiramente, nota-se que na maioria dos trabalhos não se busca mais de uma fonte para trabalhar com o Passo Honroso, o que pode se explicar pelo fato de que os mesmos não pretendem uma análise de maior profundidade. Em seguida, vê-se que a edição lançada por Amâncio Labandeira Fernández em 1977 determinou o uso do f.II.19 a partir da data de sua publicação. As pesquisas que utilizam a edição de Amâncio Labandeira Fernández, citadas anteriormente, são: Pérez (1981), Barber e Barker (1989), Martin e Piedecabras (1991), Pita (1993), Velasco (1996), Gibello Bravo (1999), Orduna (1999), Quesada (2004) e Pérez (2009). Excetuam-se aí os estudos de Rosana de Andrés Díaz (1986) e Laura Carbó (2010), que utilizam a edição de 1783, do erudito José Miguel Flores, que em conjunto do texto de Juan de Pineda, era a mais utilizada antes da publicação de Labandeira Fernández, a exemplo de Charles Mills (1825), Marqués de Alcedo (1926), Eloy Benito Ruano (1968) e Don Enrique Leguina (1904). Nos trabalhos de Camín (1967), Alvarez Alvarez (1981), Ruiz e Martín (1987) e Quintanilla Raso (1996) não há especificações sobre suas fontes ou bibliografias. Demais estudos, que utilizam mais de um texto, são os de Jenaro Alenda y Mira (1903), Luis Alonso Luengo (1943), Julio G. Morejón (1954), Martín de Riquer (2008) e Noel Fallows (2010).

Ainda que existam edições críticas e artigos que tratem da investigação de parte das fontes apresentadas neste capítulo, não há, como observado na historiografia citada, um trabalho que se proponha ao objetivo de abordar a produção das fontes do Passo Honroso e a traçar comparações. Partindo das análises codicológicas e paleográficas, percebe-se que as

³¹ Demais obras que tocam a mesma temática, por Martín de Riquer: “Caballeros catalanes y valencianos en el Passo Honroso” (1967); “Cavalleria fra Realtà e Letteratura nel Quattrocento” (1970); “Caballeros medievales y sus armas” (1999).

fontes apresentadas possuem semelhanças e diferenças entre si, e desta forma, faz-se necessária uma pesquisa que busque a análise e comparo sistemático de seus conteúdos e formas, a fim de relacioná-las. Os capítulos que seguem trazem esta intenção, de aprofundar as observações aos textos, tanto individualmente quanto coletivamente, pretendendo trazer elucidações acerca de suas produções, interações e variações.

CAPÍTULO 2 – APRECIÇÃO DE UMA CONSTELAÇÃO DOCUMENTAL: ANÁLISE E COMPARAÇÕES DAS VERSÕES NARRATIVAS DO PASSO HONROSO

Com a apresentação técnica das fontes, disposta no primeiro capítulo desta pesquisa, é possível notar que os textos apresentam conteúdos mais ou menos extensos e mais ou menos semelhantes, e os tipos de fontes encontrados permitem que se faça uma divisão das mesmas em dois grupos distintos, elaborados para esta pesquisa visando o aprofundamente analítico. O primeiro grupo, que será analisado neste capítulo, estaria composto das narrativas, que mesmo lacunares ou parciais, traçam um enredo, uma cronologia de eventos que conta os acontecimentos do Passo Honroso de Suero de Quiñones, sendo elas: o RBME f.II.19, o RAH 9/213, o BMP M-104 e o BNE R/1197. O segundo grupo, que será abordado no capítulo 3, é formado pelas coletâneas de cartas, ou epistolários.

Este capítulo volta-se para uma análise exegética de quatro textos relacionados ao Passo Honroso de Suero de Quiñones e sua subsequente comparação. A investigação visará um olhar atento sobre as lacunas presentes nos códices, os escribas que participaram de sua produção, as formas e os conteúdos encontrados entre os fólios, buscando relações de aproximação e distanciamento entre os textos.

As fontes organizadas na tabela a seguir (Tabela 6) representam o Grupo 1, e trazem textos com versões da narrativa do Passo Honroso, variando entre mais e menos lacunares, ou mesmo uma versão abreviada. Todas pertencem ao século XVI, uma delas com datação precisa, de sua publicação impressa. Serão analisadas individualmente por seu conteúdo e composição como manuscritos – e impresso –, uma vez que possuem, ora mais de um conteúdo, ora lacunas e fólios em branco no decorrer da escrita. Em seguida, serão dispostas para cotejo de seus textos e características.

Manuscrito / Referência	Título em catálogo (reduzido)	Local	Data estimada	Descrição	Conteúdo
f.II.19	[...] El paso honroso de Suero de Quiñones / por Pedro Rodríguez de Lena. [...]	RBME	Séc. XVI (datação paleográfica)	184 fólios, duas mãos.	1. Discurso do Bispo de Calahorra à época de Henrique IV; 2. Desafio do rei Fernando, o Católico, ao rei Afonso V de Portugal; 3. Livro do Passo Honroso de Suero de Quiñones (lacunar);

					4. Carta de Fernando, o Católico, para a viúva do Grán Capitán.
9/213	Un volumen en 4º, [...]	RAH	Séc. XVI (datação paleográfica)	181 fólhos, uma mão.	1. Cadira de honor, por Juan Rodríguez de Padrón; 2. O Passo Honroso de Suero de Quiñones. (lacunar).
M-104	Libro del Paso honroso de Suero de Quiñones por Pedro Rodríguez de Lena	BMP	Séc. XVI (datação paleográfica)	234 fólhos, duas mãos.	Livro do Passo Honroso de Suero de Quiñones (lacunar).
R/1197	Libro del passo honroso defendido por el excelente cauallero Suero de Quiñones	BNE	1588	139 fólhos, impresso por Cornelio Bonardo	Livro do Passo Honroso de Suero de Quiñones

Tabela 6 – Das narrativas.

2.1 – RBME f.II.19

O manuscrito RBME f.II.19, em um primeiro olhar, apresenta-se como a versão da narrativa do Passo Honroso mais completa entre seus pares, pois abarca a plenitude das justas que teriam ocorrido no evento, além de uma introdução e relato dos preparativos para o mesmo. Esta narrativa é resultado do trabalho de dois escribas, cujas escritas intercalam entre si, normalmente separadas por lacunas, fólhos em branco, possivelmente indicando perda de conteúdo. A troca entre escribas não decorre organicamente, sem que haja, também, um estilo uniforme na apresentação do texto. Esta característica leva à compreensão de que não houve contato ou um trabalho coletivo entre as mãos identificadas no volume, fato que será analisado nesta seção. Da mesma maneira, cada lacuna ou lapso narrativo também será verificado, buscando maior compreensão da produção do manuscrito.

Os conteúdos que compõem o manuscrito, como listado no primeiro capítulo³², apresentam, além do Passo Honroso, três textos referentes a reis e personagens politicamente relevantes no cenário ibérico do século XV. Questiona-se da motivação de incluir as quatro matérias conjuntamente em um manuscrito, para o qual se reitera: o primeiro texto é um discurso do Bispo de Calahorra, Pedro González de Mendoza; o segundo é um desafio do rei Fernando, o Católico, ao rei Afonso V de Portugal; o terceiro é o Livro do Passo Honroso de Suero de Quiñones, sendo interrompido pelo quarto texto; uma Carta de Fernando, o Católico, para a viúva do “Grán Capitán”, que, encerrada, retorna à narrativa do Passo Honroso. O primeiro conteúdo trata do discurso de Pedro Gonzáles de Mendoza aquando da tentativa de alguns nobres castelhanos em derrubar o rei Henrique IV em favor de seu meio-irmão, Afonso, como novo monarca, cenário tratado pelo historiador Joseph F. O’Callaghan, no livro “A History of Medieval Spain” (1975, p. 573). A temática do conflito de sucessão régia em Castela segue com o texto seguinte, costurado por um pequeno trecho indicando que, com a morte de Henrique, sucedeu sua irmã Isabel em conjunto com seu marido, Fernando. O desafio de Fernando, o Católico, para o rei Afonso V de Portugal, trata das ambições deste para o trono castelhano, uma vez que desposou a filha de Henrique IV. Os debates contidos neste texto revelam os argumentos das partes para tornar legítima ou não a invasão do rei de Portugal. Além do Passo Honroso, que ocupa a maioria dos fólios e trata de um evento do início do século XV, durante o reinado de Juan II, a carta para a viúva do “Gran Capitán” traz votos de pesar pelo falecimento do destacado militar. Apesar de tratar de forma abrangente do cenário político ibérico do século XV, não parece haver uma linha mestra para conectar todos os conteúdos. Recorre-se à temática das crises sucessórias em Castela nos dois primeiros textos, e o rei Fernando, o Católico, figura em dois, dos quatro. Os serviços prestados pelo “Grán Capitán” aos Reis Católicos, comandando campanhas vitoriosas sob as ordens destes, como retratado pela medievalista Adeline Rucquoi (1995, p. 210), pode ter levado à sua lembrança no códice.

Acerca de uma datação mais precisa das mãos, para além daquela identificada paleograficamente, há uma consideração de Werner Mulertt, publicada no “Boletín de la Biblioteca de Menéndez Pelayo” (1931-1932), chamada “La fecha del manuscrito Escorialense del ‘Passo Honroso’”, em que busca traçar o período de produção do manuscrito. A argumentação de Mulertt evoca a existência da carta de Fernando, o Católico, para a viúva do Grán Capitán. A partir desta carta, intrometida entre o conteúdo do Passo Honroso,

³² Ver página 27.

apresentam-se alguns dados relevantes para especificar uma datação, referentes aos personagens envolvidos: o rei Fernando, autor da carta; o “Gran Capitán”, Don Gonzalo Fernández de Córdoba e seu falecimento; e a viúva do mesmo. Mulertt parte da data da morte do Gran Capitán, em 1515, e da redação da carta, em 1516, que seria impressa de forma inédita em 1527, nas “Breve parte de las hazañas del excelente nombrado Gran Capitán”, de Hernán Pérez de Pulgar. Dada a primeira aparição em catálogo do RBME f.II.19, no “Inventário de la Biblioteca de El Escorial” de 1576, seria possível circunscrever um período para a produção do manuscrito, entre a data da impressão da carta e a sua primeira catalogação, isto é, entre 1527 e 1576. Porém, após uma breve comparação do conteúdo das duas redações da carta, a que figura no RBME f.II.19 e a impressa de Hernán Pérez de Pulgar, em que são expostas variantes textuais consideráveis, Mulertt pondera que a carta do manuscrito poderia ser anterior à impressa, o que levaria a datação para o momento em que a primeira redação teria ocorrido, antecipando a data de partida do RBME f.II.19 para o ano de 1516 (pp. 242-244). No artigo “‘El Passo Honroso’ de Suero de Quiñones. Contribuição ao estudo do ‘outono da Idade Média Espanhola’” (1954), Julio Garcia Morejón ratifica a comparação de Werner Mulertt e as diferenciações que faz entre as versões da carta, sugerindo, por sua vez, que a carta do manuscrito poderia ser uma reprodução da redigida pelo rei Fernando. Morejón ainda afirma que, dada a disposição da carta no RBME f.II.19, ela teria sido uma inserção de última hora por parte do escriba, seja por familiaridade com a casa do “Gran Capitán” ou por ordem especial de um patrono (pp. 56-57). Cabe lembrar, porém, que esta datação deve servir apenas para o primeiro escriba que aparece no manuscrito, uma vez que este é o responsável pelo traslado da carta para o RBME f.II.19.

Partindo da hipótese que o trabalho entre os escribas não foi coletivo, será necessário averiguar como teria sido a cronologia da produção dos textos. Um primeiro exame sobre a relação das mãos pode ser encontrada no próprio manuscrito, no topo do fólio 1r, onde se encontra uma anotação marginal que aparenta ter sido escrita por uma mão distinta das demais, lê-se:

[...] cosa saluo en el estylo y palabras, todo lo q(ue) esta de la letra destas [primeras hojas en q(ue) ...] | falto lo restante deste libro es del un autor y lo otro del otro quando se hallare codice cump. | de la letra de las hojas que no van de la desta prim(er)a sera bien que se cumpla dellas porq(ue) | es el scriptor de la otra mas succinto y breue y este es muy prolixo (RBME f.II.19, fólio 1r).

Como indicado anteriormente, o primeiro fólio está bastante danificado nas margens, impedindo a devida leitura da notação citada na primeira linha inteira e no fim das demais. A

autoria deste comentário é de difícil rastreamento, porém, é perceptível que trata das mãos em terceira pessoa, retirando-se da produção, e ao mesmo tempo, antecede os danos que o fólio sofreria com o tempo, uma vez que sua escrita não evita os mesmos. Apesar da dificuldade de transcrição e leitura, vê-se que o comentário aponta para a presença de dois autores distintos no manuscrito, definindo a primeira mão como mais prolixa e a segunda como mais sucinta e breve. No mesmo sentido da notação, Julio G. Morejón (1954) avalia que o segundo escriba seria menos preocupado com minúcias, diferente de sua contraparte, e teria deixado as linhas de difícil compreensão de seu manuscrito base de lado, argumentando da seguinte forma:

Achando-se inacabada a cópia, que o primeiro copista começou, do manuscrito escorialense, continuou-a o segundo copista, até completá-la, seja por ordem de algum nobre afeiçoado à história, e a quem êle servisse, seja por ordem de algum mosteiro ou convento, de quem fôsse escrivão (p. 67).

Para Morejón, o segundo escriba teria entrado em contato com um trabalho incompleto do primeiro, buscando finalizar a obra, à sua própria maneira. Esta hipótese, porém, parece não se sustentar, uma vez que é possível listar indícios que apontam para a direção oposta, isto é, que a mão do primeiro escriba que aparece no manuscrito (M1) teria completado o trabalho da mão que aparece depois (M2).

Um primeiro indício trata da numeração do códice, pois em todos os fólhos da M2 há uma numeração riscada, sendo substituída por uma nova ao lado. A numeração riscada se inicia no fólio 21 e termina no 130, a atualizada segue do fólio 1 ao 184.

Imagem 29 – Numeração riscada em fólio da M2, f131r.

Esta numeração riscada não se repete nos fólhos da M1, que possui uma única numeração – a derradeira. Esta característica indica que o volume, quando reunido, foi paginado após a inserção dos fólhos da M1, necessitando de emendas a uma numeração preexistente nos fólhos da M2. A tabela a seguir apresenta uma comparação entre a numeração antiga e a atual.

Numeração atualizada	Numeração riscada
67 a 76	21 a 30
80	Ilegível
89 (em branco)	35 (em branco)
90 a 184	36 a 130

Tabela 7 – Correlação da numeração atual e anterior (riscada) nos fólhos da M2 do RBME f.II.19.

A numeração riscada expõe uma contagem menor que a atualizada, o que pode ser justificado ao considerar-se a eventual perda de conteúdo, pela extensão que cada letra ocupa, sendo a M2 mais compacta que a M1. Um manuscrito integralmente composto pela M2 preencheria menos fólhos, e os 64 fólhos iniciais do primeiro escriba seriam hipoteticamente redigidos em vinte fólhos pelo segundo.

Outro argumento de que a M1 complementou o trabalho da M2 parte de um conteúdo escrito pelo segundo escriba. Encerrada a narrativa do Passo Honroso, a M2 apresenta um segmento final, semelhante a um índice de fim, com todas as justas que ocorreram durante o evento, de forma cronológica. Neste segmento, pode-se encontrar: o nome de cada aventureiro; com qual defensor fez justas; quantas lanças foram rompidas; e em que fólho se inicia o relato de cada embate. Cabe assinalar, porém, que os fólhos indicados pelo índice estão de acordo com a numeração riscada, dantes mencionada, incluindo menções a fólhos que abarcariam as justas que são contadas pela M1 e não existem no volume atual do RBME f.II.19. Para além da possibilidade de um conteúdo perdido da M2, evidencia-se que a mesma não se relaciona à M1 de forma alguma, mas a afirmação contrária pode ser atestada.

Entende-se com estes dados, que a M1 completou um trabalho lacunar da M2, ou seja, o primeiro escriba encontrado ao se ler o RBME f.II.19 foi posterior ao que se encontra mais à frente no códice. Portanto, a datação do manuscrito, argumentada por Werner Mulertt, se refere apenas aos fólhos da M1, posicionando o texto da M2 para um momento anterior, apesar de ainda pertencer ao século XVI, dada a datação paleográfica.

O conhecimento de que a M1 buscou completar o trabalho da M2 traz a interrogação sobre as lacunas que ainda persistem no códice, quais sejam, do fólho 65r ao 66v, 77r a 79v, 89 e o 184v.³³ A apreciação desta questão deve partir do exame da narrativa, que conteúdos estão ausentes, e a troca entre as mãos no decorrer do manuscrito. Como indicado anteriormente, o trabalho do primeiro escriba inicia-se desde a cópia dos conteúdos não referentes ao Passo Honroso e segue até o fólho 64v, quando da primeira lacuna, momento que ocorre uma mudança entre escribas, aparentemente sem lapsos na narrativa. A segunda mão

³³ Ver página 28 e Imagem 1.

(M2), por sua vez, apresenta-se entre os fólhos 67r e 76v, onde seguem três fólhos em branco, retomando sua escrita no fólho 80. Neste momento a narrativa se torna descontinuada, dando lugar à M1 no fólho seguinte. Entre os fólhos 80v e 81r a narrativa parece continuar intacta, e do fólho 81r ao 88v transcorre a última aparição do primeiro escriba (M1). Após novo hiato, no fólho 89, a segunda mão permanece do fólho 90r ao fim do manuscrito, que se encontrará inacabado no fólho 184v. Nota-se aqui, que dentro da última aparição do primeiro escriba, entre os fólhos 82v e 83r, e na troca com o segundo escriba, entre os fólhos 88v e 90r, a narrativa não segue de forma cronológica. Duas entre as três lacunas são representadas por fólhos com inscrições indicando quais fólhos estão em branco, como se observa nas imagens 30 e 31. O fólho 89 aparece, de fato, em branco, apresentando a numeração riscada (35) e a atual:

Imagens 30, 31 e 32 – Inscrições nos fólhos 65r; 77r; e numeração do fólho 89.

As lacunas demonstradas entre os fólhos parecem, por vezes, silenciar alguns embates, motivo que leva Morejón (1954) a afirmar que o impresso R/1197 possui mais conteúdo que o RBME f.II.19 (p. 67). Terá de se concordar com Morejón a respeito da existência de acontecimentos no impresso de Juan de Pineda que não são apresentados no manuscrito, como se verá na análise do volume³⁴, mas as ausências colocadas por Morejón não são as mesmas que serão ressaltadas aqui. É possível supor que o teórico confundiu-se entre os fólhos do manuscrito, pois os embates supostamente silenciados são apresentados em fólhos posteriores, o que evidencia a existência de algumas descontinuidades na narrativa em sua composição atual, ou seja, há uma desorganização nos fólhos do códice, sendo necessária uma reordenação.

Tratando-se exclusivamente de cronologia, o RBME f.II.19 segue uma narrativa coerente entre os fólhos 1r e 76v, mesmo com a mudança de mão que ocorre entre o 64v e 67r, e da mesma forma, entre o 90r até o fim do manuscrito. O descuido com a organização dos fólhos, corroborado pela numeração final, está no momento em que a M1 e a M2 se intercalam com mais frequência, entre os fólhos 76v e 80r, 80v e 81r, e 88v a 90r.

³⁴ Ver página 116.

O trabalho de reorganização é fundamentalmente mecânico, e consiste em encaixar os conteúdos descontínuos com suas devidas sequências em fólhos posteriores, segue a recomposição: ao fim do fólho 76v, escrito pela M2, Vasco de Barrionuevo aceita ser armado cavaleiro por Suero de Quiñones, ao passo que o próximo fólho com conteúdo, o 80r, também pela M2, apresenta a primeira carga da justa entre Gomez de Villacorta e Juan Freyre. Há um evidente lapso na narrativa. Avançando para o fólho 83r, escrito pela M1, vê-se que o relato é a própria investidura de Vasco de Barrionuevo, ou seja, posicionando os fólhos 83r a 88v logo após o fólho 76v, nota-se que a narrativa segue de forma fluida, incluindo a passagem entre o fólho 88v e o 80r, compondo as justas de Gomez de Villacorta contra Juan Freyre. Ainda, no espaço onde os fólhos estavam deslocados, o fólho 82v liga a narrativa da chegada de Bernal de Requesenes com as justas seguintes, de Juan de Camoz, do fólho 90r. Desta forma, pode-se identificar que apenas a ordenação dos fólhos da M1 se encontrava equivocada. Como consequência desta reorganização, passam a existir cinco trocas de mão ao invés das três anteriores³⁵, e as lacunas citadas anteriormente não representam, aparentemente, lapsos na narrativa, resultando na seguinte composição:

Imagem 33 – Reorganização dos fólhos do RBME f.II.19.

A nova organização permite reforçar a perspectiva de que a escrita da M1 completa o trabalho da M2, ainda que também se possa concluir que a numeração nova corrobora com a narrativa descontinuada, sendo possível que tenha sido registrada de forma descuidada ou por outra mão. Com uma narrativa cronologicamente correta, percebe-se que os escritos da M1 buscaram escrever apenas o necessário para preencher os espaços vazios da M2, como pode ser visto em duas ocasiões em que o primeiro escriba interrompe sua escrita antes do fim do fólho, por já ter alcançado o conteúdo da M2.

³⁵ Ver Imagem 1 na página 28.

Imagens 34 e 35 – Fólhos 82v e 88v.

Por outro lado, deve-se observar que, apesar da M1 se comportar de maneira a complementar a M2, a parte final do fólho 88r e as cinco linhas presentes em seu verso reproduzem um mesmo trecho encontrado na M2, no fólho 80r, o que pode ter ocorrido por distração ou descuido do escriba. Todavia, constatar este texto similar em ambas as mãos, ainda que reduzido, oferece uma oportunidade para que se possa compará-las, e buscar uma maior compreensão de seus critérios e construção da narrativa. O trecho relata do início das justas entre Gomez de Villacorta e Juan Freyre, em que a narrativa da M1 se inicia com a entrada dos cavaleiros na liça até o fim da segunda carreira, enquanto que a M2 assume a narrativa no momento que os cavaleiros empunham suas lanças para correr a primeira carreira e segue até o fim das justas. Recortados os excertos sincrônicos e dispostos respectivamente, compara-se:

[M1] [...] dentro en el campo e liça fueron amos a dos | sus lanças enristradas con buena continençia mo- | uieron uno contra otro e pasaro(n) una carrera q(ue) no se encontraron || A las dos carreras encontró Gomez de Villacorta a Ju(an) | Freyle en el varaescudo de la manopla esquierda y fal- | sogela, y entro en el fierro hasta el ojo e rompió su lan- | ça en el, e lleuo el fierro con un pedaso de la lança pu- | esto por el barraescudo fasta en cauo de la liça q(ue) se lo sacaro(n). (RBME f.II.19, fólho 88)

[M2] campo pusieron sus lanças en los ristres y mouiero(n) el uno contra el otro co(n) | buena ardideça de caualleria, e passaro(n) ehta carrera q(ue) no(n) se encontraro(n) | a las dos carreras q(ue) passaro(n) encontró gomez de villacorta a juan fre- | ire en el barastudo de la manopla yzquierda e falsogelo, e en- | tro el fierro todo e rrompio su lança en el, e lleuo el fierro con un pedaço | dellasta puesto por el barastudo hasta en cabo de la liça q(ue) gelo sacaro(n). (RBME f.II.19, fólho 80r)

A narrativa, em essência, percorre os mesmos fatos e atinge uma mesma conclusão, mas é possível notar diferenças entre o relato dos escribas, distintos na construção das frases e nos adjetivos utilizados. O enredo é o mesmo, variam aspectos da escrita. Através de alguns detalhes, pode-se presumir que o segundo escriba buscou formas mais simples de descrever, como a exemplo da expressão utilizada pelo primeiro, “hasta el ojo”, que significaria, como exposto pelo segundo trecho, que o ferro da lança teria penetrado por completo no “varaescudo” da luva, isto é, da peça de armadura utilizada para proteger a articulação do punho. Esta diferenciação entre os escribas segue a noção de que seu trabalho não se resume a copiar um texto, pois como explica Paul Zumthor (1993), “o copista ‘domina’ sua matéria: é, de fato, seu mestre”, portanto, ainda que partissem de um mesmo manuscrito base, os resultados seriam diferentes. Assim, percebe-se que o ato de transmitir o conteúdo de um manuscrito não é mecânico, e mesmo o “[...] copista mais discreto continua ‘intérprete’, em todos os aspectos desse termo [...]”, afinal, afirma Zumthor, “o manuscrito é recriação” (p. 103).

Ademais, não é possível julgar as escritas por mais simples ou complexas, dado que os escribas podem ter seguido caminhos distintos voluntariamente (e.g. selecionando palavras que acreditaram mais apropriadas), ou de forma involuntária, (e.g. com o esquecimento das expressões exatas, reproduzindo apenas a essência da narrativa). Portanto, é possível inferir que, cotejadas as versões, os escribas selecionam palavras e possuem preferências distintas ao construir a narrativa, ainda que possuam características afins. Porém, dada a brevidade do trecho, não se pode tecer maiores conclusões somente com esta acareação.

Deslocando-se das comparações, o comportamento dos escribas também pode ser diferenciado por conteúdos presentes ou não em suas narrativas. Já se ressaltou como a apresentação dos textos não é equivalente, pois os conteúdos são dispostos diferentemente. Há, por exemplo, uma ocorrência que inexiste na narrativa do primeiro escriba, mas é comum quando do segundo, qual seja a apresentação de uma apreciação do autor ao término de cada justa, tratando do desempenho dos cavaleiros e, inclusive, elegendo o melhor do embate.

[...] e aqui dize el autor e fabla en este fecho destas armas, e da | lo mejor a lope destuñiga por tres Razones. la primera por q(ue) Rompio dos | lanças en mosse(n) françes, e mosen françes en lope no(n) mas De vna. e la segun- | da Razon es por quanto lope destuñiga encontro mas carreras. E la terçera | por q(ue) fue causa de quitar de pecado a dos almas. la del mosse(n) françes, e | a la de la monja su amiga ya nonbrada de lo qual cree seguirse gran serui(ci)o | a dios. e dize que estos dos caualleros anduuiero(n) sus Carreras muy bien, e | con ardideça de caualleria /. (RBME f.II.19, fólio 76v)

Este trecho da M2 exemplifica o momento do parecer da justa pelo autor, em que o mesmo “dá a melhor” para Lope de Estuñiga, elencando três pontos para fazê-lo. Destaca-se que esta apreciação não é incorporada no texto de forma sequencial, mas cita-se que “aqui diz o autor”, tratando-o em terceira pessoa. Apesar de não acontecer de forma padronizada, o escriba não apenas ressalta da opinião do autor, como, por vezes, abre um subtítulo dedicado para o mesmo.

de lo q(ue) dixo el autor Destas armas | aqui dize el autor q(ue) como
q(ui)era quel nonbrado pedro de lios rrios andaua maravi- | lloso cauall(er)o
e traya muy buena lança q(ue) anto(n) de funes lleuo lo mejor por rronper |
dos lancas en p(er)o de los rrios, e esto pone a la ventura ser le contra.
(RBME f.II.19, fólho 67v)

Questionam-se os critérios do escriba, se teria reproduzido os trechos sem alterações de seu manuscrito base, ou, ao se deparar com estes excertos, realçou que não era responsável por tais juízos. Ainda, não se pode descartar um impulso criativo vindo do próprio escriba.

As diferenças entre a escrita da M1 e M2 também são expostas em outros espaços da narrativa, a exemplo das divisões do texto em capítulos ou segmentos que, como citado no capítulo 1³⁶, estão presentes na estrutura da M2, mas inexistente na M1. Relativo aos capítulos da M1, apesar de sua escrita corrente, sem divisões, encontra-se da metade do fólho 3v à metade do 7r uma lista de capítulos que supostamente dividiriam a narrativa, intitulada “La tabla”. Esta lista, ou sumário de capítulos, possui algumas características relevantes para a compreensão do manuscrito. Primeiramente, nota-se que os capítulos não estão completos, a listagem se encerra no capítulo cinquenta e quatro: “Capitulo Cinque(n)ta y quatro de las armas q(ue) Sancho de Rauanal fizo con | Alvaro Cubel” (fólho 7r), sendo que, após as justas de Álvaro Cubel, ainda justariam mais dezesseis cavaleiros. Esta ausência pode ser justificada pela inserção repentina da carta do rei Fernando para a viúva do “Gran Capitán”, interrompendo a listagem de capítulos, que nunca seria retomada pelo escriba. Vale destacar que o sumário compreende capítulos não só da narrativa da M1, mas também do segundo escriba, nos quais equivalem com as divisões feitas durante o texto da M2, apesar dos títulos destes capítulos não estarem escritos da mesma forma.

Uma especificidade encontrada no sumário da M1, em comparação com os outros códices aqui analisados, é a divisão dos capítulos entre dois livros distintos. O primeiro: “Libro del famoso passo q(ue) el honorable virtuoso cauallero generoso Suero de | Quiñones touo en la puente de oruigo en el año del s(eñ)or de Mill e qua(trocien)tos | y treynta y quatro

³⁶ Ver página 28.

años.” (fólio 3v), possui 29 capítulos, que abordam todo o processo anterior aos embates do Passo Honroso; e o segundo: “Libro de las armas q(ue) el famoso cauallero suero de quiñones capitan | mayor del ya dicho, e sus nueue honorables compañeros con el deffenso- | res el honrrado paso de la puente de oruigo con los caualleros genti | les hombres que al paso vinieron por conquistadores.” (fólio 5r), que aborda as justas de fato, até o capítulo 54, quando da interrupção mencionada. Não se encontra esta separação em qualquer outra fonte do Passo Honroso, havendo semelhança apenas no uso da terminologia “Libro”, encontrada também no impresso BNE R/1197, intitulado “Libro del Passo Honroso”.

Ademais destes aspectos, a listagem não permite que a análise se aprofunde, uma vez que o primeiro escriba não subdivide seu texto, permanecendo algumas questões, a exemplo da transição entre o “Libro del famoso passo” e o “Libro de las armas”, que se torna silenciosa, assim como a correta localização do prólogo do segundo livro. Além disso, um dos capítulos da M2 não está registrado na listagem, sendo este um segmento de cartas trocadas entre os cavaleiros do Passo Honroso e dois cavaleiros catalães. Este segmento será analisado com mais profundidade em um segundo momento³⁷, uma vez que se repete em outros códices.

Outro contraste entre os escribas está no uso da área de escrita, enquanto o primeiro escriba (M1) é constante em seu espaçamento entre linhas, letras e palavras, a M2 é irregular neste mesmo aspecto. Observa-se que a escrita deste se torna ora espaçada, com palavras inteiras e bem separadas, ora condensada, sem espaços e carregada de abreviações, como mostram as imagens a seguir.

Imagens 36 e 37 – Variações na escrita da M2, fólio 143v e 158v.

³⁷ Ver páginas 132 a 138.

A fim de traçar uma justificativa para esta inconstância, pode-se presumir que o escriba pretendia preencher um número restrito de fólios, ou apenas o mesmo número que seu manuscrito base. No fólio 184r pode ser encontrada uma descrição do manuscrito: “[...] El qual libro e hystoria va escrito en çiento y treinta fojas de pligo | entero de papel [em branco] pequeno [...]”, se esta descrição for considerada como uma cópia sem modificações de um texto base, então a numeração riscada da M2, com um total de 130 fólios, sustentaria esta hipótese.

Como demonstrado nas imagens, é possível perceber um comportamento comum em toda escrita do segundo escriba do RBME f.II.19, o de espaçar e comprimir suas frases ou palavras. Na Imagem 37, vê-se nas primeiras linhas um capítulo tomando parte considerável do topo do fólio, seguido de um texto com sobras no espaço entre linhas. Isto se modifica na parcela mais abaixo, em que não só a apresentação de um novo capítulo se comprime, mas também o texto logo abaixo, estando a última linha ultrapassando o espaço habitual da área escrita, como é possível notar.

Despues desto en el y a nonbrado lunes dos dias del mes de agosto llega
ron al pazo a fazer las armas los caualleros, e gentiles homes siguiē
tes. Primeramente el honrrado cauallero don Juan De portugal comen

Imagem 38 – Detalhe das linhas 7, 8 e 9 do fólio 143v.

el alfonso de deca. el q̄l venia, a cōplir sus armas q̄ dexo comēçadas el miccoles antes desto,
en el q̄l día el y a nonbrado lo p̄d fumaça haviã rō p̄do en el dho alf; a deçã das lãas segũ alç dho fumaça p̄do

Imagem 39 – Detalhe das duas linhas finais do fólio 143v.

Na imagem 38 e 39 pode-se observar o maior espaçamento dado nas primeiras linhas, enquanto que as duas finais praticamente não possuem espaços, seja entre palavras ou linhas. As abreviações, raras nas primeiras linhas, tornam-se regra nas últimas, havendo contrações do “q(ue)” e omissões do “n” sempre que possível. De acordo com a hipótese levantada, este comportamento do escriba denotaria momentos em que o mesmo estaria ora à frente, ora no encalço de seu texto base. A imagem 38 demonstra um momento em que o texto alterna entre menos espaçado no início do fólio, para depois tornar-se alargado na parte central, e finalmente comprimir-se ao fim, na imagem 39.

Tendo em vista a diferença entre as mãos presentes no RBME f.II.19, e com o objetivo de estabelecer análises mais precisas, interessa que se trate do conteúdo escrito por cada uma

delas como trabalhos independentes. A M2 por ter precedido a compilação final do volume, e a M1 por apresentar uma parcela da narrativa que, como será constatado, é única entre os demais códices desta pesquisa.

2.2 – RAH 9/213

O manuscrito RAH 9/213 pertenceu à coleção do genealogista Luis de Salazar y Castro, apresentando-se como um volume com textos relativos à nobreza, entre eles o Passo Honroso, narrativa que traz diversos nomes e linhagens do contexto ibérico. No códice, nota-se que existem muitos escritos marginais, como correções e adições, supostamente posteriores à escrita do texto central, em que se pode observar a ocorrência de múltiplas mãos, que deverão ser distinguidas e examinadas. As lacunas encontradas também merecem destaque, por seus potenciais indícios.

Apesar de a escrita ser identificada ao século XVI, a composição do volume reúne dois textos que pertenceriam ao século XV, com temas afins: o “Cadeira de honor” de Juan Rodriguez del Padrón, que pondera sobre questões da nobreza e virtude, relacionando-as com a antiguidade das linhagens; e o Passo Honroso, que apresenta um grande número de nobres, da maioria dos reinos ibéricos, com linhagens de destaque ou não, e cujas interações revelam por si só o valor dado às mesmas. Os dois conteúdos não se relacionam, mas foram reunidos em um só volume posteriormente, possivelmente por sua semelhança temática e proximidade temporal em que teriam sido produzidos. A junção pode ser observada a partir da numeração dos fólhos, que como mencionado³⁸, está em numeração romana até o 39º fólho (o XXXIX), e do fólho 40 ao 181 está em arábico. A distinção da numeração pode ser relacionada a cada texto, o Cadeira de honor com os numerais romanos e o Passo Honroso com os arábicos. Porém, há uma parcela do volume que une os dois textos, numerada em algarismos romanos, mas cuja grafia destes algarismos é visivelmente diferente. Esta nova grafia se inicia no fólho XXXIII e perdura até as numerações em arábico.

Imagens 40 e 41 – Distinções na grafia dos numerais romanos no fólho XXXII e XXXIII.

Visando unir os dois conteúdos em um só códice, um possível compilador adicionou alguns fólhos, seguindo a numeração existente no primeiro texto, até atingir a numeração do

³⁸ Ver página 34.

segundo. Nestes fólhos de transição, sete no total, os quatro primeiros aparecem em branco, enquanto os últimos três possuem uma espécie de índice, escrito por uma mão distinta dos dois textos.

Cavallos Anonim.

Neloso de Barrio nuevo. 58.	Juan de Castellanos. 92.
Juan de Soto.	Gutier Quexada. 93.
Diego de Mansilla.	Rodrig Quexada. 94.
Rodrig de Villosa.	Garcia Osorio. 99.
Juan Freyre de Andrada. 64.	Diego Capata. 101.
Lope de Mendoza. 65.	Alfonso de Cabedo. 102.
Juan Camos. 69.	Arnao de Noualles. 99. 104.
Mosé Bernal de Rejens. 70.	Ordono de Valencia. 105. 106.
Pedro de Vega. 71.	Rodrig de Jara. 106.
Juan de Villalobos. 78.	Juan de Merlo. 89. 109.
Gon. de Castañeda. 80.	Alfonso de Deza. 112. 117.
Alfonso Quexada. 90.	Galaor Mosquera. 114.
Duoso de Solis. 91.	Pero Vazquez d'Astilblanco. 115.

Imagem 42 – Índice de justadores no fólho XXXVIIIr.

Elaborado por um possível interessado na trama do Passo Honroso, este índice transcreve o nome de todos os cavaleiros que fizeram justas no evento em ordem cronológica, primeiro os dez defensores e depois os aventureiros, e ao lado de seus nomes há a indicação dos fólhos em que fazem aparições.

É notável que o RAH 9/213 sofreu intervenções no decurso do tempo, podendo-se observar um número considerável de mãos em suas margens, para além das duas que redigem os textos principais. Uma contagem e diferenciação destas mãos conduziria a muitas suposições, possivelmente inconclusivas, mas pode-se traçar algumas observações acerca das mesmas. Nas margens do Cadeira de honor aparecem escribas com intenções e letras visivelmente diferentes. Um deles escreve palavras-chave em passagens com o propósito de marcar temáticas que aparecem no texto.

Imagens 43, 44 e 45 – Marcações nas margens do Cadeira de honor: “Theologica”, “Moral” e “Politica”, fólhos IIIv, IIIr e VIv, respectivamente.

Outra mão, que aparece com maior frequência, se encarrega de adicionar trechos ao texto principal, estabelecendo um trabalho próprio de revisor. Quando não adiciona nas entrelinhas, o faz a partir das margens, utilizando de símbolos como a vírgula suspensiva e o ponto (/.), da maneira que se apresenta a seguir.

Imagem 46 – Adição marginal ao texto, fôlio XXVIIIr.

Não se tem informação precisa sobre qual a fonte deste escriba marginal, mas o mesmo persiste em complementar os escritos do texto base, fora algumas notas explicativas que o mesmo elabora para matérias encontradas no texto. Desta mesma forma, assim como no Cadeira de honor, no escrito do Passo Honroso também se pode encontrar uma mão que adiciona, estabelecendo o mesmo trabalho de correção e acréscimo de conteúdo, apesar de que estas mãos que adicionam em cada texto não pertencem necessariamente a um mesmo escriba. Além da mão que adiciona no Passo Honroso, há uma mão com a mesma letra do texto principal, possivelmente as marcações do próprio escriba. A diferenciação destas duas mãos pode se tornar incerta em momentos em que há variações nas escritas de cada uma, tendo de ser feita uma separação, também, dos padrões sobre o que cada uma registra. A mesma mão do escriba do texto se preocupa em anotar eventos marcantes e contagens de fatos, como lanças rompidas e número de justas decorridas, o que também se pode observar em outros manuscritos do Passo Honroso³⁹, tornando possível que, ou os registros partiram deste escriba, ou o mesmo reproduziu as contagens de seu texto base.

Imagem 47 – Escrita nas margens pela mão do texto base: contagem de lanças rompidas no fôlio 100r.

Imagem 48 – Escrita da mão que adiciona: a adição no fôlio 102r.

³⁹ Para uma comparação mais detalhada, ver páginas 107 e 108.

Em tempo, cabe ressaltar que esta mão responsável pelas adições também realiza um trabalho de reordenamento de alguns fólhos encadernados equivocadamente. Na organização do volume, a narrativa se torna descontinuada entre os fólhos 144v ao 147r, e assim sendo, o reordenamento do escriba se dá pelo uso de símbolos, identificando o caminho que o leitor deve tomar para seguir cronologicamente. Grosso modo, a posição dos fólhos 145 e 146 foi invertida, sendo a ordem final: 144v, 146, 145 e 147.

Fora o escriba do texto e da mão que adiciona, pode-se encontrar um terceiro padrão. Nas margens também se pode averiguar momentos em que se anotam nomes de nobres quando de sua aparição na narrativa, por vezes acompanhados de características ou informações dos mesmos.

Imagem 49 – Informações genealógicas acerca de um nobre, fólho 85r.

Imagem 50 – Marcações da aparição de um nobre, fólho 48r.

O escriba responsável por estas marcações possui uma letra semelhante àquela encontrada no índice citado anteriormente, e partindo desta ideia, estas margens poderiam integrar o esforço de localização do mesmo. Isto posto, e com uma amostra comparativa entre a Imagem 50 e 51, pode-se considerar que ambas são trabalho de um mesmo autor.

Imagem 51 – O cavaleiro “Gonçalo de Liori” no índice, fólho XXXVIIv

É verossímil pensar que estas anotações são próprias dos interesses de um genealogista, e a hipótese que se pode estabelecer dentro deste raciocínio é a de que foram realizadas pelo antigo proprietário do manuscrito, Luis de Salazar y Castro.

Com relação à composição do volume e as mãos aparentes no códice, existe uma notação no primeiro fólho do RAH 9/213, não numerado, cujo conteúdo deve ser examinado.

A mão desta nota não parece se relacionar com as demais, apesar de não se alcançar uma conclusão neste tema.

Despues de este Tratado de la Nobleza, o, Fidalguia de Juan Rodriguez. esta | en el fol(io) 41. El Paso Honroso de Suero de Quiñones trasladado del Original el | qual estaua firmado de los Juezes y señalado en cada plana de su señales y con | su sello pendiente como en el se contiene, es mayor que el que saco a luz fr(ei) | Juan de Pineda frayle Francisco porque lo abreuió como le confiessa al | fin del (RAH 9/213, s/p)

O comentário inicia tratando da estrutura dos conteúdos no manuscrito: depois do tratado de Juan Rodríguez está o Passo Honroso. Há o equívoco do fôlio em que este texto se inicia, pois apesar do fôlio 40 estar supostamente em branco, entende-se que o conteúdo tem ali seu início, como será elucidado adiante. A nota admite que este seria um traslado diretamente do original, que teria os selos e sinais dos juízes em seus fôlios, e após esta assertiva, afirma que o texto é maior que a edição de Juan de Pineda, atualmente referenciada como BNE R/1197, uma vez que esta envolveu abreviações em seu conteúdo. Quanto à associação com um suposto manuscrito original, deve-se constar que, provavelmente, esta nota tomou como base outra nota, esta ao fim do manuscrito, onde se lê:

Parece que falta /en este lugar\ una hoja en el libro ori- | ginal de donde este se traslado el qual estaua | firmado de los juezes y señalado en cada plana | de sus señales y con su sello pendiente como en | el se contiene. (RAH 9/213, fôlio 181v)

A nota de fim, escrita logo após a lacuna final no conteúdo do Passo Honroso, provavelmente serviu de fonte para o escriba da nota inicial, contendo informação idêntica ao visto anteriormente. Quanto à constatação de que o conteúdo deste manuscrito é maior que o BNE R/1197, terá de se avaliar no devido momento, apesar de que, antecipadamente, entende-se como dois códices com características diferentes. Entretanto, deve-se ponderar acerca da afirmação, pois o autor da nota teve contato com o volume em sua versão final, sabendo, desta forma, das lacunas presentes no texto do Passo Honroso, bem demarcadas durante o manuscrito.

Assim como o escriba principal admite ter sido uma cópia direta de um manuscrito original do Passo Honroso, a mão responsável pelo índice (concebida aqui como de Luis de Salazar), em consulta a uma fonte que não se tem informação, também registra as questões e limites impostos pelo suposto manuscrito original, no caso, as lacunas. No total do códice existem cinco lacunas, no fôlio 40, do 59 ao 64, no 67 e 68, no reto do 89 e no 181v. Este último se trata de um encerramento incompleto da narrativa, da mesma forma em que foi relatado em outros manuscritos. As outras quatro lacunas foram encadernadas com fôlios em

branco, representativos das ausências, e inscrições explicativas foram adicionadas pela mão do índice, no próprio fólio em branco ou no anterior.

Imagens 52 a 55 – Indicações de lacunas no manuscrito RAH 9/213, fólhos 40v, 58v, 66v, 88v, respectivamente.

Em ordem de aparição, estas notas, localizadas nos cantos inferiores direitos, indicam quantos fólhos supostamente faltavam no manuscrito base do escriba do RAH 9/213. No fólio 40, indica-se que faltam vinte fólhos do manuscrito considerado original (Imagem 52), e tomando em consideração que o texto do Passo Honroso se inicia de fato apenas no fólio 41r, entende-se que aquele já participa do conteúdo, representando os supostos vinte fólhos faltantes. A narrativa se inicia tratando da décima primeira carreira das justas entre Pedro de Nava e Rodrigo de Zayas – o quarto cavaleiro a participar –, e segue até o fólio 58v, quando Vasco de Barrionuevo aceita ser investido cavaleiro por Suero de Quiñones. No canto deste fólio pode-se ler “faltan tres hojas | del original.” (Imagem 53), inserem-se, então, seis fólhos em branco, apesar da lacuna apontar apenas três, e a narrativa retorna no fólio 65. Este se inicia com a descrição da primeira carreiras das justas de Gomez de Villacorta e Juan Freyre, segue até a sexta carreira da justa entre Diego de Bazán e Lope de Mendoza, no fólio 66v, onde se encontra nova nota (Imagem 54) e dois fólhos em branco, apesar da lacuna apontar apenas um. O fólio 69r inicia-se com o capítulo da justa entre Pedro de Nava e Juan de Camoz, e a narrativa encontra outra lacuna no fólio 88v, quando, ao término do conteúdo de uma carta, o fólio é abandonado com uma parte considerável permanecendo em branco. No canto inferior deste fólio encontra-se uma inscrição de difícil leitura, “Esta en blanco †pla- | na y m^a† en (e)l original” (Imagem 55), o fólio 89r está em branco e o relato retorna no verso do mesmo.

A partir das observações feitas ao RAH 9/213 e os conteúdos que introduzem e encerram cada parcela de seu texto, verifica-se que há uma compatibilidade deste com as características anteriormente apontadas da M2 do manuscrito RBME f.II.19. Ambos compartilham das mesmas lacunas e parcelas de narrativa do Passo Honroso. Tal equivalência conduz ao raciocínio de que estes dois manuscritos podem ter estabelecido relações, o que deverá ser verificado através da comparação de seus conteúdos e as características dos mesmos.

2.3 – BMP M-104

A particularidade do manuscrito BMP M-104, em contraponto com os já apresentados até aqui, está na composição do volume, estando o texto do Passo Honroso solitário na encadernação final, e em sua ausência de fólios em branco na reprodução em microfilme, apesar desta característica não significar que a narrativa não possua descontinuidades. No códice, podem-se encontrar duas mãos distintas, em que a segunda completa o trabalho da primeira, sem alternâncias. As mãos diferem desde as letras até critérios da escrita, e devem ser observadas, também, por estes contrastes.

No catálogo de Miguel Artigas (1957), informa-se de um selo marcado no manuscrito, da livraria de Gabriel Sánchez (p. 119), suposto antigo proprietário do mesmo. Porém, cabe notar que a microfilmagem adquirida por esta pesquisa possivelmente suprimiu este selo, uma vez que não pôde ser encontrado entre os fólios do manuscrito. Como observa Artigas, o códice está incompleto no princípio e ao fim, sugerindo que através do embate com outros textos do Passo Honroso poder-se-ia chegar numa versão integral da narrativa (pp.119-120). O primeiro fólio do BMP M-104 traz o capítulo das justas entre Diego de Bazán e Lope de Mendoza, inserindo seu início, portanto, em um evento já em andamento.

Como mencionado, o texto é escrito por dois escribas, o primeiro escrevendo até o fólio 61r, quando há a troca nas últimas seis linhas deste.

Imagem 56 - Instante da troca de mãos no fim do fólio 61r do BMP M-104.

O trabalho das mãos ocorre, portanto, em sequência, complementarmente, e sem alternâncias. Para além da letra, as mãos se distinguem em outros critérios, enquanto o primeiro utiliza de margens para marcar eventos ou realizar contagens, o segundo não as utiliza. A presença de apenas uma numeração, ainda que contenha falhas, denota que os escribas possivelmente cooperaram, o que é reforçado pela presença de uma anotação nos fólios finais, onde há um índice de justas, com uma letra semelhante à do primeiro escriba. Com relação à narrativa, destacam-se duas questões, a primeira se tratando de um desarranjo

na cronologia, e a segunda quanto à inexistência de fólhos em branco, apesar da ausência de conteúdo.

Através da leitura do manuscrito, percebe-se que a narrativa é descontinuada. A primeira ocorrência pode ser localizada no verso do primeiro fólho, em que, em meio à sexta carreira das justas entre Diego de Bazán e Lope de Mendoza, a narrativa se transporta para a primeira carreira do embate entre Gomez de Villacorta e Juan Freyre. Ora, tomando a cronologia das justas do Passo Honroso, presentes ao fim de todos os manuscritos do Grupo 1, o embate Bazán-Mendoza ocorre logo após o Villacorta-Freyre, há, portanto, uma inversão. O segundo momento se apresenta na metade do verso do segundo fólho, quando, com o fim das justas Villacorta-Freyre, há um salto para as onze carreiras das justas entre Pero de Nava e Rodrigo de Zayas. Novamente, segundo a cronologia das justas, o embate Nava-Zayas antecede aquele em quatorze justas. Por fim, a última ocorrência se dá na metade do fólho 25r, quando aparentemente encerra-se um capítulo em que Velasco de Barrionuevo aceita ser armado cavaleiro por Suero de Quiñones, e se inicia um novo capítulo apresentando o alvorecer do dia dezenove de julho. Esta mudança, apesar de parecer adequada, revela um salto de três dias na narrativa, uma vez que o capítulo anterior ocorre durante o dia dezesseis, e reconhecendo que os registros do Passo Honroso se dão diariamente, nota-se um lapso na narrativa.

Ocorre, portanto, não apenas descontinuidades, como também lacunas no relato, que diferentemente dos manuscritos analisados até aqui, não são representados por fólhos em branco⁴⁰. Ao contrário, as lacunas são ignoradas e o texto segue como se fosse contínuo. Salienta-se que todas estas situações ocorrem durante a escrita da primeira mão. Os saltos e retrocessos cronológicos podem ser reorganizados a partir da ordem das justas e datas informadas, apesar de que o volume não poderia ser reencadernado, uma vez que o equívoco está no próprio texto, e não na ordem dos fólhos. Com o objetivo de traçar uma correspondência dos conteúdos contidos nos fólhos de cada um dos manuscritos estudados até aqui, e ainda uma organização da narrativa do BMP M-104, se estabelece a tabela a seguir:

RBME f.II.19 (M2)	RAH 9/213	BMP M-104
67 ao 76	41 ao 58	Metade do 2v até metade do 25r
80	65 ao 66	1 até metade do 2v
90 ao 184	69 ao 181	Metade do 25r ao 234

Tabela 8 – Correspondência de fólhos do RBME f.II.19 (M2), RAH 9/213 e BMP M-104.

⁴⁰ Porém, deve-se atentar para a ausência do fólho 59v. Como mencionado na página 39 do primeiro capítulo, é possível que a microfilmagem tenha suprimido o verso deste fólho por estar em branco, uma vez que a narrativa não sofre cortes na passagem do fólho 59r ao 60r. A inexistência desta informação não permite que se chegue a hipóteses concretas, mas, ainda assim, não interfere nas demais que nesta pesquisa se desenrolam.

Observa-se que, dada a cronologia colocada pelos outros dois manuscritos, o conteúdo do BMP M-104 que se inicia no verso do segundo fólio e se estende até a metade do 25r deveria se localizar antes do conteúdo dos dois primeiros fólhos. Ainda, como mencionado, os dois primeiros fólhos do manuscrito estão em ordem inversa, ou seja, o conteúdo que se inicia no fólio 1r e se estende até aproximadamente três quartos do 1v deveria estar posicionado após o conteúdo que preenche este último quarto do 1v e segue até a metade do fólio 2v.

Como se pode inferir a partir da Tabela 8, o conteúdo contido no BMP M-104 é equivalente ao que se encontra, também, no RAH 9/213 e na M2 do RBME f.II.19. Insiste-se, desta forma, nas possíveis relações que podem ter existido entre estes manuscritos. Caso se propusesse uma definição de um manuscrito base entre os três citados, seria possível descartar o BMP M-104 deste papel, uma vez que é escrito de forma contínua, sem apresentar suas lacunas, enquanto nos demais textos há a informação de fólhos em branco em seus manuscritos base.

2.4 – BNE R/1197

O impresso BNE R/1197 dispõe de diversas singularidades com relação às demais fontes escolhidas para esta pesquisa. Seja por se tratar do único impresso, por possuir autoria e data de produção definidas, ou por apresentar um início, desenvolvimento e encerramento para a narrativa do Passo Honroso de Suero de Quiñones. O texto de Juan de Pineda é declaradamente uma compilação e abreviação de um dito livro antigo e escrito à mão, e possuiu determinados critérios para editá-lo, como se verá em seguida. O conhecimento da autoria também pode trazer algumas hipóteses acerca dos motivos da produção e a forma em que o texto foi escrito. Estas particularidades do volume devem enriquecer a subsequente comparação com os manuscritos analisados até este momento.

Como mencionado, a versão do Passo Honroso de Juan de Pineda, publicada em 1588, é a única fonte cuja narrativa não sofre descontinuidades, e ainda que se possa argumentar que a mesma admite ser uma compilação de um “libro antiguo de mano” (BNE R/1197, fólio ¶r) e uma abreviação do mesmo, o volume não possui qualquer lacuna no relato. Portanto, é concebido por seu autor como uma obra completa, diferente do observado nos demais manuscritos até aqui, caso que exemplifica de forma precisa a relação entre produções manuscritas e impressas no século XVI. A relação entre a única narrativa apresentada que não possui lacunas ser um impresso não é uma coincidência, pois vai ao encontro dos objetivos tencionados por cada meio de transmissão de textos, nos quais, como explica Fernando Bouza

Álvarez (2016) em seu estudo sobre a circulação de manuscritos no século de ouro espanhol, poderia-se optar por cada tipo de produção dependendo do objetivo da obra, por um lado os manuscritos abririam os textos, levando-os a atualizações, enquanto a imprensa seria escolhida para “encerrar” um escrito e difundí-lo a um público mais amplo (p. 59).

Tendo conhecimento do autor desta versão, o que a distingue das outras analisadas na pesquisa, é possível compreender possíveis objetivos que o mesmo poderia ter na escolha dos trechos, cópia, alteração e adição de conteúdos, ou grosso modo, na fabricação de sua obra como um todo, com qual intenção a teria produzido e para qual público se direcionaria. Como religioso, presume-se que parte de suas intenções concernem à moralidade cristã, o que pode ser verificado em trechos que discorrem sobre temas caros ou condenados pela Igreja. Neste sentido, há uma nota marginal que chama a atenção para o que seria uma adição, “Esta razo(n) es del †traductor†”, e o trecho a que se refere é sobretudo de matéria religiosa: “A esta letra tan rompida, e fuera de pru- | dencia militar, y de nobleza caualle- | rosa, y de sentimiento Christiano q(ue) | pregon a servir a Dios querer mo- | rir o matar al Proximo” (BNE R/1197, fólho 62v).

Sobre os critérios de mudança do texto, Julio Morejón (1954) comenta que Juan de Pineda tenderia a fixar sua escrita aos fatos históricos, tendo suprimido, por exemplo, o prólogo existente no RBME f.II.19 e os detalhes sobre o escrivo Pero Rodríguez de Lena, admitido como autor da narrativa do Passo Honroso (pp. 67-68). Neste sentido, há um comentário do próprio autor, ao fim do BNE R/1197, que relata sobre a forma em que trabalhou com seu manuscrito base e com os conteúdos em sua obra, seja quanto a adições, remoções ou uso de determinadas expressões.

Hasta este punto y passo halle en | aquel libro copilado por el sobredi- | cho escriuano real Pero Rodriguez | Delena, escripto en letra antigua y | vieja, y muchas cosas dichas con mu- | cha escuridad para este tiempo, y o- | tras mal ordenadas y confusas: las | quales aclare conforme al tenor de | las cosas que se van diziendo, sin de- | xar auentura ninguna por dezir, ni | poner yo de mi casa cosa fuera de lo | contenido en el libro: qualificando | los fechos de armas con las mesmas | palabras del original antiguo, a ve- | zes en su estilo, y a vezes en el mio, y | a vezes mezclando los ambos, y seña- | ladamente vsando de sus antiguas pa- || labras que importan autoridad, y da(n) | gusto a la lecion. [...] (R/1197, fólhos 138v e 139r)

Primeiramente, tem-se que Juan de Pineda indica mais informações sobre o manuscrito que teria se servido, que descreve como o original do próprio Pero Rodríguez de Lena. Entre as características, se encontraria “antiquíssimo” e “mal tratado” ao tempo de Pineda, adicionando que estaria em “letra antiga e velha”. O autor ainda comenta sobre sua forma de lidar com o texto, afirmando que aclarou o que estava desordenado e confuso, em

conformidade com o teor da narrativa, sem deixar nada de fora ou adicionar conteúdo algum. Nota-se no discurso de Pineda a preocupação em demonstrar que sua obra está não só idêntica em conteúdo, como foi aperfeiçoada quanto à sua ordenação e narrativa. O religioso complementa que qualificou os feitos com as palavras utilizadas no original, ora no estilo deste, ora em seu próprio, ou mesmo combinando ambos. Por fim, ressaltou seu uso das “antigas palavras que importam autoridade” presentes naquele manuscrito.

Fora o trecho mencionado, indicado na margem do próprio volume, pode-se apontar uma série de episódios adicionais que se encontram na narrativa de Pineda, mas não nas demais versões⁴¹. Da mesma forma, mas em sentido contrário, percebe-se da ausência de um episódio, as justas de Gomez de Villacorta com Alfonso Fraijoo na versão impressa, registrada nos demais manuscritos entre as justas de Sancho de Ravanal com Sancho de Ferrera e Gomez de Villacorta com Lope de Ferrera. No BNE R/1197, a posição das justas deveria estar no fólho 120, mas parece ter sido esquecida ou suprimida. Cabe lembrar que um cavaleiro de nome Alfon Frejo tem sua vinda ao Passo Honroso registrada no fólho 102r⁴², mas o mesmo não retorna à narrativa.

O conhecimento sobre o autor da obra também levanta questões sobre por quais motivos o mesmo a teria produzido, e ainda, quem seria seu patrono e para quem teria feito. É possível elucidar estas indagações, primeiramente, através da capa do “Libro del Passo Honroso” onde há a seguinte informação: “Dirigido a Don Manrique de Lara, Conde de | Valencia, Virey y Capitan general | de Cataluña.”, seguido de um brasão de armas xilogravado (Imagem 57). Estes dados, acompanhados das descrições do escritor e bibliotecário espanhol Jenaro Alenda y Mira, que categoriza a xilogravura como “Escudo de armas del Mecenaz” (1903, p. 1), revelam uma possível encomenda, motivação que teria incentivado Pineda a dedicar sua obra ao nobre citado.

Imagem 57 – Xilogravura de brasão de armas na capa do “Libro del Passo Honroso”.

⁴¹ Ver listagem completa, com transcrições dos trechos, no Anexo 1, páginas 161 a 166 .

⁴² É frequente que cada cavaleiro apareça ao menos duas vezes no relato do Passo Honroso, a primeira sendo sua “venida”, quando se apresenta para o evento e dispõe sua espada direita a fim de participar, e a segunda caracterizando-se pela prática das justas de fato.

Partindo do “Nobiliario de los reinos y señorios de España” de Francisco Piferrer (1859), pode-se acarear o brasão encontrado na capa do BNE R/1197 com aqueles vinculados às famílias Lara e Manrique (lâmina XLIX, 1ª do Tomo 3º).

Imagem 58 – Brasões de armas das famílias Lara e Manrique

Tratando da semelhança entre os brasões, é verossímil constatar que a xilogravura da capa remete à Manrique de Lara. Em um dos fólios que antecedem a paginação, há um texto semelhante a uma dedicatória, de título “A DON MANRI- | QVE DE LARA CON- | de de Valencia, Virey, y Capitan | general de Cataluña.”, que parece confirmar a encomenda, e escrita por Juan de Pineda ao mencionado conde, detalha o que ouvira falar do mesmo, uma vez que nunca o viu:

Pues como yo que nunca vi a V(uestra) S(eñoria) tenga | entendido lo que todos los que bien le conoce(n), | que le doto Dios nuestro Señor del talento de | bien saber mandar las armas, juntamente con | el talento de no solamente bien saber obedecer || a las leyes, sino y aun de haze que otro las | obedezcan [...] (R/1197, ¶3)

Tal enaltecimento de sua habilidade em governar seu vice-reino Catalão, em obedecer e fazer obedecer as leis, além de comandar as armas, são os pretextos de Juan de Pineda para lhe oferecer a narrativa da defesa do Passo Honroso, como explicita:

[...] como el | presente tratado de la defensa del Passo Hon- | roso por el generoso y valiente Cauallero Sue- | ro de Quiñones, represente un prelude mili- | tar mas riguroso por las armas, y mas bien go- | uernado por sus leyes devidas a tan alta caua- | lleria, de quantas aventuras verdaderas o fin- | gidas yo aya escrito y aun leydo en toda mi | vida, quise servir con el a V(uestra) S(eñoria) como con fru- | ta proporcionada co(n) su gusto. [...] (R/1197, ¶3v)

Pineda entende o Passo Honroso como um feito militar do mais alto rigor de cavalaria, maior que qualquer outro que já entrou em contato, verdadeiro ou fictício, e por isso buscou proporcioná-lo para Don Manrique de Lara. A escrita do religioso apresenta-se como se estivesse ofertando a obra àquele, mesmo que tenha indicado nunca tê-lo visto. A escrita prossegue:

El algo humea | e colerico, mas no pudo ser menos para auer | de representar
al viuo las cauallerias que nos | cuenta, que son tan altas y rigurosas, y por |
tan delicado estilo de punto de honra prose- | guidas, que ni los muy
conjunctos parientes | o amigos disimulauan el procurar sobrepo- | ner sus
honras a las de los otros, [...] (R/1197, ¶3v)

Na descrição de Juan de Pineda, o Passo Honroso está caracterizado como colérico, de temperamentos raivosos, o que é justificado por sua realidade e rigor de cavalaria, em que a procura dos participantes em sobrepor suas honras às dos outros sequer era omitida. O evento é encarado, então, como um feito de armas de irreprovável conduta de cavalaria e ardente busca honorífica. Têm-se então que o “Libro del Passo Honroso” foi produzido, senão por encomenda, como um presente à Don Manrique de Lara, como um tratado exemplar de feitos de cavalaria. A encomenda ou presente também estaria condizendo ao condado do nobre em questão, pois Valencia de Don Juan encontra-se em Leão, próximo da região em que ocorreram as justas do Passo Honroso. Estes aspectos revelam uma dupla significação para a obra ser oferecida para, ou encomendada por, Manrique de Lara: primeiro por caracterizar-se como uma lembrança de um modelo de excelência de cavalaria e exercício de armas, e depois por este modelo ter ocorrido na região próxima ao condado do mesmo.

Visando perceber as motivações de Juan de Pineda, Julio Morejón (1954) interpretou, através da leitura da licença da obra, que o mesmo estaria buscando um fim ético-social com sua publicação, qual seja: “que os cavaleiros do seu tempo deixem de ler coisas fictícias das cavalarias e contemplem na realidade dos tempos pretéritos as verdadeiras cavalarias e façanhas dos nobres daquele tempo.” (p. 54). Apesar da licença não ter sido escrita por Pineda, ela refere-se ao autor e suas motivações para requerer a licença para impressão de sua obra, valorizando o relato por ter acontecido de fato, “co(n) mayor | verdad escripta por escriuanos publicos | que presentes auian estado” (R/1197, ¶1v), sem contar o destaque dado para os feitos de cavalaria, como abordado. Segue-se, então, o trecho que deve ter motivado a teoria de Julio Morejón:

[...] por esso le auiades ab- | breuiado con toda fidelidad y digirido | algunas
cosas confusas para que los caua- | lleros de nuestro tie(m)po hallassen vna
bue- | na muestra de los de aquel, y quietassen | de auentura tan peligrosa
como la de los | libros de cauallerias fingidas y escritas co(n) | gran rigor de
verdad, [...] (R/1197, ¶2r).

Após informar que a obra foi abreviada e reordenada, o autor da licença indica que a mesma foi feita com o fim de que os cavaleiros de seu tempo descobrissem uma amostra dos de outrora, do Passo Honroso. Em seguida parece haver uma confusão na formulação da frase, pois continua que, desta maneira: os cavaleiros assim deixassem de “aventura tão perigosa”

como a dos livros de cavalaria ficcionais, “escritas com grande rigor de verdade”. Desconsiderando a contradição anunciada pela frase, compreende-se a teoria de Julio Morejón, e apesar de Juan de Pineda não mencionar esta motivação ética em seu texto para Manrique de Lara, seus destaques para a veracidade dos feitos e do rigor de cavalaria podem apontar para este caminho.

Relativo aos acontecimentos narrados entre as fontes do Grupo 1, somente o BNE R/1197 trata dos mesmos eventos que a M1 do RBME f.II.19, aqueles que iniciam a narrativa, antes das justas de fato, que apresentam a requisição de Suero de Quiñones ao rei Juan II, a montagem do espaço e primeiras exposições na liça. É, portanto, uma fonte ímpar e indispensável para a realização de um cotejo entre as versões, objetivando encontrar relações e construir hipóteses com base nas similaridades e distinções na escrita de suas narrativas. Da mesma forma, e diferente de qualquer outra fonte, há, no BNE R/1197, a descrição de um encerramento para o Passo Honroso, relatando do destino dos nobres após o evento, em especial o de Suero de Quiñones.

A comparação da obra de Juan de Pineda com os manuscritos deve seguir a noção de que este, apesar de desenvolver um trabalho de abreviação, também produz como um autor. Ou seja, para além de um trabalho de cópia e recorte de conteúdos apresentados em seu manuscrito base, como se poderia supor de um trabalho dito “abreviado”, Pineda reescreveu a narrativa em seu próprio modo e estilo, finalizando-a para, inclusive, torna-la adequada à tipografia. Um esforço em comparar esta versão com as demais não ocorre apenas na observação de variações gráficas ou pequenas alterações de um texto para outro, mas também observando as reformulações empreendidas na narrativa como um todo, ainda que, em teoria, relate os mesmos eventos.

A obra de Juan de Pineda possui, portanto, motivações para sua execução e envolveria um determinado público, tratando-se de um exercício de rememoração de feitos de uma cavalaria de outrora. As motivações do religioso resultariam suficientes para possíveis alterações voluntárias em seu texto base, apesar do mesmo constar não tê-las feito, para além de suas abreviações.

2.5 – ANÁLISE COMPARATIVA DAS FONTES DO GRUPO 1

Como observado até aqui, os diversos textos do Grupo 1 apresentam narrativas com equivalências entre si. Tomando por base o RBME f.II.19, que possui o trabalho de duas

mãos, observou-se que a M2 apresenta um texto cujo recorte se assemelha ao dos escritos no RAH 9/213 e BMP M-104, como mostra a imagem a seguir:

Imagem 59 – Equivalência de textos dos manuscritos do Grupo 1.

Retomando a reorganização proposta durante a análise do RBME f.II.19⁴³, e apontando que momentos da narrativa os outros dois manuscritos contemplam, vê-se que estes correspondem, de fato, com o conteúdo da M2. Partindo ainda da Imagem 58, nota-se que não há equivalência com os escritos da M1, o que demonstra a exclusividade do mesmo. Para uma análise comparativa com o recorte de conteúdo da M1, a única fonte que poderá ser utilizada será o impresso BNE R/1197, que contém uma narrativa integral e finalizada. Da mesma maneira, o impresso também poderá ser comparado com as narrativas da M2, uma vez que também contempla aquele recorte.

Desta maneira, pretende-se comparar os manuscritos apresentados em dois recortes distintos, separados através das divisões demonstradas no RBME f.II.19. Os recortes serão tratados, a partir daqui, como Relato A e Relato B: o primeiro correspondendo ao que se pode encontrar na M1 e de sua equivalência no BNE R/1197; e o segundo incluirá o que corresponde à M2, o RAH 9/213, o BMP M-104, e o que houver como equivalente no BNE R/1197. A organização dos relatos pode ser exposta da seguinte maneira:

	RBME f.II.19	RAH 9/213	BMP M-104	BNE R/1197
Relato A	✓ (M1)	-	-	✓ (abreviado)
Relato B	✓ (M2)	✓	✓	✓ (abreviado)

Tabela 9 – Separação dos manuscritos do grupo 1 em Relatos A e B.

Partindo deste cenário, pretendem-se estabelecer as devidas relações entre relatos equivalentes, através da comparação de seus textos, demarcando eventuais variantes, novidades e semelhanças entre si, levantando as reflexões necessárias para o entendimento da construção da narrativa do Passo Honroso.

⁴³ Ver página 74.

2.5.1 – RELATO A

Os textos da M1 do manuscrito RBME f.II.19 e do impresso BNE R/1197, editado por Juan de Pineda, se apresentam de forma muito semelhante, possuindo um mesmo enredo, sem alterar rumos ou episódios relevantes para a narrativa. Ainda assim, existem diferenças que podem ser destacadas entre os mesmos, relacionadas ao estilo de escrita de ambos, possuindo trechos a mais ou a menos que sua contraparte, ou mesmo escritos de formas distintas.

Com relação à escrita, torna-se mais acessível considerar as escolhas feitas na produção do BNE R/1197, uma vez que se sabe de sua autoria, e desta forma, entender suas motivações. Neste sentido, o autor do impresso também aborda seus métodos ao escrever o texto, como visto anteriormente⁴⁴, e como se deve lembrar. Na licença da obra vê-se que é proposto um texto “abreviado com toda fidelidade”, tendo o autor “dirigido algumas coisas confusas” (fólio ¶2r). Nos fólios finais do livro, o autor explica que aclarou a narrativa “sem deixar aventura nenhuma por dizer, nem colocar qualquer coisa fora do conteúdo do livro”, e em sua elaboração do texto, qualificou “os feitos de armas com as mesmas palavras do original antigo, às vezes em seu estilo e às vezes no meu, e às vezes mesclando ambos”⁴⁵ (fólios 138v e 139r). Tem-se, então, que há uma abreviação confessa da narrativa, utilizando o estilo ora do texto base, ora do próprio autor, ou mesmo uma mescla de ambos, ainda que com a intenção de manter-se fiel ao enredo. As modificações são tratadas como um direcionamento de momentos confusos, e assegura-se que não há adições ou remoções de conteúdo. Tendo estas diretrizes, pode-se notar que, em uma comparação do Relato A, o texto de Juan de Pineda apresenta-se de fato como uma abreviação, em dois sentidos: um deles na forma de cortes de conteúdos, e outro na reescrita de trechos.

Para o primeiro caso, estabelecida a colagem entre os escritos, percebe-se que existem momentos em que há uma equivalência literal entre ambos, no qual todo conteúdo pertencente à M1 do RBME f.II.19 está também no BNE R/1197, distinguindo-se, quando muito, por pequenas variações de letras ou palavras. Porém, em outros momentos retiram-se do impresso trechos integrais existentes no manuscrito, para voltar, em seguida, a um novo trecho idêntico entre ambos. Em outras palavras, Pineda reproduz de forma pontual determinados trechos, recortando parcelas de acordo com suas escolhas, seja por considerá-las desnecessárias ou demasiadamente maçantes. Retiradas algumas exceções, todo conteúdo que há em Pineda, há na M1, mas o contrário não ocorre.

⁴⁴ Ver página 89.

⁴⁵ Estas citações são traduções livres do original presente nos fólios indicados.

Para o segundo caso citado, nota-se que o autor do BNE R/1197 reescreve alguns momentos da narrativa, o que, na comparação com o texto da M1 do RBME f.II.19, aparenta uma tentativa de: (1) explicar melhor alguns episódios, para que fiquem mais compreensíveis ao leitor, ou (2), resumir grandes parcelas de texto em poucas frases e evitar repetições. Nos resumos, incluem-se as citações de falas dos personagens, que enquanto estão dispostas na forma de discurso direto no RBME f.II.19, são colocadas abreviadamente em discurso indireto pelo BNE R/1197.

Exemplificando as tentativas de tornar o relato mais compreensível, pode-se tomar uma situação em que o autor utiliza de parêntesis: “[...] se armava el | cauallero Aleman (al qual ya llama- | mos Micer Arnaldo de la Floresta | bermeja) [...]” (BNE R/1197, 21v), hábito inexistente no manuscrito, e que toma a forma de uma nota explicativa. Para exemplificar a maneira de resumir a narrativa, como citado, dispõe-se a seguir dois trechos, o primeiro da M1 do RBME f.II.19, integral, e o segundo do R/1197, reduzido.

Leydos e notifficados los sobredichos capitulos por el virtuoso caua- | llero Suero de Quiñones, ordenados, declarados en la manera por | ellos demostrada a su effecto reduzida el muy virtuoso cauallero | suero de quiñones por mas su fecho aclarar e certifficar e que a | todos los oyentes notorio fuese dio vna su letra a leon Rey de | armas, del muy excelentissimo poderoso sclareçido n(uest)ro s(eño)r Rey | de Castilla su tenor es esta carta della en esta guisa (RBME f.II.19, fólho 18v)

Leydos en la real sala estos capitu- | los, el noble cauallero Suero de Qui- | ñones por mas su fecho aclarar e cer- | tificar, dio vna letra suya a Leon rey | de armas, del poderoso señor Rey de | Castilla, cuyo tenor sono como se sigue. (BNE R/1197, fólhos 11v e 12r)

Nota-se que, em essência, a narrativa segue o mesmo sentido, mas o segundo trecho segue de forma concisa e sem repetições. Momentos como este podem ter sido encarados por Juan de Pineda como confusos, em que o mesmo teria se empenhado em aclarar, como atestam as considerações do autor sobre sua escrita.

Com o uso constante destas formas de abreviação, com recortes e resumos, há uma diminuição substancial do relato. Como exemplo, vê-se que o capítulo “XIII” do BNE R/1197, com extensão de um fólho e meio, é contado em onze fólhos no RBME f.II.19, do fólho 39v ao 49v. Esta diminuição acarreta em consequências para a narrativa, ainda que se mantenha uma estrutura comum do relato. Há no RBME f.II.19, por exemplo, no episódio em que os cavaleiros defensores desfilam no campo como inauguração do Passo Honroso, alguns pleitos e diálogos, concernentes principalmente aos juízes, que discutem sobre a anulação de alguns dos capítulos que regulamentam o evento. Na narrativa do BNE R/1197 este momento está representado pelo seguinte resumo: “[...] y aun añadieron algunas co- | sas a los capitulos

que el mesmo Sue- | ro tenia publicados.” (f19v). Da mesma maneira, outros diálogos possivelmente considerados dispensáveis por Juan de Pineda foram suprimidos, no qual longos discursos são colocados como: “passaron aquella tarde | en algunas conferencias.” (20v).

No impresso de Juan de Pineda, retiram-se grandes porções do primeiro prólogo apresentado no RBME f.II.19, e não há o que se presume ser o segundo prólogo⁴⁶ do mesmo. Tratando dos capítulos de cada volume, pode-se estabelecer relação entre as numerações em algarismos romanos que dividem o texto de Pineda e os capítulos dos livros indicados pela M1 em seu sumário. É possível identificar semelhança entre os mesmos, principalmente quando do segundo livro, o “Libro de las armas”, em que cada capítulo trata de um embate. No primeiro livro há muitos capítulos cujo conteúdo pode ter sofrido uma amálgama na escrita de Pineda. Ainda assim, é possível verificar a correspondência entre os mesmos.

Retomando a comparação entre trechos equivalentes encontrados no RBME f.II.19⁴⁷, e inserindo o trecho como colocado por Juan de Pineda no BNE R/1197, nota-se de sua maior afinidade com a M1 daquele.

[...] lle- | garon a la liça Gomez de Villacorta por defensor, y lua(n) Freyre de Andra- | da por co(n)quistador, los quales en la | primera carrera no se enco(n)traro(n), mas | en la segunda Villacorta encontro al | de Andrada en el varascudo de la ma- | nopla yzquierda, y entro el fierro fa- | sta el ojo, y rompio alli su lança, y | lleuo metido vn troço de la lança | con el fierro por el Varascudo hasta | el fin de la liça donde se le sacaron. (BNE R/1197 fólio 47v)

Esta afinidade pode ser evidenciada principalmente por uma mesma maneira de escrever, como a exemplo da expressão “hasta el ojo”. Ademais deste primeiro indício, a relação entre Juan de Pineda e as mãos do RBME f.II.19 será aprofundada durante a análise do Relato B.

Ainda que Juan de Pineda assegure que não promove alterações ao(s) texto(s) do qual se serve, existem algumas diferenças com o texto da M1 do RBME f.II.19 que permitem supor o contrário. Como colocado, Pineda corta muitos trechos encontrados na M1, não sendo propício citar todas as ocorrências, por outro lado, devem-se citar parcelas da narrativa encontradas no impresso e que não existem no manuscrito, uma vez que se tratam de exceções na relação entre as fontes.

⁴⁶ Como mencionado na página 78, o segundo prólogo é de difícil localização, por não haver separação clara no texto da M1 do RBME f.II.19.

⁴⁷ Ver na página 75.

Um trecho que revela informações que não existem no RBME f.II.19 está no fólho 15v, quando Juan de Pineda resume os personagens que participariam do evento, da seguinte maneira:

Mu- | chos grandes señores concurrieron | a estas fiestas por las honrar, y a todos | aposento Suero de Quiñones honra- | damente en algunos lugares cercanos | al Passo que eran de su padre: y sin los | nobles fue mucha la gente comun | que concurrio a gozar de tan señala- | das cauallerias. (BNE R/1197, fólho 15v)

Ainda que o resumo busque evitar o que seriam os nomes de diversos participantes, diminuindo seu relato em algumas linhas, o autor insere a participação de “muita gente comum”, que assistiria, também, ao evento. Esta participação de pessoas não nobres é curiosa, pois como ressaltam Richard Barber e Juliet Barker em seu estudo “Tournaments: Jousts, Chivalry and Pageants in the Middle Ages” (1989), os passos de armas tratariam-se de eventos destinados para os próprios cavaleiros e conhecedores destas atividades (p. 8).

Um segundo trecho, embora pouco significativo para a narrativa, coloca-se em meio à primeira justa, entre Suero de Quiñones e um cavaleiro alemão: “Tenia Suero de | Quiñones entonces veynte y cinco | años de edad, como el Aleman veyn- | te y siete.” (BNE R/1197, fólho 23r), informando a idade dos cavaleiros envolvidos.

Demais parcelas de texto podem ser identificadas como possíveis iniciativas do autor para, ao mesmo tempo em que abreviava longas descrições do RBME f.II.19, retocar a narrativa com sua própria criatividade, como pode ser visto na tabela a seguir, com algumas seleções.

Fólho	Trecho
17r	“[...] comenzaron a resonar las trompetas y otros menestriales al- tos, y a mouer y açorar los coraçones de los guerreros para las armas jugar: [...]”
20v	“[...] comenzaron su al- uorada mouiendo los humores de los peleadores para les poner mayor brio y esfuerço en sus coraçones: [...]”
23r	“Los caualleros arranca- ron al punto sus lanças en los ristes, [...]”.

Tabela 10 – Reescrita criativa de Juan de Pineda.

Os dois primeiros trechos, de semelhança notável, são próprios do BNE R/1197, contendo algumas preferências de vocabulário que não se encontram de maneira equivalente no RBME f.II.19, como “mover y açorar los coraçones”, “guerreros”, “peleadores” e “las armas jugar”.

Para além de trechos reescritos, destaca-se que o autor parece incorporar comentários próprios na narrativa, quando ocorrem alguns eventos que possivelmente provocam sua moralidade cristã, ainda que o mesmo não relate que o faça. Esta característica já foi

ressaltada anteriormente⁴⁸, sendo citada a nota de margem do fólho 62v, porém, estes outros trechos não possuem uma identificação no próprio volume. As interferências de Juan de Pineda podem ser traçadas tanto por não estarem presentes na M1 do RBME f.II.19, quanto por atestarem juízos de valor quanto a alguns atos dos cavaleiros, o que não é comum nos textos. Quatro momentos foram encontrados no Relato A, como colocados a seguir, apresentando as situações que contextualizam o comentário e os fólhos onde se encontram.

Situação	Comentário/Alteração	Fólho(s)
Os cavaleiros valencianos demandam utilizar a armadura que Suero de Quiñones havia utilizado nas justas anteriores.	“No me parece que deseaua(n) tanto la honra, como la segu- ridad de sus pellejos.”	24v
Depois das justas de Pero Fabla com Diego de Bazán, que rompeu as três lanças em seu adversário.	“[...] que con razon auia adeuina- do Fabla que se guardaua para el, pa- ra no le dexar ganar honra.”	28r
Quando Rodrigo de Zayas pede a armadura de Diego de Bazán.	“Suero de Quiñones dixo con buena gracia para con ta(n) desgraciada deman- da [...]”	28v
Após enviarem a armadura de Diego de Bazán para Rodrigo de Zayas.	“[...] que por tales demandas le pudieran llamar Pedro de las mejoras, ya que no Pedro de Vrdimalas: y no gra(n)geo mucha honra con tales mejoramien- tos.”	28v e 29r

Tabela 11 – Dos comentários de Juan de Pineda no BNE R/1197.

Os dois primeiros momentos estão ligados aos cavaleiros valencianos que se apresentam ao Passo Honroso, que vivem alguma hostilidade com os cavaleiros defensores, principalmente Suero de Quiñones. E três deles, excetuando o segundo, relacionam-se com o pedido de alguns cavaleiros para fazer as justas com as armaduras que os defensores do Passo Honroso originalmente utilizavam, esta demanda suporia aos demais participantes que os defensores estariam adquirindo vantagens sobre os demais. Interpretadas de forma hostil, estas situações podem ter impulsionado os comentários elencados, que demonstram a reprovação do autor, evidenciada no primeiro trecho: “Não me parece que desejavam tanto a honra, como a segurança de sua própria pele”⁴⁹. O segundo trecho se caracteriza pela notável performance de Diego de Bazán na justa, que não deixaria seu oponente “ganhar honra”, após ter sido citado de forma hostil exatamente por este cavaleiro no qual enfrentava. Os dois últimos trechos estão interligados a um mesmo episódio, tratando da questão das armaduras mencionada, em que o autor atribui uma resposta graciosa a Suero de Quiñones (de conceder

⁴⁸ Ver página 89.

⁴⁹ Tradução livre.

a armadura), dada uma demanda “tão desgraciosa”. A elaboração de uma narrativa tensionando personagens protagonistas e antagonistas poderia servir a motivos diferentes, seja para tornar o livro intrigante; para estabelecer valores morais; ou mesmo para satisfazer seu mecenas, motivação que se constituiria, como colocam Guy Bourd e Herv Martin (1983), em uma das dependncias da histria em relao ao poder neste perodo (p. 35).

Por fim, podem ser encontradas algumas distines entre as narrativas, ainda que com influncias menores no relato, mas que podem levantar algumas ponderaes. Um dos casos est na comparao do flio 21r do RBME f.II.19 com o 14v do BNE R/1197, em que o relato do primeiro atesta que o mestre Nicols Francs entalhou um arauto de madeira, enquanto que no segundo o suporte mencionado o mrmore. A narrativa no sofre prejuzos com esta distino, uma vez que a obra sequer mencionada novamente, mas isto leva questo: se houve diferentes entendimentos acerca do suporte utilizado para a obra, de onde cada verso teria retirado sua interpretao, e ainda se a diferena foi fruto de alterao arbitrria.

O ltimo trecho escrito pela M1 do RBME f.II.19 se inicia apresentando um equvoco, descrevendo o dia de domingo como 24 de julho, “Domingo sigue(n)te Veynte y quatro dias [...]” (RBME f.II.19, flio 82r), quando o correto, pela cronologia, seria dia dezoito. Esta parcela de texto, para lm do dia incorreto, apresenta outra variao com relao ao BNE R/1197 que, em um primeiro momento, est correto quanto ao dia: “En el domingo siguiente a diez y | ocho de Iulio [...]” (BNE R/1197 (flio 50r). O episdio em questo aborda da chegada de um cavaleiro de Barcelona, Bernal de Requesenes, que se apresenta como um romeiro, mas que participar do Passo Honroso antes de seguir viagem. lm do equvoco constatado quanto ao dia, h uma segunda variao, que trata das “cavalgadas” que o cavaleiro Bernal traz consigo. Para o RBME f.II.19: “[...] consigo traya / seis / caualgadas [...]” (flio 82r), e para o BNE R/1197: “[...] el qual trahia sus | caualgadas [...]” (flio 50r). Da mesma forma que a variao observada quanto ao suporte de madeira ou mrmore, esta tambm no influencia no andamento da narrativa, mas participa das mesmas indagaes feitas, compreendendo da semelhana das palavras manuscritas “sus” e “seis” (que em certa medida ocorre tambm em “madera” e “marmol”), podendo significar duas interpretaes diferentes acerca de uma mesma palavra lida. E entendendo “caualgada” por “animais de carga”, no h interveno direta no enredo se o mesmo traz “seis” deles ou apenas se traz os “seus”, sem um nmero determinado.

A relao entre as verses do Relato A parecem explcitas, com narrativas por vezes equivalentes de forma literal. Porm, na edio promovida por Juan de Pineda, apresentam-se algumas modificaes, visando o resumo e abreviao do relato, ainda que busque manter a

estrutura da narrativa. Em meio aos resumos, podem-se perceber momentos em que o autor reescreve o texto, criando novidades para a narrativa. Da mesma maneira, identificam-se alguns trechos em que há comentários provavelmente do próprio autor. A proximidade entre as versões traz a questão se ambos entraram em contato, ou melhor, se Juan de Pineda teria encontrado a versão da M1 do RBME f.II.19, uma vez que produziu seu volume em data posterior à teorizada para o manuscrito. Se não houve contato, seria possível inferir que ambos se serviram de um texto base de raiz comum. Ainda assim, as relações entre o RBME f.II.19 e o BNE R/1197 devem retornar nas análises do Relato B.

2.5.2 – RELATO B

Para os textos do Relato B, buscou-se estabelecer uma colação das transcrições das quatro versões, em um primeiro momento os três manuscritos, que guardam uma maior semelhança entre si, e em seguida uma comparação entre o conteúdo destes e o impresso de Juan de Pineda. Os textos presentes nos manuscritos apresentam-se com poucas diferenças, e ainda que possuam um bom número de variações gráficas, concebidas a partir da própria transmissão textual e dos hábitos particulares de cada escriba, trechos com alterações relevantes no conteúdo são raros. Como o objetivo final deste estudo não busca uma edição crítica, mas uma apreciação das relações entre os manuscritos e a construção da narrativa do Passo Honroso a partir de suas versões, pequenas variações foram desconsideradas, levando em conta apenas trechos significativos que podem estar ausentes em determinado manuscrito ou inseridos em outro.

Para sistematizar e apresentar o material encontrado serão elaboradas tabelas, três expondo, individualmente, o que cada manuscrito contém de novo ou está ausente em seu texto, e outra, em seguida, em que serão apresentadas comparações de conteúdos, com trechos que possuem alterações de informações entre si.

Não há qualquer conteúdo significativo que se apresente de forma diferente nos três manuscritos, havendo um padrão de que, quando há distinções, dois manuscritos se encontram com trechos consensuais e o terceiro possui o texto adicional ou ausente. Este padrão levou à organização das tabelas a partir do que está distinto no terceiro manuscrito, ou seja, quando um manuscrito possui um trecho a mais ou a menos que os demais, este trecho será disposto em sua tabela. Estas ausências ou adições serão dispostas nos espaços

delimitados e aparecerão entre colchetes. Os trechos ausentes, em colchetes, estarão baseados no conteúdo encontrado nos outros dois manuscritos.

RBME f.II.19	
Trechos adicionais	Trechos ausentes
	[...] al qual llamaua(n) Jua(n) de la Vega [et los nombres dellas llamauan a la una dellas Leonor de la Vega] la qual [...] (fólio 70r)
	[...] e desguarneciogelo [e despunto el fierro un poco et assi mesmo encontro Diego de Benauides a mossen Gonçalo en el mesmo guardabrazo izquierdo e desguarneciogelo] e ninguno dellos [...] (fólio 70v)
	[...] poderoso príncipe Rei de castilla, [Vanda persauante] e ci(n)tra p(er)sauate de la Reina de portugal. (fólio 91v)
	[...] del caualllo a garçi / Osorio, [en cauo de la liza quito el almete garçia ossorio] e desarmose del guarda- brazo yzquierdo (fólio 112v)
	[...] Ronpio su lança en el por la meitad [et joan de merlo encontro a Suero de Quinones en la mitad] del piastro(n) (fólio 121r)

Tabela 12 – Seleção de trechos adicionais e ausentes no manuscrito RBME f.II.19, os trechos ausentes foram complementados pela versão do RAH 9/213.

RAH 9/213	
Trechos adicionais	Trechos ausentes
[...] dixo al d(ic)ho Suero [de Quiñones que los auia por buenos e firmes] quanto alli [...] (fólio 75v)	[...] e llegaron a donde [estaua(n) los juezes, e rrei de armas e faraute, e notificaronles como venia(n) en la] dicha delibera(ci)on [...] (fólio 45v)
	[...] et non rompieron lança. [e anduuiero(n) / otras çinco carreras q(ue) no(n) se encontraron] (fólio 46r)
[...] que mejoría dar mas al vno que al otro [saluo que encontro Lope de Estuniga vna vez mas que el otro] pues amos (fólio 142v)	[...] e rompío su lança [en el por dos partes. e pedro de naua barreo su lança,] e anduuieron [...] (fólio 53v)
	[...] e despunto el fierro [e quedo la punta del fierro] en ella. (fólio 57r)
	[...] se adreçasse el piastro(n) [e como fue adereçado el piastro(n)] tornose darmar [...] (fólio 71v)
	[...] cauallero ni(n) gentil home [aventurero a fazer armas con ellos saluo en este dia jueues q(ue) vini- eron gutier q(ue)xada e otros diez caualleros e gentiles homes] con el alli [...] (fólio 72v)
	[...] armado et a caualllo [e assi mesmo vino lue- go el dicho goncalo de castañeda armado, e a caualllo,] et como fueron amos e dos (fólio 80v)
	[...] Diego Çapata [si venia ligado, e ellos luego lo fueron a catar] et fallaron [...] (fólio 102r)
	[...] et vio como [mostraua del dolor della gran sentim(ien)to, e assi mesmo vio como] le temblaua [...] (fólio 111r)
	[...] muy poco gelo [falsara, e desguarneçiogelo, e echogelo] en el suelo [...] (fólios 112v e 113r)
	[...] como Alfon(s)o de Deça [fue fuera de la liça e campo donde las armas se fazian el miercoles de ante. diziendo q(ue) el hauia mandado dezir a los juezes que les Rogaua q(ue) huuiesse(n) sus armas por complidas porqua(n)to el estaua desguarneçido, en lo

	qual alfonso de deça] ya nombrado [...] (fólio 117v)
	[...] gelo falsara et rompio su lança [en el en dos partes, e salto el troçon de la lança] con el fierro [...] (fólio 118r)
	Escreve o conteúdo da sexta carrera onde deveria se encontrar a segunda, inexistindo esta última. (fólio 119r)
	[...] de armas et faraute [e tomolos el ya nonbrado don juan, e diolos luego al Rei de armas, e faraute.] Et luego se [...] (fólio 127v)
	Não escreve o título do capítulo das justas de Álvaro Cubel e Sancho de Ravanal (fólio 139r)
	[...] que rompio su lança en [el en pieças e quedo la punta del fierro de su lança en] la vauera [...] (fólio 147v)
	[...] mossen Arnao vna racha [con el fierro de la lança por so El sobaco derecho, e otra Ra- cha] metida por debaxo [...] (fólio 155r)
	[...] ya an- tes desto nombrado [e de la otra parte contra el alfonso fraijoo antes desto nonbrado] de la compañía [...] (fólio 157r)
	[...] a sus tiendas como quiera [que porfiaro(n) amos a dos que non saldrian del campo fasta que sus armas fuesen cumpli- das, e los juezes todavia les mandaro(n) que saliesen del campo, e se fuesen a sus tiendas, como q(ui)era] que si tiempo [...] (fólio 158v)
	[...] guardaria su fee [E faria su deuer e de q(ue) don Ju(an) esto vio queriendo guardar su fee] Dixo que era verdad [...] (fólio 163r)
	[...] fazer las armas con el [que supiese que don Juan tenia quitado el braçal yzquierdo para fazer las ar- mas sin el,] et que ellos [...] (fólio 163r)
	Escreve a décima quarta carrera com o conteúdo da décima segunda, inexistindo esta última. (fólio 168r)
	[...] auia venido [E ansi mesmo dezian q(ue) hauia venido] vn gentil home (fólio 173v)

Tabela 13 – Seleção de trechos adicionais e ausentes no manuscrito RAH 9/213, os trechos ausentes foram complementados pela versão do RBME f.II.19.

BMP M-104	
Trechos adicionais	Trechos ausentes
Mão 1	
[...] este dia facer armas [con el e non veniendo estrangero alguno] e le pedia licencia para otro dia [...] (fólio 33v)	[...] dezir a todos los caualleros o gentiles omes [que ende era(n) ya nonbrados, e todas las otras personas q(ue) las quería(n) oyr, e con ellos el ante nombrado lope de stuñiga, vno de los] defensores del paso ia declarado e luego como la misa fue acabada [...] (fólio 5v)
	[...] dellos a su tienda [con asaz tronpetas delante de cada vno dellos.] e aqui dize [...] (fólio 13v)
	[...] su lanza [en el en piezas, e diego de baçam encontro a lope de mendoça] en el baras- cudo [...] (fólio 1r)
	[...] portugal rey de armas [del rrei de portugal] e mon- real faraute [...] (fólio 28v)
	[...] paso auian uenido [a fazer armas hasta aquí] (fólio 30v)
Mão 2	

	Não escreve o título do capítulo das justas de Sancho de Ravanal e Juan de Castellanos (fólio 63r)
	[...] la cos- tumbre del passo [e fueronse a sus tiendas.] E aqui non [...] (fólio 86r)
	[...] Auia embiado a demandar [E fizole juramento a fee de cauallero que nunca tal liçençia alfonso de deça les hauia embiado a demandar.] E que el Escudero [...] (fólio 98r)
	[...] en el suelo [como quiera q(ue) tomo diego de benauides vn comunal Reues] e non rrompio lança ning(un)o dellos [...] (fólio 111v)
	Escreve a oitava carrera com o conteúdo da sétima, inexistindo esta última (fólio 145v)
	[...] e ese dia que non querian fazer armas [e aunque creyan que ningun cauallero, ni gentil home de los que alli al passo eran venidos a fazer armas] que non les querían [...] (fólio 159v)
	[...] sin rromper lança nin tomar rrebes ninguno dellos [E passaro(n) / otra carrera q(ue) non se encontraro(n). A las cinco carreras toco vn poco lope destuniga a don juan en la bauera sin Romper lança ni tomar Reues ninguno dellos.] E don joan dixo [...] (fólio 200v)

Tabela 14 – Seleção de trechos adicionais e ausentes no manuscrito BMP M-104, os trechos ausentes foram complementados pela versão do RBME f.II.19.

É notável que as três tabelas possuam um número reduzido de trechos adicionais, em que o RBME f.II.19 não contém qualquer texto a mais que os demais manuscritos, e o BMP M-104 possui apenas um trecho, que pode ser identificado como uma repetição de uma linha anterior. No manuscrito RAH 9/213 existem dois, ainda que um deles, o primeiro apresentado na tabela, sofra alteração por um escriba distinto. Estas correções no RAH 9/123 são esforços de padronizar o texto com os outros manuscritos, e ocorrem tanto neste trecho adicional quanto nos ausentes, com inserções deste outro escriba. Este trabalho de correção, revisão ou padronização complexifica o reconhecimento do texto sem as alterações. Ainda assim, coletaram-se diversos trechos ausentes entre os três manuscritos, distribuídos entre as tabelas, revelando a maior quantidade destas ausências no RAH 9/213, seguido do BMP M-104 e, por fim, o RBME f.II.19, com menos variações entre seus pares. Na maioria dos casos em que há a ausência de conteúdo, pode-se perceber um padrão: ao observar as citações nas tabelas, nota-se da presença de termos iguais distanciados entre si apenas por algumas palavras, presume-se que esta proximidade entre termos idênticos pode ter levado o(s) escriba(s), na reprodução de seu(s) texto(s) base, a confundir seu olhar sobre a sequência do conteúdo que transmitia, ultrapassando algumas palavras no processo. Destaca-se, porém, que estas variações não deslegitimam as narrativas, uma vez que são parte integral do processo de produção dos textos, como afirma Roger Chartier em sua conferência “Literatura e Cultura Escrita” (2012, p. 6), surgidas a partir da pluralidade de intervenções ocorridas no processo de

escrita e publicação (p. 7). Neste sentido, como observa o historiador Jaume Aurell (2013), não se devem considerar os textos como “fechados”, mas atentar exatamente para as diferentes versões que possui (p. 108).

Na tabela a seguir encontram-se algumas comparações entre informações dissonantes encontradas no decorrer das narrativas, são parcelas reduzidas e, por vezes, algumas palavras, mas que podem alterar determinados sentidos, mesmo que menores. Como se poderá notar, as alterações seguem o mesmo padrão citado, com dois manuscritos concordantes e um terceiro divergente.

Comparações entre manuscritos		
RBME f.II.19	RAH 9/213	BMP M-104
		Mão 1
“[...] diole por el sobaco derecho [...]” (fólio 69v)	“[...] et diole por el braço derecho [...]” (fólio 46r)	“[...] e diole por el sobaco derecho [...]” (fólio 9v)
“[...] como por el encobrir de su ferida [...]” (fólio 70r)	“[...] como por el combatir de su ferida [...]” (fólio 46v)	“[...] como por el en- cobrir de su ferida [...]” (fólio 10r)
“[...] non trayan cauall(er)o [...]” (fólio 70r)	“[...] que si ellas non querian cauallero [...]” (fólio 47r)	“[...] ellas no traian cauallero [...]” (fólio 10v)
“[...] alli era a tres leguas [...]” (fólio 70v)	“[...] alli era quatro leguas de ay [...]” (fólio 48r)	“[...] alli era a tres leguas de ai [...]” (fólio 11v)
“[...] e a esta primera carrera [...]” (fólio 73r)	“[...] Et en esta primera ca- rera [...]” (fólio 48r)	“[...] e a es- tos primeros encuentros [...]” (fólio 17v)
“[...] E de la / otra parte contra el [...]” (fólio 74r)	“[...] et de la otra parte [...]” (fólio 54r)	“[...] e a la otra parte contraria [...]” (fólio 19r)
“[...] e que a la tal persona q(ue) le Requestasse [...]” (fólio 76r)	“[...] e que a la tal persona que se la resistiesse q(ue) el no(n) [...]” (fólio 57v)	“[...] e que a la tal persona que le requestase [...]” (fólio 23v)
“[...] co(n) buena ardideça de caualleria [...]” (fólio 80r)	“[...] con muy buena ardideza de caualleria [...]” (fólio 65r)	“[...] con muy buena ardid de guerra de caualle- ria [...]” (1v)
“[...] e Rom- pio su lança en el por tres partes [...]” (fólio 91r)	“[...] e rompio su lança en el por tres par- tes [...]” (fólio 70v)	“[...] rompio su lanza en el por quatro partes [...]” (fólio 27v)
		Mão 2
“[...] e Rompio su lança en tres partes, e pasaro(n) [...]” (fólio 113v)	“[...] et rompio su lan- ça en quatro partes et pasaron [...]” (fólio 101v)	“[...] e rrompio su lança en tres partes e pasaron. [...]” (fólio 78v)
“[...] encontro pedro de los Rios a galaor mosquera en la manopla yzq(ui)erda, [...]” (fólio 124v)	“[...] encontro Pedro de los Rios a Galaor mosquera en la manopla derecha [...]” (fólio 114v)	“[...] en- contro p(er)o de los rrios a galaor mosquera en la manopla derecha [...]” (fólio 99v)
“[...] en el guardabraço yzq(ui)erdo [...]”	“[...] en el guardabraço derecho [...]” (fólio 121r)	“[...] en el guardabraco derecho [...]” (fólio 111v)
No capítulo da justa entre Gomez de Villacorta e Alfonso	No capítulo da justa entre Gomez de Villacorta e	A anotação está correta no título do capítulo. (fólio

Freyjoo, anota equivocadamente o nome de Sancho de Ravanal no título. (fólio 163r)	Alfonso Freyjoo, anota equivocadamente o nome de Sancho de Ravanal no título. (fólio 157r)	183r)
“[...] e passaro(n) / otras seis carreras que non se encontraro(n) [...]” (fólio 165v)	“[...] Et passaron otras seys carreras que no(n) se encontraron [...]” (fólio 159r)	“[...] E pasaron otras dos carreras que non se encontraron [...]” (fólio 188v)
“[...] saluo que aquellos q(ue) la presente historia leyeren [...]” (fólio 165v)	“[...] saluo que aquellos que la p(rese)nte escriptura le- yeren [...]” (fólio 159v)	“[...] saluo que aque- llos q(ue) la presente historia leyeren [...]” (fólio 189r)

Tabelas 15 – Colaço de informações encontradas nos manuscritos.

Observa-se que as informações divergentes entre os manuscritos podem seguir por palavras semelhantes, mas ainda verossímeis para a narrativa, como no caso de “non trayan caballero” e “non querian caballero”, ou a distinção de pequenos detalhes, como o impacto no guardabrazo direito ou esquerdo, ou por quantas partes a lança se rompeu. Seria possível determinar que o termo repetido mais vezes constataria um sentido “original” – Pineda, que será explorado a seguir, costuma repetir o consenso⁵⁰ –, mas interessa entender as narrativas considerando suas variações e a multiplicidade de seus sentidos, pois como aborda Paul Zumthor (1993), a busca de um arquétipo ou “cópias” de qualidade superior são produto de um ideário moderno (p. 103), distante da concepção da transmissão do texto via manuscritos. A caracterização da obra, quando fala de si, a exemplo do dissenso “la presente historia” e “la presente escriptura”, pode mostrar como diversos escribas perspectivaram seus textos de maneiras diferentes. Deve-se destacar da mudança nas formas de escrever algumas expressões, inciativas que provavelmente partiram do escriba em questão, particularmente a primeira mão do BMP M-104 nos casos de “primeros encuentros”, “a la otra parte contraria” e “muy buena ardid de guerra”, contrariando algumas expressões padrão encontradas na narrativa, como: “primera carrera”, “de la otra parte contra el” e “buena ardidez de caualleria”. Porém, o escriba se distingue apenas nestas ocasiões, repetindo, nos demais casos, estas expressões comuns à narrativa. Por fim, algumas ocorrências permitem ser identificadas como equívocos, como no caso do registro do nome de um cavaleiro – Sancho de Ravanal – no título de um capítulo em que o mesmo não participa – que descreve as justas de Gomez de Villacorta.

⁵⁰ O BNE R/1197 segue com “manopla derecha” (fólio 83v) e, da mesma forma, o guardabrazo “derecho” (89v), ao invés do esquerdo, acompanhando, nas duas oportunidades, os manuscritos RAH 9/213 e BMP M-104, contrariando o RBME f.II.19.

Para além de comparações de carácter textual, outras características podem servir para elucidar a relação entre as versões. Estas características apresentam-se no uso das maiúsculas, nas pontuações e uso das margens, que apesar de terem sido descritas no capítulo 1, devem ser observadas quanto a suas equivalências ou diferenciações entre as versões. Afinal, questiona-se se estas maiúsculas, pontuações e margens são utilizadas de forma autêntica, e até que ponto são reproduções de outro texto base. O texto do R/1197 não permite muitas conclusões neste sentido, uma vez que: como impresso padroniza seu uso de maiúsculas; graças à reescrita da narrativa e o processo de edição obedece às suas próprias pontuações; e suas margens estão limitadas a alguns casos específicos⁵¹.

Para o caso do uso das letras maiúsculas, já se ressaltou que todas as mãos presentes nos manuscritos não possuem regularidade em seu uso, e quando as utilizam, está nos nomes próprios e inícios de frase. Ao cotejar os textos, ainda que existam trechos com equivalências quanto às maiúsculas utilizadas, não há uma compatibilidade manifesta. A pontuação ocorre da mesma maneira, ainda que as frases estejam pontuadas de forma semelhante, principalmente no caso dos pontos finais, variam a quantidade e posições das vírgulas, quando utilizadas. É o caso da M2 do RBME f.II.19, que faz uso constante de vírgulas, o que não ocorre no RAH 9/213, e é ainda mais incomum no BMP M-104, onde quase não há pontuações.

É possível inferir que as margens de cada manuscrito são as características que evidenciam maior relação entre os mesmos, uma vez que há grande semelhança em seu uso. Recorda-se que a M1 do RBME f.II.19 e o segundo escriba do BMP M-104 não utilizam suas margens, diferente das demais. A M2 do RBME f.II.19 realiza uma contagem de lanças rompidas ainda em seu primeiro fólio, e durante os demais indica momentos da narrativa em que é derramado sangue durante as justas, além de marcar o momento em que um cavaleiro é morto durante as justas. De maneira similar, o escriba do RAH 9/213, entre as diversas mãos que se apresentam nas margens do manuscrito, já discutidas anteriormente⁵², também realiza contagem de lanças, mas também o faz em relação aos cavaleiros que entram na liça, além de chamar a atenção para eventos na narrativa. Por fim, o primeiro escriba do BMP M-104 registra lanças rompidas, número de cavaleiros que justam, e marca episódios em que há sangue. Na tabela a seguir foram organizados exemplos destas margens.

⁵¹ Ver página 44.

⁵² Ver páginas 81 a 83.

	M2 RBME f.II.19	RAH 9/213	BMP M-104
Contagem de lanças rompidas	fólio 67r	fólio 81r	fólio 59r
Contagem de cavaleiros	-	fólio 78v	fólio 7v
Marcação de passagens	fólio 157v	fólio 152v	fólio 43v

Tabela 16 – Exemplos das margens dos manuscritos do grupo 1.

Como se pode notar, há uma grande semelhança no registro e forma destas margens, o exemplo mais representativo está na contagem de lanças rompidas, presente em todos os manuscritos, ainda que na M2 do RBME f.II.19 sua contagem não siga para além do primeiro fólio, diferente dos outros dois: o BMP M-104 contando até o fim do texto do primeiro escriba, ainda que não inclua todas as ocorrências, e o RAH 9/213 seguindo a contagem de forma consistente até o fim do texto. Ainda assim, todos os registros estão escritos de forma idêntica, o “l” e “s” com a tilde acima do segundo, abreviando “lanças”, e ao lado, em romano ou arábico, o número devido à contagem. Cabe ressaltar que a contagem do BMP M-104 está seguindo a cronologia da narrativa, ainda que o manuscrito esteja desordenado. A contagem de cavaleiros a entrar na liça também é realizada de forma similar entre os manuscritos RAH 9/213 e BMP M-104. Por fim, as demarcações de passagens com “Sangre” aparecem tanto no RBME f.II.19 quanto no BMP M-104, e cabe notar que a marcação de “Muerte” não aparece no segundo, uma vez que é um momento do texto escrito pelo segundo escriba, que não utiliza de margens. A marcação de passagens do RAH 9/213, por outro lado, é completamente original, não abarcando apenas momentos com sangue, mas também episódios interessantes, adicionando “att.” ao lado dos trechos. No entanto, deve-se notar que a escrita destas marcações não se assemelha com as demais, o que levanta a possibilidade de ter sido uma intervenção posterior à escrita do texto.

Na leitura da M2 do RBME f.II.19, pode-se encontrar alguns espaços em branco entre palavras do texto, podendo representar uma dificuldade do escriba de compreender seu manuscrito base. Da mesma forma, existem alguns indícios de que estes espaços também

foram deixados nos outros dois manuscritos, mas estes não se mantiveram em branco, tendo sofrido intervenções com o tempo. A tabela segue com alguns espaços em branco encontrados no RBME f.II.19 e os trechos correspondentes nos demais manuscritos.

RBME f.II.19	RAH 9/213	BMP M-104
estar el ^{veniente dia} fólio 70v	fólio 47v	fólio 11r
con un persa ^{que} fólio 70v	fólio 48r	fólio 11v
en otros ^{mas} fólio 99v	fólio 83r	fólio 46r
de papel ^{pequeno} fólio 184r	fólio 180r	fólio 233r

Tabela 17 – Espaços em branco do RBME f.II.19 e trechos correspondentes nos demais manuscritos.

Os quatro espaços em branco apresentados no RBME f.II.19 estão completos nos outros dois manuscritos, com as mesmas palavras. Portanto, respectivamente, as frases se completam: “estar el [domingo] veniente”; “con un persa[vante] que”; en otros [oficios]”; “de papel [ceuti] pequeno”. Porém, percebe-se que, ainda que “persauante”, “officios” e “cevti” (este, riscado) estejam na letra do escriba do RAH 9/213, existem intervenções em “domingo”, que parece escrito por uma mão distinta. Nesta intervenção é possível que houvesse um espaço em branco entre as palavras. Da mesma forma, no BMP M-104, o mesmo ocorre com seu “p(er)sauante”, onde poderia haver um espaço em branco, se vê uma escrita ligeiramente diferente, ainda que não se constitua, necessariamente, como uma intervenção de outro escriba.

Estes espaços em branco são encontrados, também, no BMP M-104, como pode ser visto nos três exemplos que seguem:

Manuscrito	Exemplo	Fólio
BMP M-104		22v
RBME f.II.19		75v
RAH 9/213		56v

Manuscrito	Exemplo	Fólio
BMP M-104		28r
RBME f.II.19		91v
RAH 9/213		71r

Manuscrito	Exemplo	Fólio
BMP M-104		36r
RBME f.II.19		95r
RAH 9/213		76v

Tabelas 18, 19 e 20 - Espaços em branco do BMP M-104.

Os três exemplos destacados se encontram nos demais manuscritos com as seguintes palavras, em sequência, “uca”, “enxertado della” e “gasajados”. Novamente, os espaços podem ter sido deixados por desconhecimento do escriba de tais palavras ou por sua dificuldade ao lê-las.

Existem outros exemplos menos destacados nos manuscritos, e que não estão obrigatoriamente ligados a uma incapacidade de leitura do escriba, mas possivelmente por esquecimento, falta de atenção ou exclusão voluntária de conteúdo. No RAH 9/213 estes espaços em branco são complementados por adições de um escriba distinto daquele do texto principal, o que dificulta sua apreciação.

Imagem 60 – Espaço preenchido por mão distinta ao do escriba do RAH 9/213, fólio 147r.

As semelhanças observadas nos manuscritos podem demonstrar a proximidade entre os mesmos, por equivalências em maiúsculas e pontuação, mas principalmente por suas margens, que apresentam formas, por vezes, idênticas. Não se pretende, porém, elaborar hipóteses de cópias entre eles, nem concluir quais seus manuscritos base, ainda que exista a possibilidade destas versões terem se servido umas das outras ou de um manuscrito em comum. Ainda assim, as semelhanças apresentam uma mesma raiz, o texto e a narrativa

seguem um relato e uma cronologia única, e como reproduções, endossam a prolífica produção manuscrita no século XVI, como articulada na pesquisa de Fernando Bouza Álvarez (2016), outrora mencionada. Por outro lado, cada manuscrito é único em sua composição, como demonstrado tanto em suas análises individuais, quanto por preferências nos usos de palavras e adjetivos, ou mesmo por inclusões de informações singulares, como ressaltado anteriormente.

Encerradas as análises comparativas dos manuscritos, deve-se suceder para o cotejo com a versão impressa, o BNE R/1197, no qual já se discorreram alguns pontos durante o Relato A, e que serão retomados. Diferente das comparações entre manuscritos, a colação entre textos do manuscrito e impresso não foram estabelecidas de maneira literal, o que levaria a intermináveis citações. É importante recordar que Juan de Pineda abreviou e reescreveu parcelas da obra. Evidencia-se, também, que graças a esta característica do impresso, é comum que os manuscritos contenham textos maiores e com mais detalhes que o de Pineda, e por este motivo, foi dada mais atenção para os casos contrários, em que o impresso apresentou mais conteúdo que os manuscritos.

Para organizar as comparações, foram produzidas três tabelas, a primeira apresentando casos em que Juan de Pineda reescreveu pequenas parcelas de texto que se podem observar nos manuscritos, e ainda os comentários que provavelmente adicionou em determinadas situações. Na segunda tabela estão comparações de situações que aparecem com dados diferentes entre o impresso e os manuscritos. Nota-se que, a fim de evitar repetições desnecessárias e acúmulos nas tabelas, o manuscrito escolhido para representar os manuscritos nas comparações com o impresso foi o RBME f.II.19, seguindo o exposto na introdução. A terceira tabela (Anexo 1) se ocupará de trechos existentes somente no R/1197, apresentando que situações ocorrem e a integralidade do conteúdo, por vezes extendendo-se por alguns fólhos.

Seguindo o que foi traçado durante a análise do Relato A, Pineda costuma abreviar a narrativa e retirar muitos excertos de descrições com detalhes considerados repetitivos. Este costume, visando possivelmente uma narrativa mais concisa e literária, é responsável por retirar algumas discussões que ocorrem nos intervalos das justas, e que podem ser notadas nos manuscritos, ainda que não haja perda no conteúdo das justas em si. Como descrito anteriormente, Juan de Pineda se utiliza do discurso indireto para resumir longos diálogos que aparecem citados de forma direta nos manuscritos. Nota-se que, no impresso, busca-se evitar algumas repetições vistas nos manuscritos, como, por exemplo, para que não se aborde que

em todo encerramento de justas o cavaleiro defensor convida o seu adversário para sair do campo e se direcionar para a refeição, Pineda estabelece em determinado ponto: “como se fazia ordinariamente | con todos los justadores, aunque no | siempre lo especifiquemos.” (37r). A partir deste ponto a narrativa do impresso não repetirá a todo o momento tal costume. Este empenho de buscar objetividade leva o BNE R/1197 a tornar-se repetitivo no decorrer da narrativa, uma vez que sucede justa após justa, trocando apenas os nomes dos competidores e resultados de cada carga.

Ao tratar do Relato A, pôde-se perceber que há uma afinidade entre a narrativa da M1 do RBME f.II.19 e de Juan de Pineda, ainda que este estabeleça comentários e reescreva parcelas de texto, algo que permanecerá no Relato B, como se verá a seguir. Com relação a trechos adicionais, no Relato A, Pineda os apresenta em duas ocasiões e, ainda assim, muito reduzidas. Para o Relato B, vê-se da existência de um bom número de trechos no BNE R/1197, por vezes de grandes extensões, que não são observados nos manuscritos. Estes trechos são encontrados, em sua maioria, próximos ao fim da narrativa. Outra característica que se deve notar está na ausência de comentários do autor ao fim de cada justa, o que é corrente nos manuscritos do Relato B, mas que não são encontrados tanto na narrativa de Juan de Pineda quanto na M1 do próprio RBME f.II.19, o que torna estes últimos ainda mais próximos, distanciando-os dos demais.

Comentários ou reescrita de trechos		
Situação	Texto	Fólio
Reescrita de Juan de Pineda sobre o início das atividades de um dos dias.	“[...] se leuuntaron los caualleros co(n) el estrue(n)- do de las trompetas, y de los demas instrumentos que seruian en el Passo Honroso, y auiedo oydo missa en la gran tienda de la capilla, [...]”	31r
Quando Gonzalo de Castañeda não ergue sua lança em sinal de cortesia.	“[...] Mejor lo miro Sancho de Rauanal para con Soto quando le acontecio otro tanto com su cauallo (como queda dicho en el en §. 26.) mas presto le dio Dios el galardón de su vileza.”	59r
Reescrita do trecho em que Suero de Quiñones lesiona sua mão durante as justas.	“[...] Suero se que- xaua com los terribles Dolores, y to- dos entendian q(ue) tenia bie(n) porq(ue) por quanto allende de tener la mano des- concertada, estaua muy denegrida, e tambien el brazo, y la sangre mascu- jada, como si fuera perlesia.”	80v
Ao emprestar sua armadura, Suero de Quiñones não encontra outra que o sirva. Há um comentário sobre a atitude de seu adversário.	“Salio Suero com aquel arnes senzillo, porque el Per Dauio le pidio su arnes doblado, y ninguno de los doblados que a Suero quedaron le ar- mo bien: y por saber esto el Per Da- uio, escogio la lança rezia, mas si en- cierra nobleza, o vileza tal hecho, o si arguye mal desseo, juzguen lo los que saben de armas, porque yo no se mas de leer y escriuir para trasladar esta cauallerosa historia.”	41r
Após Francés Daviu	“Al qual digo yo que si el tuuie- ra alguna nobleza de	43r

revelar seu amor por uma monja, há um comentário moral sobre esta revelação.	Christiano, o siquiera la verguença natural con q(ue) todos procuran encobrir sus faltas: no pregonara vn sacrilégio tan esca(n)- daloso, y tan en deshonra del estado monacal, y tan injurioso para Iesu Christo.”	
Comentário sobre o possível uso de uma armadura mais forte.	“Algunos quisiero(n) dezir que Iua(n) Vazquez auia fecho estas armas en las platas senzi- llas que Iuan de Merlo trahia, y eran muy fuertes: mas non se le prouo.”	90v
Comentário com alguns juízos de valor sobre as atitudes dos cavaleiros, exaltando Quiñones e difamando os catalães.	“[...] la embaxada de Suero tan modesta, y la respuesta de los Catalanés tan rompida [...]” (108v) e “Ellos como azedos y arrimados a su volu(n)- tad replicaro(n) [...]” e “Ellos como azedos y arrimados a su volu(n)- tad replicaro(n) [...]”	109v
Comentário que ressalta valores de sacrifício de Diego de Bazán.	“[...] Diego de Baça(n) en la liça co(n)tra la volun- tad de Suero de Quiñones, porq(ue) auia sido ferido pocos dias auia, mas su vi- uo coraçon le metia en mayores tra- bajos que su disposicion sufria [...]”	110r
Seguindo o comentário anterior, ocorre o mesmo com Lope de Aller.	“[...] y con calentura, y muy co(n)tra la voluntad de Suero de Quiñones, que le non quiso contrallar porque su mal non le cresciesse, tanto era el de Aller de ardido de coraçon.”	111r
Trecho tratando das motivações dos cavaleiros catalães.	“[...] diziendo que ya auia satisfecho a su deuer: en lo qual semeja que non vino de su tierra por ganar honra co(n) obras, si non por contender en acha- ques.”	110v

Tabela 21 – Comentários ou trechos reescritos no R/1197.

Esta tabela apresenta momentos que Juan de Pineda teria redigido alguns comentários de caráter particular a algumas situações ocorridas no Passo Honroso. Objetivando ressaltar alguns cavaleiros como protagonistas, descrevendo-os em situações de sacrifício (e.g. Diego de Bazán fazendo justas enquanto ferido) ou de desvantagem (e.g. A armadura supostamente mais forte de Juan Vazquez), ou traçando alguns julgamentos a atos que não seriam próprios da cavalaria, ou pouco cristãos (e.g. O amor de Francés Daviu por uma monja). Estas orientações morais que partem de seus comentários podem significar o objetivo de criar um ambiente mais literário para a obra, buscando um antagonismo entre os personagens, ou ainda, sua motivação poderia ser a de exemplificar para o leitor que atitudes seriam apropriadas à cavalaria e ao cristão.

Comparações de conteúdo entre impresso e manuscritos		
Situação	BNE R/1197	Manuscritos (RBME f.II.19)
Identificação do escriba que lê os capítulos do Passo Honroso.	“[...] yo Pero Rodri- guez Delena escriuano del Rey nue- stro señor que assistia en el Passo se los ley, [...]” (fólio 54v)	“[...] diero(n) los a un escriuano que estaua en el passo e declarolos, e leydos del todo. [...]” (fólio 94r)
O resultado do desafio de um	“[...] y tomando este la trompeta del Lombardo la toco con tanta fuerça, y	“[...] e assi tocaron muy gran Rato, e fizieron diversos tañeres:

trompetista Lombardo à Dalmao.	con tantas diferencias de sonadas y de consonâncias, que el Lombardo despues que hizo quan- to pudo y supo delante de los juezes y de muchos otros, se dio por vencido y le dio su trompeta [...]” (fólio 104r)	esta(n)- do presentes com ellos / otros dos tronpetas muy famosos del ya no(n)- brado n(uest)ro senhor Rei de castilla, los quales fuero(n) preguntados por su fee que dixiesen verdad qual de aquellos lo hauia fecho mejor , e ellos dixiero(n) so cargo de la fee que les hauian tomado q(ue) dalmao hauia tocado mucho mejor, e sabia mas en aq(ue)lla arte d(e)l tañer d(e) las tro(m)petas [...]” (fólio 146r)
Entrada de Martin de Guzman na liça.	“[...] el qual dixo a los juezes que no por soberuia, si non para mayor ex- periencia queria vna gruessa lança, y ellos dixerón que fiziesse a su guisa.” (fólio 107r)	“[...] traya ençima del elmete em el cano(n) del plomon em un verdugo una ynpla muy delgada de dama. [...]” (fólio 150v)
Troca de cavalos de Esberte de Claramonte com Suero, filho de Alvar Gomez.	“El Aragonés trahia vn caualllo que al tiempo del encuentro se apartaua, e por esso pidio el caualllo em que an- daua su contrario Suero, pareciendo le mas concertado, y Suero se le dio por gentileza, e por ser constitucion de la guarda del passo honroso: mas quien tales mejoras buscava, fuera e- staua de buscar los mayores peligros com igualdad para ganar mayor hon- ra, que era el fin desta auentura.” (fólio 112v)	E no RBME f.II.19 “[...] e por que el caualllo en que exberte andava se desuiaba diole este nonbrado Suero el caualllo en que andava e el tomo / otro.” (fólio 157r)
Capítulo que trata de alguns nomes que serviram durante o evento do Passo Honroso, nota-se que o impresso traz nomes e posições muito diferentes do manuscrito, que aborda alguns cavaleiros que serviram no campo.	“En este libro no digo por huyr prolixidade las galas e inuenciones, nin las deuisas co(n) que los caualleros salieron a las justas, nin los dones e joyas que el generoso e discreto Sue- ro de Quiñones capitan del Passo ho(n)- roso dio a los nobles caualleros que alli se acertaron. Mas no(n) passare por silencio como a pedimiento del no- ble Suero de Quiñones, su madre ya nombrada en el principio deste me- morial aya embiado a residir con el en el Passo honroso vna noble due- ña de estado llamada Eluira Alvarez muger del buen cauallero Gomez Telles de Gauilanes, Ayo de Pedro de Quiñones Hermano de Suero de Quiñones: la qual con otras seys due- ñas siruiesse como de enfermera con panos e medicinas, e dietas, a los caua- lleros e	“E por que estos caualleros ya nonbrados E gentil home supiero(n) el vno del outro como casi eran venidos todos tres a vna cosa, e non pudiero(n) fazer armas como ya dicho es. e por las rrazones declaradas Antes en este libro pensaro(n) en fazer al- gun onor en aquel passo a los defensores del en cuyo fabor hauia(n) venido. E seruieronlos muy bien en la man(er)a que / oydo hauedes e aqui dize E fabla el auctor que estos cauall(er)os. E gentiles hom(e)s que mostraro(n) muy bien hauer buen desseo todos tres de honrrar aquel passo, e de aquel fecho de armas. pues non huuiero(n) lugar para las fazer,

	gentiles homes que feridos fuessen en las prueuas de las honro- sas armas: lo qual ello fizo complida- mente con sana e pura discrecio(n), por seruir e complazer al famoso capita(n) Suero de Quiñones. Otro si durante el Passo honroso fue maestre sala del honorable Suero de Quiñones Ve- lasco Perez su pariente fijo de Suer Perez de Quiñones vassallo del Rey e seruidor de la copa, fue Rodrigo de Leon fijo del honrado tesorero: e de- spenseros Alfon Aluarez de Arro- yas, e Pero Biues de Laguna. Siruiero(n) tambien en el Passo honroso de ciru- janos maestre Alfonso e maestre Ro- drigo vezinos de Leon, e maestre Ma- nuel vezino de Aguilar: e físico en Medicina sabidor maestre Salomon Seteni fisico del discreto e honora- ble cauallero Diego Fernandez de Quiñones e de Doña Maria de To- ledo su muger, ambos padre y madre de Suero de Quiñones capitan del Passo honroso.” (fólios 133r a 134r)	e se dispusieron a seruir en ellas ansi en armar a los cauall(er)os defensores de aquel paso, como en los seruir de dentro de la liça. assi a pie como a cauallo, e lo continuaro(n) siempre fasta las armas ser cunplidas. E fasta el postrimero dia que el passo se acabo, e en especial el ya dico lope de guezmos q(ue) sienp(r)e continuo siruiendo a los dichos cauall(er)os, defensores de aquel paso a pie tanto q(ue) maravilla era, e houo tanto trabajo siruiendo ansi q(ue) todos los q(ue) ay era(n) estaua(n) marauillados de lo poder sufrir q(ue) tan ayna llegaua El ya no(n)brado lope de guezmes al cabo de la liça don- de las armas se fazian con el cauallero / o gentil home defensor q(ue) las fazia como El cauallo em que yua” (178v)
A nomeação de um passavante.	“[...] Monreal faraute del Rey nuestro señor, e su fijo Oruigo que en este mesmo lunes de mañana fizo perseuant: e Suero de Quiñones capitan mayor del Passo honroso a ruego del generoso cauallero Don Iuan de Benaute que para si lo to- mo.” (fólio 132v)	“[...] fizo el ho(n)rrado ca- uall(er)o capita(n), e defensor mayor ya no(n)brado vn p(er)sauante a rruego del ant(e)s d(e)sto nonbrado ho(n)rrado cauall(er)o, do(n) Ju(na) de benaue(n)te. el q(ua)l p(er)sauante era fijo del antes desto nonbrado mo(n)rreal faraute del Señor rrey de Castilla [...]” (fólio 179v)

Tabela 22 – Colação de conteúdos díspares entre o BNE R/1197 e os manuscritos (RBME f.II.19).

A tabela comparativa revela algumas situações que são colocadas com informações distintas nas narrativas dos manuscritos em comparação com o impresso, seja na entrada de Diego de Guzmán, na troca de cavalo de Esberte de Claramonte, ou mesmo na disputa entre trompetistas, que se resolve de formas diferentes em cada narrativa. Estas alterações não são cruciais para o enredo do Passo Honroso, mas demonstram que há uma coexistência de versões para cada situação, motivo pelo qual se deve considerar todas estas variantes ao empreender-se um estudo sobre o evento. Para além destas variações de dados entre os textos,

existem múltiplas ocasiões em que a versão de Juan de Pineda contém conteúdo adicional em comparação aos manuscritos, revelando interações inéditas⁵³.

Ainda que não se objetive um julgamento de qual texto estaria correto, de que os trechos apresentados seriam uma criação de Juan de Pineda, ou ainda retirados pelos demais manuscritos, devem-se destacar alguns pontos. Primeiramente, é necessário perceber que as situações adicionais se iniciam e finalizam completamente, sem que sejam citadas novamente em qualquer outro momento das narrativas, são tramas com um ciclo definido pelo próprio trecho (e.g. A caída de Juan de Benavente de seu cavalo e Pero Carnero falando da derrota de Lope de la Torre). No caso de Per Daviu, por exemplo, existem dois trechos tratando da questão da igualdade das armaduras, separados apenas pela prática de uma justa. É pertinente notar que os manuscritos tratam desta justa, mas não fazem qualquer menção ao ocorrido, antes ou depois da mesma. Poderia-se refletir sobre retiradas ou adições propositais, mostrando-se tentador responsabilizar Pineda pela existência dos trechos, uma vez que sabemos quem era (e.g. A citação de trechos do direito canônico quando da morte de um cavaleiro ao praticar a justa, entre outros comentários moralizantes, poderiam levar à conclusão de que o objetivo de sua obra seria doutrinário), mas questiona-se do proveito de tal discussão para esta pesquisa.

Ainda que não se destaque os conteúdos ausentes no BNE R/1197, um deles merece menção, uma vez que remove integralmente a participação de um cavaleiro da narrativa. É a justa entre Alfonso Freijoo e Gomez de Villacorta, que é desconsiderada ou esquecida, e em seu lugar identifica-se apenas um trecho adicional que menciona o condestável Álvaro de Luna (fólio 120r, ver Anexo 1). A narrativa de Pineda segue direto da justa de Sancho de Ferrera para as de Lope de Ferrera, como se verá na análise dos índices de fim.

Como conclusão às análises deste Relato B, percebe-se que em todas as versões pode-se encontrar um índice de participantes nos fólios finais das mesmas. Apesar de existir um índice inicial de cavaleiros no RAH 9/213, adicionado por um escriba posterior, os índices de fim possuem semelhanças, informando cronologicamente os cavaleiros participantes e quantas lanças foram rompidas por eles e seus adversários, no total, durante suas justas. Variam, porém, quanto a exibir em que fólios ou títulos as justas ocorreram (RBME f.II.19 e BNE R/1197), e contra quais cavaleiros defensores realizaram os embates (RBME f.II.19, RAH 9/213 e BMP M-104). Um destaque que deve ser realizado compreende a possibilidade de que cada escriba empreendeu sua própria contagem das justas ao fim de cada versão. No

⁵³ A integralidade dos trechos adicionais do BNE R/1197 foi disposta em anexo (Anexo 1), visando a fluidez do texto.

que se refere aos três manuscritos, esta contagem não poderia ser completa, uma vez que o trabalho dos mesmos é lacunar. Juan de Pineda, por sua vez, parece ter se concentrado neste trabalho, pois apresenta um total de lanças rompidas diferente, 166, em oposição às 178 presentes nos manuscritos. Cabe ressaltar que, ainda que os três manuscritos revelem o mesmo número de lanças rompidas, eles diferem ao registrar o resultado de algumas justas. No caso do manuscrito RAH 9/213, há também as correções de outra mão que revisa o conteúdo do escriba do texto principal.

As diferenças encontradas entre as fontes não demonstram, necessariamente, um equívoco por uma das partes, pois é possível constatar dois fatores que levam a divergências: o primeiro está no critério de contagem das lanças, pois enquanto observa-se uma explicitação de como a contagem foi realizada nos manuscritos: “con alg(un)as q(ue) contaron los jue- | zes quando Alguno era ferido aun que non rrompia mas de | una pues no(n) podía mas armas fazer / por tres” (RBME f.II.19, fôlio 183v), ou seja, no caso de ferimentos que impossibilitassem as justas de continuar, o embate seria encerrado e eram contadas três lanças por rompidas. Os critérios de Juan de Pineda não estão evidenciados no impresso, mas este pareceu ater-se a uma contagem mais literal. O segundo fator que gera divergências está na ausência de certos cavaleiros em uma ou outra versão, seja por esquecimento de registrá-los ou por sua inexistência, de fato, na narrativa da versão.

Em anexo (Anexo 2), pode-se averiguar como constam, nos respectivos índices de fim, a relação de cada cavaleiro por lança rompida⁵⁴. Apresentam-se mais equivalências que diferenças, principalmente entre os manuscritos, mas podem-se citar casos que concernem aos critérios mencionados anteriormente. Nos casos de Fernando de Liñan e Diego de Mansilla, ambos se feriram durante as justas, e enquanto Juan de Pineda marca as únicas lanças rompidas, os demais manuscritos marcam três. O mesmo ocorre quando há uma lesão ou ferimento no cavaleiro defensor, isto ocorre nas justas entre Rodrigo Quijada e Diego de Bazán, no qual este último é atingido gravemente no olho; entre Juan de Merlo e Suero de Quiñones, no qual o defensor desloca sua mão em um dos encontros; e entre Françi De Valle e Lope de Aller, quando este se fere e não pode continuar. Em todos os casos os manuscritos consideram as três lanças, em oposição ao BNE R/1197, que marca exatamente o número de lanças rompidas. Nem mesmo com a morte de Esberte de Claramonte Juan de Pineda registra as três lanças, pois o cavaleiro sucumbe ao receber impacto da segunda lança que se rompe. Existem outros casos com distinções, mas estes podem ser explicados por equívocos ao

⁵⁴ Novamente, optou-se por dispor a listagem em anexo (Anexo 2), visando a fluidez do texto.

reproduzir contagens, ou por perder de vista alguma ocorrência. A ocorrência mais díspar está em Alfonso de Deza, em que o impresso registra seis lanças rompidas (o que se constituiria em uma impossibilidade), enquanto os manuscritos registram três. Averiguando a narrativa, encontra-se que foram rompidas três lanças, mas o que pode ter confundido Juan de Pineda revelaria, possivelmente, uma reprodução equivocada de um manuscrito base. Nos manuscritos pode-se encontrar a seguinte informação para a justa de Alfonso de Deza: “El honrrado cauall(er)o Alfonso de deça | con el honrrado cauallero lope de stuñi- | ga, e amos rrompiero(n) en dos vezes três | lanças.” (RBME f.II.19, fôlio 182r), em uma leitura desatenta deste trecho pode-se imaginar que, de fato, se ambos romperam em duas vezes três lanças, o resultado seria seis. Porém, como se pode conferir no relato do Passo Honroso, Alfonso de Deza não encerra suas justas em apenas um dia, retornando uma segunda vez para a liça, episódio que leva à descrição presente, pois foram rompidas três lanças em duas vezes que as justas ocorreram.

Entre os cavaleiros que não estão sequer presentes nas contagens, destaca-se da ausência de Alfonso Freijoo no BNE R/1197, cuja justa foi completamente suprimida da narrativa do impresso. Esta omissão leva a um total de 68 cavaleiros no relato de Juan de Pineda. As demais versões apresentam a existência de 69 cavaleiros, ainda que em teoria, pois por possuírem conteúdo lacunar, não apresentam a totalidade dos embates. Ainda que respeitem este número sem supressões no relato, no manuscrito BMP M-104 estão ausentes três cavaleiros no índice de fim – Juan de Estamarin, Francisco de Faces e Juan de Carvallo –, possivelmente por desatenção do escriba ao reproduzir o conteúdo em seus fôlios.

Tornando para a conclusão desta análise comparativa, nota-se, portanto, das semelhanças encontradas entre os manuscritos do Relato B, defendendo-se a hipótese de que estes estabeleceram relação, seja por contato direto entre si, ou por manuscritos base, o que se pode observar através de suas margens, pontuações, divisão do texto, lacunas e pouca distinção entre os textos. No que se refere às comparações destes manuscritos com o impresso, recorda-se da afinidade do mesmo com a M1 do RBME f.II.19, o que não se repete com os manuscritos do Relato B. Esta afinidade entre as versões do Relato A poderia ser estabelecida, novamente, seja por contato direto ou por manuscritos base comuns. Em comparação com o Relato B, Juan de Pineda apresenta muitos trechos adicionais, o que levanta questões sobre alterações nas narrativas, propositadas ou não. Ora, não havendo contato entre BNE R/1197 e RBME f.II.19, deve-se imaginar da relação a partir de manuscritos comuns, caso contrário, se houve um contato com a M1, recorda-se que o trabalho deste foi complementar ao da M2, e portanto, Juan de Pineda esteve ciente dos

escritos desta última. Ainda que se consiga traçar estes caminhos, eles permanecem inconclusivos com as informações encontradas, e como mencionado, o aprofundamento desta discussão não se mostra profícuo para o presente estudo das narrativas.

CAPÍTULO 3 – APRECIÇÃO DE UMA CONSTELAÇÃO DOCUMENTAL: ANÁLISE E COMPARAÇÕES DAS COLETÂNEAS DE CARTAS

Como realizado no capítulo anterior, esta seção pretende proceder com uma análise individual e coletiva das fontes pertencentes ao Grupo 2 (Tabela 23). Este grupo é formado pelas coletâneas de cartas, ou epistolários, cada qual contendo, em meio a uma diversidade temática de cartas, aquelas que possuem relação com os personagens e narrativas do Passo Honroso. Entre elas: o BNE RES/27, o BNE Mss 7811 e o BNE Mss 18444.

As coletâneas de cartas trazem conteúdos relevantes para a pesquisa, seja por sua proximidade temporal ao que teria sido o evento do Passo Honroso, ou por revelar cartas que não podem ser encontradas nas narrativas do Grupo 1. Duas destas coletâneas têm seus textos na linguagem catalã, uma característica que deve ser levada em consideração na análise. Além da comparação entre as próprias fontes, devem-se cotejar, também, os textos encontrados neste grupo com os tratados anteriormente.

Manuscrito / Referência	Título em catálogo (reduzido)	Local	Data estimada	Descrição	Conteúdo (Relacionado ao Passo Honroso)
RES/27	Copias de cartas de batallas y de textos del siglo XV	BNE	Séc. XV (datação paleográfica)	120 fólhos, em duas colunas, diversas mãos.	1. Carta para Juan II; 2. Capítulos do Passo Honroso; 3. Correspondências com os cavaleiros catalães (incompleto); 4. Carta de Fernando de Castro.
Mss 7811	Letres e achtes de batalla	BNE	Séc. XV-XVI (datação paleográfica)	532 fólhos, diversas mãos, escrito em catalão.	1. Capítulos do Passo Honroso; 2. Correspondência com os cavaleiros catalães; 3. Carta de Ramon de Soler e de Pero Pardo de la Casta; 4. Correspondências com os irmãos Fabla.
Mss 18444	Letres de batalla	BNE	Séc. XV-XVI (datação paleográfica)	324 fólhos, diversas mãos, escrito em catalão.	1. Correspondência entre os Catalães, Suero de Quiñones e Juan de Benavente; 2. Carta testemunho de um arauto.

Tabela 23 – Das coletâneas de cartas.

Entretanto, antes da devida análise destes manuscritos, deve-se abordar que cartas seriam estas trocadas durante o evento, quais seus significados, sujeitos envolvidos e possíveis motivações. Esta introdução é relevante uma vez que as fontes contêm, por vezes, correspondências de mesmo conteúdo, mas expostas diferentemente, além de apresentarem variações textuais. A partir das narrativas do Passo Honroso, inseridas no Grupo 1 (Tabela 6), existem quatro cenários em que as cartas do Grupo 2 (Tabela 23) estão presentes.

O primeiro se trata da carta de Suero de Quiñones para o rei Juan II, mas que, por ser destinada à leitura em voz alta em presença da corte do mesmo, pode ser identificada como uma epístola, ou discurso, contendo a requisição do nobre para realizar o evento do Passo Honroso, indicando suas motivações e objetivos. Esta requisição teria sido lida por um arauto, na corte mencionada, no primeiro dia do ano de 1434.

O segundo momento está na apresentação dos capítulos do Passo Honroso, também considerada uma carta, mas entoada em plena corte, buscando sua publicação e divulgação, a fim de alcançar regiões para além do reino de Castela.

Em terceiro está a efetiva troca de cartas – sem o propósito de leitura pública – entre quatro personagens, dois deles assinando em conjunto, sendo eles Riembau de Corvera e Françi de Valle, e os outros dois, assinando independentemente, Suero de Quiñones e Juan de Benavente. Grosso modo, as correspondências partiram dos cavaleiros catalães, denunciando que o Passo Honroso estaria estorvando e atrasando a peregrinação de gentis homens e mulheres que passavam pela ponte de Órbigo, e desta maneira, se voluntariavam para romper todas as trezentas lanças propostas por Suero, isentando outros de fazê-lo. Tal oferta, colocada entre o limiar possível da hostilidade e da cortesia, teve imediata recusa do idealizador do Passo Honroso, que ainda assim convidou os cavaleiros para participarem do evento. Destas correspondências também participa Juan de Benavente, que intervém a favor de Suero. Os cavaleiros catalães participariam, posteriormente, do evento, ainda que da forma prevista nas regras do mesmo. Estas correspondências possuem questões a serem elucidadas, e que serão abordadas de acordo com a análise das fontes.

O quarto momento apresenta-se como a troca de cartas que conclui as narrativas do Grupo 1, e apresentam-se incompletas nas mesmas. Nesta correspondência, os irmãos Pero e Juan Fabla desafiam Suero de Quiñones e seu primo Lope de Estuñiga para um combate armado. A resposta de Suero de Quiñones, como mencionado, revela-se incompleta nas narrativas, exibindo apenas o início da réplica em três deles, e no BNE R/1197 sequer

menção-se da mesma. O conteúdo desta réplica é apresentado na coletânea de cartas BNE Mss 7811, que também evidencia a existência de múltiplas trocas entre os cavaleiros.

Demais cartas que estejam inclusas no contexto do Passo Honroso ou seus participantes, mas que se apresentam em um único manuscrito dos que seguem, serão identificadas em seus devidos subtítulos. Descritas estas cartas, sucede-se à análise das fontes do Grupo 2 (Tabela 23) de forma individual, para que em seguida se faça uma comparação entre as mesmas e com aquelas expostas anteriormente, do Grupo 1.

3.1 – BNE RES/27

A primeira coletânea de cartas é o manuscrito BNE RES/27, entre os conteúdos que o compõe, estão a carta de Suero de Quiñones para Juan II, os capítulos do Passo Honroso, as correspondências com os cavaleiros catalães e uma carta de Fernando de Castro, exclusiva deste volume. A análise deste códice se beneficia da existência de um estudo já realizado, que busca tratar de pormenores do volume, no caso, o artigo escrito por Michel García (1998), “Les Remontrances au Roi (1413). D’après une version castillane contemporaine”, que contribuirá com as observações realizadas nesta pesquisa.

O artigo de Michel García (1998) objetiva a comparação entre a versão castelhana do texto “Remontrances au roi de France”, contida no BNE RES/27, com uma versão francesa. Apesar de tratar de apenas um texto, colocado ao fim do manuscrito em questão, o autor desenvolve um olhar acerca de todo o volume com o fim de entender sua composição e produção. Este olhar é importante, pois, como afirma o mesmo autor em um artigo sobre o estudo de miscelâneas (2004), entender a coerência interna deste tipo de fonte é necessário para a investigação de sua composição, sua “razão de ser” (p. 913). A tentativa de abarcar todo o manuscrito leva a divisões do mesmo em “séries”, cada qual com conteúdos mais ou menos semelhantes e com datas de produção próximas.

Como mencionado no capítulo 1, o BNE RES/27 é uma coletânea de diversas cartas e discursos que tratam das relações entre Castela e reinos vizinhos, como Aragão e, sobretudo França. Desta forma, haveria uma lógica na junção dos textos do códice, para além do mero agrupamento de desafios e cartas de batalha, que pode ser percebido, acompanhando Michel Garcia (1998), através do gênero dos textos inseridos no manuscrito: a carta; ainda que em forma de discurso (p. 84). Na divisão do BNE RES/27, promovida por García, o grupo de textos no qual se inserem os fólhos do Passo Honroso também traz uma abordagem de inspiração “cavaleiresca”, até mesmo para aqueles que tratam de eventos políticos (p. 75).

Acerca da produção do manuscrito, pode-se notar que a data pressuposta de escrita dos textos abarca entre fins do século XIV e primeira metade do XV, mais especificamente até o ano de 1435. Buscando detalhes acerca dos itens do códice, García observa que um grande número de textos está vinculado ao chanceler Fernán Pérez de Ayala e sua família, levando à hipótese que a coletânea teve contato com este personagem. A atividade diplomática de Ayala estaria ligada à importância dada pelo códice com relação a eventos externos, e a existência de diversos trechos das crônicas do próprio Fernán Pérez no volume também pode ser tomada como indício (pp. 78-79). Segundo a hipótese de Michel García, Ayala possuiria um corpus documental relativamente importante (p. 79), que teria relação com os textos observados no manuscrito, incluindo aí o “Remontrances au roi de France”, que o chanceler teria obtido uma cópia da mão do próprio autor, quando em seu papel de embaixador, na França (p. 80). Concernente à data de produção, a mesma determina-se entre o período do último texto e a catalogação do volume em seu primeiro inventário. Os textos mais recentes são datados do ano de 1435, e segundo as observações de García (1998), o códice se apresenta no inventário dos condes de Haro de 1553 (estando ausente no de 1455) (p. 66). Para uma datação cautelosa, pode-se definir a produção do manuscrito entre 1435 e 1553.

Acerca do conteúdo do Passo Honroso, este se insere na temática do BNE RES/27 por suas cartas, algumas delas correspondências com cavaleiros estrangeiros. Deve-se notar que são sete cartas nas trocas entre Suero de Quiñones e Juan de Benavente com os catalães. Há um fólio encadernado equivocadamente, o 94, que, a fim de corrigir a continuidade das cartas ali presentes, deveria se encontrar entre os fólios 66v e 67r. Esta ordem se confirma pela organização dos fólios proposta por Michel García (2004), realizada no artigo “El delicado manejo de misceláneas: MS Res. 27 de la BNM”: 1-66, 94, 67-73, 93, 75-92, 95-120 (p. 924). Por outro lado, possivelmente por falta de uma apreciação mais específica, García afirma que não há mudança de escriba entre os fólios 63vb e 73va, quando uma mudança aparente parece ocorrer entre a mão dos fólios 63vb a 65va (que contém a requisição e os capítulos do Passo Honroso) e a que se inicia no próprio 65va (que contém as correspondências com os catalães).

Imagens 61 e 62 – Letra da primeira e segunda mão do BNE RES/27, fólio 65va.

É possível perceber que a segunda mão tem uma escrita mais corrente e emendada, ocorrendo muitas ligações, diferente da primeira, mais pausada⁵⁵. Podem-se notar suas diferenças de forma aparente, também, a partir das letras “d”, “l” e “t”, por exemplo.

Além dos conteúdos citados, este manuscrito expõe uma carta endereçada a Suero de Quiñones que não aparece nas narrativas, estando presente apenas neste manuscrito. A carta registra ter sido escrita em 24 de abril de 1434, o que seriam três meses antes do início do Passo Honroso. Trata-se de um pedido de um cavaleiro chamado Fernando de Castro, requerendo um salvo conduto para ele e seus companheiros, uma vez que passariam pela ponte de Órbigo, mas não desejavam fazer justas no evento que ocorreria durante sua passagem pelo local. Tomando os fatos narrados do Passo Honroso como verdadeiros, é possível presumir que, com a chegada da notícia do evento, divulgada desde o primeiro dia daquele ano, Fernando de Castro empenhou-se em evitar o mesmo quando de sua peregrinação para Santiago de Compostela. No mais, uma vez que não se tem notícia de qualquer cavaleiro com este nome nas narrativas, verifica-se que o mesmo conseguiu isentar-se, de alguma maneira, do exercício das armas.

O BNE RES/27 é compreendido por Julio Morejón em seu artigo (1954), identificado pela referência de Ff-141 na época de sua escrita, como o resultado de um escrito composto pouco depois do Passo Honroso, senão nos mesmos dias, tendo sido base para o notário Pero Rodríguez de Lena para ordenar seus fatos (pp. 58-59). Esta hipótese resulta na concepção de que o BNE RES/27 seria ainda anterior à formação final de um suposto manuscrito original, o que parece equivocado, uma vez que os escritos do Passo Honroso na coletânea aparecem em meio a outros textos, de outros períodos, de forma organizada e com o conteúdo bem disposto

⁵⁵ Para descrição mais detalhada, ver página 48.

entre os fólhos que ocupa. Além disso, sabe-se que os conteúdos não se tratam de acontecimentos, mas de cartas, que não possuem qualquer ligação com uma possível ordenação de fatos.

3.2 – BNE MSS 7811

Entre as coletâneas agrupadas na Tabela 2, o BNE Mss 7811 apresenta o maior número de fólhos, ultrapassando aproximadamente quatrocentos fólhos do BNE RES/27 e duzentos do BNE Mss 18444. Apresenta-se como um códice alterado de forma abundante, com adições diversas entre as linhas e margens, contendo, por vezes, uma variedade de símbolos para a devida correspondência entre a adição e seu lugar no texto. A apresentação do índice não contempla a integralidade do manuscrito em sua encadernação final, em razão de adições realizadas posteriormente no volume, mas aponta com relativa precisão os textos que contém e os fólhos em que aparecem. Assim como os demais volumes do Grupo 2, é um agrupamento de cartas de temáticas voltadas à cavalaria, com desafios envolvendo, majoritariamente, cavaleiros catalães e valencianos, mas abarcando também sujeitos de outros reinos, como Castela, Aragão e França, tanto nobres quanto reis. Entre as cartas encontram-se correspondências assinadas com o nome do escritor valenciano Joanot Martorell, e mesmo um prólogo de uma suposta obra sua, no último fólio do códice, intitulada “flor de cavalaria” (fólio 532). Seguindo esta orientação do volume, os conteúdos apresentados sobre o Passo Honroso são pertinentes a interações de cavaleiros catalães e valencianos com, no caso, castelhanos. Inseridas no códice, estão respectivamente: a carta de capítulos; onze cartas referentes às correspondências com os cavaleiros catalães; e as correspondências com os irmãos Fabla, valencianos, totalizando dez.

As novidades deste manuscrito estão na existência de duas cartas a mais nas correspondências com os catalães, e na troca integral com os irmãos valencianos. Estas duas características são únicas do BNE Mss 7811, e serão mais bem explicitadas nas próximas linhas. O conteúdo dos textos encontra-se predominantemente em catalão, incluindo os capítulos do Passo Honroso, que podem ter alcançado Aragão buscando a devida divulgação do evento para os reinos vizinhos, tendo sido traduzidos por igual motivo.

Para além da carta de capítulos, redigida no catalão, é perceptível que, enquanto transcorrem as demais correspondências, há uma alternância no vocabulário e escrita das palavras de acordo com a carta, como se houvesse uma troca em seus dialetos. Tem-se que,

conforme a região dos autores de cada carta, intercalam-se o castelhano e o catalão, o primeiro propagado por Suero de Quiñones e Juan de Benavente, e o segundo pelos cavaleiros Riembau de Corvera e Françi de Valle, no caso das correspondências com os catalães. E entre o castelhano e o valenciano, o primeiro utilizado por Suero de Quiñones e Lope de Estuñiga, e o segundo por Juan e Pero Fabla, no caso das correspondências com estes irmãos. Como exemplo desta situação, nota-se da diferença quando se comparam os nomes utilizados por cada autor para se referir ao apóstolo Santiago (de Compostela), no qual as cartas em castelhano tratam como “sant yago” e as catalãs como “sent jaume”.

Imagens 63 e 64 – “sant yago”, como escrito nas cartas dos castelhanos, fólhos CCXXr e CCXXv, respectivamente.

Imagens 65 e 66 – “sent jaume”, como escrito nas cartas dos catalães, fólho CCXXIr.

Esta troca leva à hipótese de que, se estes textos são reproduções de outros manuscritos base, estes trariam o conteúdo das cartas nos dialetos referidos, e o escriba teria realizado o traslado de forma semelhante para o BNE Mss 7811, sem a intenção de tradução.

As correspondências apresentadas no BNE Mss 7811 são reveladoras quanto às narrativas do Passo Honroso, seja em relação às correspondências dos cavaleiros catalães ou dos valencianos: a primeira porque exhibe uma resposta de Riembau de Corvera e Françi de Valle para a carta que Suero de Quiñones havia enviado ao fim do Passo Honroso, que além de ausente no manuscrito f.II.19, é negada, ou mesmo rejeitada, no R/1197⁵⁶.

Acerca desta resposta dos catalães, encontram-se, no BNE Mss 7811, três textos similares, daí as duas cartas adicionais nas correspondências. Entre os três textos estão: um atribuído aos próprios catalães, incompleto; outro cujo remetente chama-se Ramon de Soler, com acréscimos em relação anterior, mas ainda incompleto; e um terceiro com autoria de Pero Pardo de la Casta, ainda maior que as demais, porém, aparentemente incompleta. É possível observar, no título das duas cartas inéditas, que há informações sobre seus destinos. Na remetida por Ramon de Soler (fólio CCXXVr) se encontra que o mesmo seria um “conselant” aos catalães, e que sua carta “no son tramessa”, ou seja, identifica-se que o texto se trata de um aconselhamento do primeiro, mas que não teria sido enviada. Da mesma forma, a carta

⁵⁶ Ver mais na página 136.

seguinte também é aconselhamento de Pero Pardo de la Casta, mas ao contrário da anterior, informa-se que não há resposta (fólio CCXXVv). Supõe-se, partindo desta indicação, que a carta teria sido enviada, mas sem que houvesse resposta de Suero de Quiñones. As três cartas seriam modelos, ou rascunhos, como afirma Martín de Riquer no livro “Caballeros andantes españoles” (2008), em que o mesmo se debruça sobre os manuscritos BNE Mss 7811, BNE Mss 18444 e BNE Mss 7809. Segundo o autor, Françi de Valle e Riembau de Corvera teriam consultado outros cavaleiros para responder da maneira mais adequada para Suero de Quiñones, sendo Ramon de Soler e Pero Pardo de la Casta cavaleiros experimentados nestas correspondências. Assim, as cartas com os aconselhamentos teriam chegado à coletânea citada, e consequentemente até a contemporaneidade (p. 107). Seguindo esta hipótese, o modelo final da carta estaria em outro manuscrito, o BNE Mss 18444, como se verá em seguida.

A coletânea do BNE Mss 7811 também é reveladora ao mostrar as correspondências entre Suero de Quiñones e Lope de Estuñiga com os irmãos valencianos, Pero Fabla e Juan Fabla. Se em todas as aparições deste contato, nas narrativas do Grupo 1, há apenas uma carta destes com a resposta incompleta daquele, nesta versão totalizam-se dez cartas, ora individuais, ora assinadas em conjunto, tratando de propostas de embates entre os cavaleiros. Estas cartas, apesar de incluírem personagens conhecidos, ultrapassam as atividades do Passo Honroso, seguindo até o fim de janeiro de 1435, demonstrando que o encerramento incompleto apresentado nas narrativas do Grupo 1 é apenas o início de uma grande troca que se estendeu por tempos após o evento.

De	Para	Data de envio
Juan e Pero Fabla	Suero de Quiñones e Lope de Estuñiga	06 de set. 1434 ⁵⁷
Suero de Quiñones	Juan e Pero Fabla	24 de out. 1434
Lope de Estuñiga	Juan e Pero Fabla	24 de out. 1434
Memorial Suero de Quiñones	Juan e Pero Fabla	Não informado ⁵⁸
Pero Fabla	Suero de Quiñones	04 de jan. 1435
Juan Fabla	Lope de Estuñiga	04 de jan. 1435
Suero de Quiñones	Pero Fabla	Não informado
Lope de Estuñiga	Juan Fabla	05 de jan. 1435
Juan e Pero Fabla	Suero de Quiñones	21 de jan. 1435
Juan e Pero Fabla	Lope de Estuñiga	28 de jan. 1435

Tabela 24 – Trocas entre os irmãos Fabla, Suero de Quiñones e Lope de Estuñiga.

⁵⁷ Segundo a carta de resposta de Suero de Quiñones, a carta só teria chegado a ele no dia 10 de outubro.

⁵⁸ De acordo com a carta, ou “memorial”, a mesma foi enviada por terem se passado mais de cinquenta dias sem resposta desde a carta anterior. Com esta informação, e considerando a data da carta seguinte, pode-se considerar que este memorial coincide com o período de 13 de dezembro de 1434 a 03 de janeiro de 1435.

As correspondências seguem o padrão encontrado nas cartas de desafio; após o término do Passo Honroso, no qual os irmãos valencianos fizeram parte, os mesmos enviam uma carta a Suero de Quiñones e seu primo, Lope de Estuñiga, desafiando-os a um embate. Mais de um mês depois, ambos respondem, em cartas separadas, seus desafiantes. Suero de Quiñones estabelece um prazo de cinquenta dias para que os irmãos respondam. Sem resposta, Suero envia um “memorial” para lembrar os valencianos, ainda disposto a realizar o embate. Nas cartas seguintes trocam-se provocações e, até a última carta do BNE Mss 7811, não parece haver um acordo para o embate⁵⁹.

3.3 – BNE MSS 18444

No códice BNE Mss 18444, os conteúdos que concernem ao Passo Honroso são as correspondências de Suero de Quiñones e Juan de Benavente com os cavaleiros catalães. Há, no manuscrito, as nove cartas trocadas entre estes nobres, inclusive a última, remetida pelos catalães, sem que haja, porém, as cartas de Ramon de Soler e Pero Pardo de la Casta, como no BNE Mss 7811. Seguindo a hipótese de Martín de Riquer (2008, p. 107), demonstrada no subtítulo anterior, no BNE Mss 18444 a última carta seria uma versão finalizada, sem demonstrar os modelos anteriores. O que surge como novidade neste códice se trata de uma “carta testemunho”⁶⁰, ou relato, do arauto Monreal, um dos reis de armas que participava do Passo Honroso, que sintetiza a querela entre Suero de Quiñones e os catalães.

Através de datação paleográfica, acredita-se que os textos do volume foram escritos entre o fim do século XV até metade do XVI. O códice teria pertencido a Pascual de Gayangos y Arce, o que se pode inferir através do selo presente no fólio seguinte à capa, sendo posteriormente adquirido pela BNE, em 1899.

As cartas referentes ao Passo Honroso são apresentadas no índice, que aparentemente recebeu adições, como se vê nas inserções de conteúdo nos fólhos. A apresentação, porém, não detalha todas as cartas que pertencem àquele segmento, identificando as dos fólhos CLXIII e CLXV, deixando de lado as diversas trocas que ocorrem até o fólio CLXVIII. Quanto à “carta testemunho” mencionada, a mesma descreve os episódios entre os cavaleiros catalães Riembau de Corvera e Françi de Valle com Suero de Quiñones e Juan de Benavente, com relação às cartas e as interações ocorridas quando os mesmos chegaram ao Passo

⁵⁹ Martín de Riquer estabelece uma narrativa em relação às cartas trocadas entre Suero de Quiñones, Lope de Estuñiga e os irmãos valencianos Pero Fabla e Juan Fabla em seu livro “Caballeros andantes españoles” (2008), das páginas 108 a 114.

⁶⁰ Tradução livre do original: “carta testimonial” (fólio CLXVIIIr).

Honroso. Através do conteúdo desta carta, pode-se perceber que existem alguns acontecimentos que não existem nas narrativas (referentes ao Grupo 1). Nas narrativas, apresenta-se que os catalães chegam ao Passo Honroso no dia 28 de agosto, sendo recebidos de acordo com os costumes do evento, sem que haja qualquer ocorrência. Na carta testemunho, porém, observam-se novas informações, pois assim que chegam, os cavaleiros requerem realizar a justa com Suero de Quiñones sem uma parte da armadura, demanda que traz à tona as correspondências entre estes nobres. Nas correspondências, há uma troca de hostilidades entre os cavaleiros, e entre elas o desafio de um embate sem uma peça da armadura, proposto pelo próprio Suero de Quiñones. Assim, chegando ao local do evento, os cavaleiros catalães demandam este embate, expondo o que fora dito nas correspondências para os juízes e demais presentes. Como resposta, os juízes não permitem que esta justa ocorra, e mesmo após contestações, os juízes encerram os debates, partindo de sua posição de autoridade. Para Martín de Riquer (2008), é sintomático que esta cena seja suprimida na narrativa oficial do Passo Honroso (p. 101), uma vez que traria desonra ao personagem principal da trama, recusando realizar a justa que antes teria prometido. Segundo a teoria de Riquer, a carta testemunho teria sido levada à Barcelona, posteriormente, para que os cavaleiros catalães pudessem assegurar que o relato de Monreal teria atestado os fatos como ocorreram (p. 101), daí o texto figurar neste manuscrito catalão.

Seguindo para os fólhos com as cartas mencionadas, assim como no manuscrito BNE Mss 7811, este também alterna o dialeto das correspondências de acordo com o autor das cartas. Visando uma comparação de forma equivalente com a demonstrada no subtítulo anterior, enquanto os castelhanos tratam o santo de Compostela como “santiago” ou “santyago”, os catalães se referem ao mesmo por “sent Jaume”.

Imagens 67 e 68 – “Santiago”, como escrito nas cartas dos castelhanos, fólhos 165r e 167r, respectivamente.

Imagens 69 e 70 – “sent Jaume”, como escrito nas cartas dos catalães, fólhos 166r e 167r, respectivamente.

A análise dos manuscritos e o impresso demonstram as particularidades de cada uma das fontes selecionadas para a pesquisa, e da mesma forma, suas características também apontam para possíveis relações entre si. Com isso, o objetivo a seguir buscará a comparação

entre estas características levantadas e a colação dos textos presentes em cada versão, a fim de identificar as variações textuais e inovações estabelecidas em cada narrativa.

3.4 – ANÁLISE COMPARATIVA DAS FONTES DO GRUPO 1 E 2

Após a análise individual dos manuscritos do Grupo 2, e tendo anteriormente estabelecido relações entre as narrativas do Grupo 1, objetiva-se agora empreender comparações entre as fontes dos dois grupos, no que se refere aos seus conteúdos equivalentes, as cartas. Na tabela que segue, estão organizadas as cartas e correspondências mencionadas até aqui e em quais fontes estão presentes, sejam do Grupo 1 ou 2.

Carta para Juan II	RBME f.II.19	Correspondências com Catalães	RBME f.II.19
	BNE R/1197		BNE R/1197
	BNE RES/27		RAH 9/213
Capitulos	RBME f.II.19		BMP M-104
	BNE R/1197		BNE RES/27
	BNE RES/27		BNE Mss 7811
	BNE Mss 7811		BNE Mss 18444
Carta de Fernando de Castro	BNE RES/27	Correspondências com irmãos Fabla	RBME f.II.19
Carta de Ramon de Soler e Pero Pardo de la Casta	BNE Mss 7811		BNE R/1197
			RAH 9/213
Carta testemunho do arauto Monreal	BNE Mss 18444		BMP M-104
			BNE Mss 7811

Tabela 25 – Cartas e correspondências por fonte.

Acerca destes textos, cabe evidenciar os casos de cartas que aparecem apenas em um volume, como a carta de Fernando de Castro, do BNE RES/27; as cartas rascunhadas de Ramon de Soler e Pero Pardo de la Casta, do BNE Mss 7811; e a carta testemunho do arauto Monreal, do BNE Mss 18444. Da mesma forma, no BNE Mss 7811 existe uma série de trocas com os irmãos Fabla, mas o que está apresentado nas demais se limita à primeira carta e uma pequena parcela da segunda. Estas correspondências inéditas são uma fonte rica para o estudo do relato do Passo Honroso e das interações ocorridas no evento, mas, por outro lado, elas não contribuem para um trabalho que visa o cotejo e a colação, que se baseia na repetição de textos.

Assim, as cartas que serão analisadas neste subtítulo serão: a carta endereçada para Juan II, por Suero de Quiñones; os capítulos do Passo Honroso, lidos em sequência da carta

anterior para a corte deste mesmo monarca; as correspondências com os cavaleiros catalães; e uma parcela das correspondências com os irmãos valencianos, Juan e Pero Fabla. Antes de proceder às comparações, cabe notar que dois destes manuscritos foram produzidos majoritariamente em catalão, o que por si só os tornam diferentes dos demais. Ainda assim, pode-se amenizar este caráter no momento da comparação, concentrando-se mais na estrutura e sentido dos textos do que em suas pequenas variações por conta do dialeto utilizado.

3.4.1 – Carta para Juan II e Capítulos do Passo Honroso

As fontes que apresentam a carta requisição de Suero de Quiñones para Juan II são os manuscritos RBME f.II.19 e BNE RES/27, e o impresso BNE R/1197. Este texto aparece de forma próxima em todas as versões, inclusive nesta última, por mais que Juan de Pineda apresente seu direcionamento voltado à abreviação. No manuscrito BNE RES/27 encontram-se algumas palavras trocadas de ordem, a exemplo de “tienpo gra(n)de aca” (fólio 63vb) em oposição a “de gran tiempo aca”, como encontrado no RBME f.II.19 (fólio 14v). Para além destes detalhes, não há maiores alterações no conteúdo.

Quanto à carta de capítulos de Passo Honroso, isto é, suas regras e normas, podem-se observar questões acerca da apresentação dos mesmos, com alguns pormenores que cabem apontar. Estes devem ser elencados por cada capítulo que aparece de forma distinta, de forma que os capítulos com textos equivalentes não serão citados. Para além das fontes indicadas para a carta anterior, outro manuscrito que contém este texto e que também estará entre as comparações de conteúdo é o BNE Mss 7811.

No Capítulo I vê-se uma síntese do que será o Passo Honroso, como o local, funcionamento das justas, recorte de tempo, entre outros. Em relação da localização, o RBME f.II.19 informa que o evento ocorrerá afastado em um distância de cinco passos da ponte de Órbigo: “[...] çerca de la puente de Oruigo arred- | drado del camino quantia de cinco passos poco mas o menos [...]” (fólio 16r), ainda que neste manuscrito, posteriormente, indica-se que a distância é de cinquenta passos. Esta informação vai ao encontro do encontrado no BNE Mss 7811, que informa como distância, em sua versão do Capítulo I, a “quantitat de cinq(ue)nta pases” (fólio CCXVIIr). Enquanto o BNE RES/27 não adiciona dados sobre a distância, o BNE R/1197 menciona que há uma distância em relação à ponte, mas não especifica a mesma: “[...] en el passo cerca de la puen- | te de Orbigo arredrado algun tanto del camino [...]” (fólio 7v). Esta forma de escrever a frase, em comparação com as demais,

também reforça como Juan de Pineda dispôs as informações e o que lhe pareceria dispensável para sua narrativa.

O conteúdo do Capítulo II assegura que todas as armaduras, lanças e cavalos utilizados serão de igual qualidade para todos os cavaleiros participantes, aventureiros ou defensores, sem que haja vantagem de algum dos lados. Em todos os textos, também se afirma que o cavaleiro aventureiro que quisesse levar suas próprias armas, poderia utilizá-las, mas este trecho está ausente no manuscrito BNE RES/27. De maneira similar, o Capítulo III prevê que cada justa ocorrerá até a quebra da terceira lança, e em um complemento a esta regra informa-se que, se um cavaleiro for derrubado do cavalo, a lança será contada como rompida. Este complemento figura em todos os textos, mas excetua-se, também, no BNE RES/27. Este caso se repete no Capítulo IV, que trata das damas, nos quais, se passassem a uma determinada distância do lugar em que se localizava o Passo Honroso, as mesmas deveriam esperar que um cavaleiro fizesse justas por elas. Nas versões encontramos que esta distância é de meia légua, mas a informação está ausente no manuscrito BNE RES/27.

Em duas ocasiões há capítulos trocados nas versões, na primeira os textos referentes ao Capítulo XIV e XV do RBME f.II.19, BNE R/1197 e BNE Mss 7811 estão invertidos no manuscrito BNE RES/27. O mesmo ocorre com os textos do Capítulo XVI e XVII do RBME f.II.19 e BNE R/1197, que aparecem trocados nas outras duas versões. Observa-se uma mudança sutil no vocabulário em um dos capítulos, o que especifica que nenhum cavaleiro que matar o cavalo de outro deverá ser penalizado por isso, e que a própria infelicidade do acontecimento será pagamento o suficiente. Nesta qualificação do acontecimento, encontra-se “verguença” no Capítulo XVII do BNE RES/27, mas no Capítulo XVI do RBME f.II.19 e BNE R/1197 têm-se “fealdad”. Ainda que se trate de uma diferença pequena, nota-se da opção por adjetivos diferentes, pois enquanto um texto considera a “feiura” do evento como pagamento, o outro traz a “vergonha” que se estabelece no ato.

3.4.2 – Correspondências com catalães

Em todos os volumes selecionados para esta pesquisa encontram-se os textos das cartas trocadas entre os cavaleiros catalães, Françi De Valle e Riembau de Corvera, com Suero de Quiñones e Juan de Benavente, ainda que haja diferenças na disposição e quantidade das mesmas em cada fonte. Identifica-se um total de nove cartas, entre réplicas e tréplicas, mas apenas o BNE Mss 7811 e BNE Mss 18444 contêm todas elas. No manuscrito BNE RES/27 são apenas sete, e nas demais fontes encontram-se oito cartas. A tabela a seguir

organiza as correspondências a partir de sua ordem de aparição nas fontes, que é idêntica em todas elas, enumerando-as de 1 a 9, informando quem as remeteu e para quem foram destinadas, apresentando, ainda, a data declarada de envio e de chegada ao destino. Distinguindo quais cartas se apresentam em cada fonte, evidencia-se que o BNE RES/27 contém da 1 a 7, e os volumes do Grupo 1 da 1 a 8.

Ordem	De	Para	Data de envio	Data de chegada
1	Cavaleiros Catalães	Suero de Quiñones	22/07	24/07 ⁶¹
2	Suero de Quiñones	Cavaleiros Catalães	24/07	24/07
3	Cavaleiros Catalães	Suero de Quiñones	25/07	25/07
4	Suero de Quiñones	Cavaleiros Catalães	25/07	Não informado
5	Juan de Benavente	Cavaleiros Catalães	23/07	24/07
6	Cavaleiros Catalães	Juan de Benavente	25/07	25/07
7	Juan de Benavente	Cavaleiros Catalães	26/07	Não informado
8	Suero de Quiñones	Cavaleiros Catalães	12/08	Não informado
9	Cavaleiros Catalães	Suero de Quiñones	13/10	Não informado

Tabela 26 – Ordem das correspondências dos catalães como encontrada nas fontes.

Algumas considerações devem ser realizadas sobre a disposição das cartas nos volumes. Primeiramente nota-se que, nas narrativas, é estabelecido um segmento próprio para exibir estas correspondências, destacando este momento do resto dos acontecimentos do relato. Isto pode ser percebido quando do encerramento deste segmento, e ao retornar para a narrativa, o autor precisa retroceder para uma data anterior, uma vez que as cartas avançam no tempo, como pode ser visto na data de envio da carta 8. Este regresso no tempo aparece tanto nos manuscritos quanto no impresso, como segue.

despues destas cartas de rrequesta que antes desto hauedes / oydo dezir | En los dias ya nombrados luego en el dia vienes veinte y tres de ju- | llio despues que las armas houo fecho (...) suero de quiñones (...) e assimismo despues que el houo la | primera carta de rrequesta de los dos caualleros antes desto nonbrados [...] (RBME f.II.19, fólío 104v)

Auian se colado al Colector algu- | nas cosas ya passadas, y por que su te- | stimonio no quedasse manco, torna | a ellas diziendo como en el vienes | passado llegaron [...] (BNE R/1197, fólío 65v)

Ora, o trecho do RBME f.II.19, seguido pelas demais narrativas manuscritas, retorna para o dia 23, anterior a quase todas as cartas. No BNE R/1197 é ainda mais visível que nos manuscritos, uma vez que afirma de “coisas já passadas” que devem ser retomadas, a fim de não deixar seu testemunho “manco”, no caso, sem excertos importantes. Apesar de existir este segmento em todas as narrativas, deve-se ressaltar que, no impresso de Pineda, a última carta

⁶¹ Esta é a data informada por Suero de Quiñones em sua resposta, ainda que a carta de Juan de Benavente (5) divirja quanto ao dia.

de Suero de Quiñones, enviada no dia 12 de agosto, é posicionada apenas ao fim do relato, obedecendo, nesta ocasião, a cronologia dos eventos.

Seguindo esta noção de um segmento separado do restante da narrativa, um dado curioso da tabela apresentada anteriormente está na desorganização cronológica de suas cartas. Esta desorganização, no entanto, pode ser interpretada como uma ordenação intencional, visando elaborar uma determinada trama de eventos. Nesta disposição, Suero de Quiñones trocava um total de quatro cartas com os cavaleiros catalães, e com este prolongamento das correspondências, Juan de Benavente intercederia a favor de Suero, a fim de encerrar as discussões travadas entre os nobres. A carta de Suero, enviada no dia 12 de agosto, um mês após o término do Passo Honroso, é um encerramento favorável ao cavaleiro nestas narrativas, sem que se apresente a réplica final dos catalães, esta exibida apenas nos manuscritos BNE Mss 7811 e BNE Mss 18444, ambos em dialeto catalão. A sucessão destes acontecimentos é evidente nos manuscritos, mas é destacada na narrativa de Juan de Pineda, que articula as cartas através de trechos que não existem nas demais fontes.

	Trechos
Entre a carta 1 e 2	“Suero de Quiñones holgo mucho con la venida de tales caualleros, y la respuesta que les dio por sus letras es la siguiente.” (fólio 61r)
Entre a carta 2 e 3	“Los dos caualleros Catalanos le- yeron la letra de Suero de Quiño- nes, y replicaron lo sigue(n)te.” (fólio 61v)
Entre a carta 3 e 4	“A esta letra tan rompida, e fuera de pru- dencia militar, y de nobleza caualle- rosa, y de sentimiento Christiano q(ue) pregonas servir a Dios querer mo- rir o matar al Proximo” (fólio 62v) ⁶² .
Entre a carta 4 e 5	“E porque los Catalanos se mostra- uan muy ganosos de batalla a todo trance, el generoso cauallero don Iuan de Benavente les embio la letra sigue(n)te.” (fólios 63v e 64r)

Tabela 27 – Articulação da narrativa do BNE R/1197 com as correspondências dos catalães.

A ideia de uma intervenção de Juan de Benavente é perceptível no trecho entre a carta 4 e 5, em que o nobre é motivado a enviar uma carta pois os catalães se mostravam com muita gana de batalhar “a todo trance”⁶³. Por outro lado, é importante organizar estas cartas de forma cronológica, partindo do relatado sobre datas de envio e chegada aos destinos. Os cavaleiros catalães enviam a primeira carta no dia 22 do mês de julho, Suero de Quiñones, em sua réplica, diz que esta teria chegado apenas no dia 24, o que não parece correto, uma vez que a primeira carta de Juan de Benavente para os catalães é assinada no dia 23. Ainda assim,

⁶² Este trecho é indicado como uma adição em uma das margens do impresso, como mencionado na página 89.

⁶³ A expressão “a todo trance” estaria relacionada a “não reparar nos riscos”, como definido no dicionário da RAE (2014). Neste sentido, recorda-se das expressões “à outrance” ou “a ultranza”, que definem determinada classificação do perigo das justas praticadas. Neste caso, as justas “à outrance” eram mais perigosas, uma vez que eram feitas em armaduras de guerra, menos adaptadas para a prática (QUESADA, 2004, p. 130).

a data de chegada de ambas as cartas, segundo os catalães, foi no dia 24, cuja resposta foi entregue no dia seguinte para os cavaleiros no Passo Honroso. Para Martín de Riquer (2008), este envio de cartas de forma concomitante foi proposital, e teria sido uma estratégia dos cavaleiros do Passo Honroso para dissuadir os catalães de seu propósito inicial (p. 96), ainda que os mesmos tornassem a insistir em seu pleito. As últimas respostas de Suero de Quiñones e Juan de Benavente ocorrem, respectivamente, no dia 25 e 26 (cartas 4 e 7), momento em que cessam as correspondências. Os catalães chegariam ao Passo Honroso no dia 28, e o que sucede a partir daí diz respeito ao conteúdo do Relato B e à carta testemunho explicada anteriormente⁶⁴. Estabelecendo uma ordem cronológica das cartas chega-se à seguinte tabela:

De	Para	Data de envio	Data de chegada
Cavaleiros Catalães	Suero de Quiñones	22/07	23/07
Juan de Benavente	Cavaleiros Catalães	23/07	24/07
Suero de Quiñones	Cavaleiros Catalães	24/07	24/07
Cavaleiros Catalães	Suero de Quiñones	25/07	25/07
Cavaleiros Catalães	Juan de Benavente	25/07	25/07
Suero de Quiñones	Cavaleiros Catalães	25/07	Não informado
Juan de Benavente	Cavaleiros Catalães	26/07	Não informado
Suero de Quiñones	Cavaleiros Catalães	12/08	Não informado
Cavaleiros Catalães	Suero de Quiñones	13/10	Não informado

Tabela 28 – Ordem cronológica das correspondências com os catalães.

Entre as cartas numeradas anteriormente de 1 a 7, desenrolam-se estes eventos mencionados, as duas últimas cartas, porém, fazem parte de outro contexto, ainda que a carta do dia 12 de agosto, de Suero de Quiñones, apareça conjuntamente com as demais entre os manuscritos do Grupo 1. A última carta de Suero (8) trata-se de um retorno às hostilidades com os catalães, uma vez que, após a participação dos mesmos no Passo Honroso e o fim das atividades, o nobre leonês recorda aos catalães que alcançou seus objetivos iniciais e se dispõe a fazer os desafios propostos anteriormente. Como indicado, esta carta está solitária em todas as narrativas, criando uma situação favorável para a honra de Suero, ainda que se reconheça uma resposta, presente nos manuscritos escritos em catalão, outrora mencionados. A ausência desta resposta pode conter exatamente a intenção de exaltar a figura do leonês, uma vez que não parece ter havido uma tréplica. No impresso BNE R/1197, Juan de Pineda demarca da incerteza de uma resposta dos catalães, ainda que pareça ter ciência de sua existência, mas opta por manter o cenário em que apenas Suero de Quiñones se manifesta, evitando danificar o que reconhece como verdade em seu relato com “mentiras de coisas alheias”⁶⁵.

⁶⁴ Ver páginas 128 e 129.

⁶⁵ Tradução livre.

[...] mas no tenemos cer- | teza de la respuesta que ayan dado, e | por esso non la pornemos aqui, non | queriendo dañar nuestra verdad con | mentiras de cosas ajenas. (R/1197, fólíu 137r)

Prosseguindo para a comparación textual das fontes, os mesmos critérios serán utilizados aquí, voltando a atención para trechos ausentes ou adicionais entre os textos e palabras ou elementos que potencialmente alteran o sentido dos mesmos. Para que se identifique corretamente a organización das cartas, levar-se-á en consideración a numeración da Tabela 26. Nota-se que, aínda que non haja a articulación de una trama entre as cartas nos manuscritos BNE RES/27, BNE Mss 7811 e BNE Mss 18444, a orde das cartas aínda é respectada.

As cartas 1 e 6 non posúen variacións relevantes para esta investigación, aparecendo de forma equivalente en todas as fontes. Da mesma forma, a carta 2 tamén é semellante, a pesar de una pequena lacuna no RBME f.II.19, onde nos demais textos figura a palabra “oficios”, como destacado na Tabela 27⁶⁶.

A carta 3 posúe distincións en dúas fontes: a primeira no BNE R/1197, en que potencialmente há a intención de alterar o sentido de una frase, onde se escribe que a proposta dos cataláes tratou-se de una “afrenta”, ao invés de una “oferta”. A segunda distinción está en un trecho adicional existente no BNE RES/27, onde nos demais textos encontra-se apenas “por siuntra passauante hauemos Reçebido” (RBME f.II.19, fólíu 100r), naquele manuscrito há: “por syntra | pe(r)sabant(e) de la Reyna de portugal | auemos [...]” (BNE RES/27, fólíu 66va).

Entre os textos da carta 4, o RBME f.II.19 encontra-se con un trecho ausente, en sua versión observa-se “[...] que vosotros me | Requeriades de batalla [...]” (RBME f.II.19, fólíu 100v), quando nos demais há una parcela adicional: “que vosotros non teni- | endo encuentro de romper las tres lanças segun que en mis | capitulos se contiene que vosotros me requeriades de bata- | lla [...]” (RAH 9/213, fólíu 84r).

A carta 5 diverge en dous textos, BNE Mss 7811 e BNE Mss 18444, onde encontra-se un trecho adicional: “[...] / perdonez gra(n) parte es \ pasado en muxa gracia [...]” (BNE Mss 7811, fólíu CCXXIIr) e “[...] perdonez gra(n) parte es pasado en | mutxa gracia [...]” (BNE Mss 18444, fólíu 166r), quando nos demais presenta-se da seguinte maneira: “[...] perdonez se va yendo, en gran graçia [...]” (RBME f.II.19, fólíu 101v). Nesta carta, tamén, há una lacuna no BMP M-104, onde nos demais textos vê-se “a mas ser”.

⁶⁶ Ver páxina 109, Tabela 17.

Na carta 7, há um trecho adicional também nos manuscritos BNE Mss 7811 e BNE Mss 18444. Nos demais textos vê-se: “gastar tiempo, e porq(ue) mas verdad” (RBME f.II.19, fólíio 102v), enquanto naqueles adiciona-se: “[...] tiempo e vos certifico | q(ue) vuestra l(et)ra non recebie e por q(ue) mas verdat [...]” (BNE Mss 7811, fólíio CCXXIIIr) e “[...] tiempo | e vos certifico que vuestra letra no(n) res†cibe†re e porque mas verdat [...]” (BNE Mss 18444, fólíio 166v). Ainda, no BNE RES/27, encontra-se ausente o trecho final da carta: “[...] Dada en el paso De la puente de / oruigo a veinte e seis de jullio [...]” (RBME f.II.19, fólíio 102v).

A carta 8 possui um trecho a menos no BMP M-104, em seu texto segue com “que ai eran no por le- | tra v(uest)ra” (BMP M-104, fólíio 56r), e nos demais: “[...] q(ue) ay era(n). por ende si algo enpla- | zer vos biene sepa lo yo por letra v(uest)ra [...]” (RBME f.II.19, fólíio 103v). Ainda, tanto no BNE R/1197 quanto no BNE Mss 18444 encontra-se o número trezentos ao invés do número três, como nos demais.

A carta 9, presente apenas nos manuscritos BNE Mss 7811 e BNE Mss 18444, aparenta composições diferentes em cada versão, apesar de tratar do mesmo assunto das hostilidades e propostas de desafio entre os catalães e os cavaleiros do Passo Honroso. Como mencionado nas análises anteriores⁶⁷, a carta 9 aparece no BNE Mss 7811 na forma de três cartas rascunho, e aparentemente não possuem uma finalização, ao contrário da carta encontrada no BNE Mss 18444, que possui um fim com local e data de entrega (13 de outubro) assinalados nas linhas finais. Ainda que se possam elaborar hipóteses sobre as relações entre as cartas, permanece incerto quais seriam, uma vez que estes volumes são os únicos que contêm seus textos.

Estas comparações focam de maneira central os manuscritos, uma vez que seus textos possuem maior equivalência. Para o impresso BNE R/1197, porém, sabe-se de como se realizou sua reescrita e abreviação, e Juan de Pineda não deixa de fazê-lo neste segmento das cartas. Destaca-se que há um esforço em articular as cartas, como mencionado, buscando tornar a narrativa mais literária, diferente dos manuscritos, que dividem as cartas, cada uma em um capítulo. Inicialmente, relata-se que as cartas chegaram em folha de papel ceutí, característica presente apenas neste texto, e ainda que estabeleça uma reescrita das primeiras cartas, empenhando-se em manter o sentido das mesmas, as cartas 4 e 5 aparecem de forma equivalente com as demais fontes. As cartas 6 e 7 são escritas em discurso indireto, de forma resumida, possivelmente por tratarem das mesmas questões que as cartas anteriores, a fim de evitar repetições consideradas desnecessárias.

⁶⁷ Ver na páginas 126 e 127.

3.4.3 – correspondências com irmãos Fabla

As comparações que se podem estabelecer quanto às correspondências com os irmãos Juan e Pero Fabla estão circunscritas à primeira carta enviada por estes e a resposta incompleta de Suero de Quiñones, uma vez que todas as narrativas do Grupo 1 contêm apenas esta parcela das correspondências. Como colocado anteriormente, o único manuscrito que mostra mais cartas trocadas entre estes cavaleiros é o BNE Mss 7811⁶⁸, revelando uma dezena delas, exclusividade esta que não favorece a elaboração de comparações.

Quanto ao material comparável, vê-se que os conteúdos do RBME f.II.19, RAH 9/213 e BNE Mss 7811 são, com reduzidas variantes, equivalentes entre si, considerando que o texto deste último está disposto em uma tradução catalã, que altera algumas palavras, ainda que mantenha o sentido e estrutura da carta. Como se sabe, o RAH 9/213 possui uma mão que modifica de forma contumaz o texto do escriba original, e algumas variações que este possa apresentar são retificadas por aquele, padronizando o texto ainda mais com as outras versões manuscritas (RBME f.II.19 e BMP M-104). O manuscrito BMP M-104 se distingue apenas por não conter uma linha presente nos demais, e enquanto este escriba escreve: “[...] dexamos al cargo e condiçion | que nos sea sin sospecha [...]” (BMP M-104, fólho 234v), introduzindo um “e” entre “cargo” e “condiçion”, nos demais textos encontra-se o seguinte: “[...] dexamos | el cargo a vosotros, e somos prestos de tomar el que nos dareis con tal | condiçion [...]” (RBME f.II.19, fólho 184v). A falta do trecho não modifica qualquer sentido da carta, ainda que a torne menos compreensível, levando à interpretação de que teria sido um descuido por parte do escriba. Por fim, o impresso BNE R/1197 inclui a carta dos valencianos, mas não o faz com a resposta de Suero de Quiñones. Esta omissão pode ter sido uma escolha estética, uma vez que, se Juan de Pineda dispunha apenas da resposta incompleta, como ocorre nas demais narrativas, o mesmo a teria ignorado para concluir sua obra sem lacunas. No BNE R/1197, a carta dos valencianos está disponibilizada sem os termos que correspondem aos dados dos remetentes, data e local de escrita, o que pode ter sido uma opção, também estética, do editor. A parcela retirada corresponde a: “en testim(on)i(o) de verdad vos fizimos la presente subcrista de | la mano n(uest)ra sellada con el sello de n(uest)ras armas fecha en la çiudad | de lisbona a seis de setiembre año del n(uest)ro señor de mill, e quatroçientos | e treinta, e quatro. Juan fabra, pero fabra” (RBME f.II.19, fólho 184v).

⁶⁸ Ver páginas 127.

Pode-se verificar que as correspondências presentes nas fontes se constituem como textos independentes da narrativa do Passo Honroso em si, como observado com as cartas que estão presentes em um único volume, mas que ainda tratam do evento, ou aquelas que não entraram no enredo. Percebe-se do uso que a narrativa pôde ter feito das mesmas, encaixando o conteúdo de forma a construir determinado argumento ou linha de raciocínio, ora inserindo ora excluindo, seja propositalmente ou devido ao desconhecimento. As variações textuais mais significativas apresentam-se quanto à troca de algumas palavras ou a ordenação das frases, ainda que surjam pequenas adições de conteúdo entre as versões.

CAPÍTULO 4 – CONSIDERAÇÕES SOBRE GÊNERO TEXTUAL, AUTORIA E VERDADE HISTÓRICA NO TEXTO DO PASSO HONROSO

Como seção final desta pesquisa, uma vez encerradas as análises comparativas entre as versões das narrativas do Passo Honroso selecionadas, o enfoque se direciona para uma reflexão acerca do que foi tratado até aqui como o “enredo” do Passo Honroso. Isto é, ainda que haja uma constelação de narrativas, cada qual com suas variantes e novidades entre si, o relato segue por uma linha mestra, com um início, desenvolvimento e final que não são alterados. Esta linha mestra, comum entre todas as versões, é o que se entende, aqui, por “enredo”. É importante ressaltar da existência deste enredo, pois como percebe Roger Chartier (2012), ainda que haja uma multiplicidade de variações entre os textos, isto não destrói a identidade de uma obra (p. 7), por mais que revelem sua construção no decorrer do tempo. Desta forma, o capítulo estará concentrado no conteúdo deste enredo, ou melhor, na análise de seu gênero textual, uma vez que este se apresenta de maneira complexa e particular, demonstrando aspectos de gêneros textuais diversificados.

A delimitação dos gêneros textuais se mostra importante para que se possa compreender a própria produção da fonte. Da mesma forma, a abordagem e reflexão sobre o gênero do texto se faz relevante uma vez que estes também não devem ser considerados estáticos. Como coloca Jaume Aurell (2013), as fronteiras entre os gêneros dos textos medievais eram muito permeáveis, tornando-se uma tarefa complexa encontrar gêneros “puros”, em seu sentido estrito (p. 109). No caso do Passo Honroso, ressalta-se de sua afinidade com o universo da cavalaria, seja no que concerne aos seus valores ou, mais precisamente, à literatura destinada a ela. Esta afinidade foi tema central de alguns estudos do medievalista Martín de Riquer, os quais se destaca, aqui, o livro “Caballeros andantes españoles” (2008), que acompanhará a reflexão proposta.

Introdutoriamente, reconhece-se o texto do Passo Honroso como um relato em prosa em terceira pessoa, assemelhado às crônicas de seu período, uma vez que narra os acontecimentos de forma cronológica, ainda que haja lapsos em determinados momentos⁶⁹. Não se tratando de um evento de longo prazo, a marcação do tempo ocorre através dos dias do mês, da semana e os horários do dia, anotadas com base em horas canônicas:

“[...] este lunes ya scripto doze | de julio de Treynta y quatro, a la hora de visperas poco mas | o / menos [...]” (RBME f.II.19, fôlio 58v);

⁶⁹ A exemplo do segmento das cartas trocadas com os cavaleiros catalães.

“[...] Sabbado diez dias del mes de julio ya dicho en | el presente año de Mill e quatrocentos e Trenta e quatro a- | nos a la hora de la prima [...]” (RBME f.II.19, fólho 22r)

“[...] e la otra a ora de | terça [...]” (RBME f.II.19, fólho 44r)

“Despues desto en esta ya nombrado lunes a veinte, e seis de jullio | a la / ora de las vispras [...]” (RBME f.II.19, fólho 114v)

Além destes exemplos, a demarcação do horário também recorre às refeições ou práticas cotidianas, seja antes de comer, ou após a primeira missa. A narrativa ainda recorre ao uso de cartas para integrar o relato, como outrora mencionado.

Por diversas referências nas fontes, compreende-se que há uma pretensão de verdade na narrativa do Passo Honroso, identificando-se o autor como o próprio narrador, que atesta o relato como testemunha e, assim, adentrando o gênero historiográfico. As referências mencionadas serão evidenciadas em seguida. Por ora, torna-se à questão do Passo Honroso como um evento que teria ocorrido de fato: verificação que pode ser realizada recorrendo-se a outras fontes de produção relativamente próxima ao do período em que o mesmo teria sucedido. Em um primeiro momento, deve-se recordar das correspondências já mencionadas na pesquisa e que, ainda que atreladas ao evento, não guardam relação com as versões narrativas. Outras fontes consistem na “Crónica de Juan II”⁷⁰, produzida por Alvar García de Santa María e Fernán Pérez de Guzmán entre 1406 e 1454, e os “Anales de Aragón”⁷¹ de Jerónimo Zurita, entre 1562 e 1580, apesar deste último ter sua produção em tempos coevos aos de versões tratadas nesta pesquisa.

A “Crónica de Juan II” aborda o Passo Honroso em poucas linhas no capítulo CCXL e busca uma síntese de seus aspectos mais importantes, como a localidade, principais cavaleiros defensores – com destaque para Suero de Quiñones –, a morte de Esberte de Claramonte, entre outros. O cronista que escreve neste momento traz informações dissemelhantes em relação ao que se vê nas narrativas do Passo Honroso, ou seja, atesta-se um mesmo evento, ainda que as informações não se correspondam integralmente. Como descrito⁷², é possível encontrar uma versão do trecho deste capítulo da crônica de Juan II nos fólhos pré-textuais do livro de Juan de Pineda (BNE R/1197, fólho ¶4), uma citação que, logo após seu encerramento, é comentada por Pineda como segue: “No todo lo aqui dicho es como aqui se |

⁷⁰ A versão utilizada aqui será a “Crónica de Juan II” [Título uniforme], publicada por Tomás Porralis [impressor] e Juan Boyer [editor] em 1591.

⁷¹ A versão utilizada aqui será a “Anales de Aragón de Jerónimo Zurita”, editada e publicada por Angel Canellas López em 2003.

⁷² Ver página 44.

dize, como se prueua co(n) nuestro libro del | Passo Honroso: porque aquel Historia- | dor no lo vio, como lo vio el nuestro.” (R/1197, fólho ¶4v). O “nosso” historiador, a que se refere Juan de Pineda, tratar-se-ia do narrador do enredo do Passo Honroso, que recebe o nome, como se verá adiante, de Pero Rodríguez de Lena. A afirmação de que “nosso” historiador “viu”, sendo, portanto, mais preciso, se baseia na existência destas informações encontradas na crônica de Juan II, consideradas como incorretas por Pineda.

Seguindo para as demais fontes que citam o Passo Honroso, uma menção ao mesmo pode ser encontrada na obra de Jerónimo Zurita, no capítulo XXII do livro XIV, que aborda mais detalhes sobre o evento se comparado à crônica do rei Juan II. Ainda que existam informações desconexas com aquelas encontradas nas fontes do Passo Honroso, há uma maior correspondência entre as mesmas, o que pode demonstrar que Zurita possivelmente entrou em contato com as narrativas.

Por fim, vale ressaltar que o Passo Honroso também é lembrado pelo personagem Dom Quixote de la Mancha, na obra de Miguel de Cervantes, citando o nome de Suero de Quiñones: “Digam que foram burlas as justas de Sueiro de Quinhones, o do Passo; [...]” (2016, p. 562), além de outros personagens que se podem encontrar no relato, como Gutierre Quijada, Juan de Merlo e Pero Barba (p. 562). Deve-se destacar que a obra de Cervantes foi produzida após mais de um século e meio da data em que teria ocorrido o Passo Honroso, fato que demonstraria certa distância do evento. Por outro lado, tomando a data de sua primeira impressão, 1605 (p. 23), esta teria ocorrido a menos de vinte anos da publicação da versão de Juan de Pineda, obra que favoreceu a difusão do evento. A afinidade de Dom Quixote de la Mancha com os escritos do Passo Honroso já resultaram em alguns estudos buscando comparações⁷³, e a proximidade entre as obras possibilitaria uma pesquisa à parte sobre suas relações.

Averiguar a presença do evento em fontes produzidas contemporaneamente à sua realização, concedendo maior legitimidade para sua existência, poderia auxiliar a caracterizar o relato do Passo Honroso como um escrito historiográfico, ainda que estes apontamentos não concluam sobre as possíveis reivindicações de verdade apresentadas pelas fontes.

Acerca deste aspecto, é perceptível que no decorrer do texto do Passo Honroso o autor e narrador busca convencer o leitor da veracidade dos fatos que narra, levando à questão de

⁷³ Entre algumas pesquisas, estão os artigos de: PÉREZ, S. A. Puente del Orbigo, 1434: realidad histórica y trama narrativa en El Paso Honroso de Suero de Quiñones, 2009; ORDUNA, L. F. Realidad histórica y ficción novelesca. En torno al Paso honroso de Suero de Quiñones, a la literatura caballeresca y al Quijote de 1605, 1999; e EVANS, P. G. A Spanish Knight in Flesh and Blood-A Study of the Chivalric Spirit of Suero de Quiñones, 1932.

como este sujeito percebia a relação entre sua escrita e a verdade. A discussão deste estatuto de verdade dos textos medievais, particularmente no que se refere ao gênero cronístico, deve adentrar na própria visão do que seria a história para os sujeitos da Idade Média, discernindo entre suas concepções e as atualmente vigentes. Como analisa o historiador Jaume Aurell (2013), a estrutura narrativa da literatura histórica medieval se formou através das convenções da narrativa de ficção, motivo pelo qual não seria possível aplicar uma visão racional e historicista à historiografia medieval (p. 101). Assim, diferentemente dos métodos que se aplicam atualmente na pesquisa e escrita da história, deve-se entender a escrita do gênero histórico na Idade Média sob a ótica de quem a escrevia. Isto posto, compreende-se que para a historiografia medieval, como indica Jaume Aurell (2013), existiria uma convergência entre as esferas da realidade e da ficção (que não se devem confundir com as categorias de “verdade” e “mentira”), dois caminhos que seguiriam, aparentemente, em direções opostas (p. 97). Neste sentido, a historiadora Marcella Lopes Guimarães (2012) afirma que a ficção tanto não era oposta à verdade, “mas uma caminho alternativo para se chegar a ela.” (p. 66). Evidencia-se, porém, que o cronista estaria consciente da permeabilidade das fronteiras entre sua escrita e aquela das fábulas, como explica a historiadora Susani Silveira Lemos França (2006), ainda que procurasse sempre perseguir a verdade (p. 120). Aquele que escrevia a história possuiria, antes de tudo, a intenção de escrever um relato verdadeiro, autêntico, e este intento estaria entre um dos elementos garantidores da verdade para seus escritos (p.122).

Para além destas características, evidencia-se que o próprio formato em prosa possuiria, na visão daqueles sujeitos, uma maior relação com a escrita da verdade. Como articula Michel Zink (1990), valendo-se de Isidoro de Sevilha, a prosa seria a língua de Deus, um modo de expressão direto, opondo-se aos ornamentos próprios da escrita em verso. A prosa estaria ligada à verdade, fator que levaria a escrita das crônicas vernaculares posteriores ao século XII a estar majoritariamente disposta neste formato (pp. 86-87).

Conclui-se que, por mais que no período medieval, diferentemente da época contemporânea, houvesse uma fusão entre as esferas da realidade e da ficção (AURELL, 2013, p. 100), para os cronistas, havia uma distinção entre o texto histórico e o das fábulas. Nas palavras de Guimarães (2015), os cronistas “sabiam que conviviam com narradores de outros gêneros literários (...), mas não viam o seu texto confundido com seus congêneres.” (p. 89). Dentro desta lógica, compreende-se que a própria forma de escrever a narrativa influenciava no resultado, isto porque, como explicam Guy Bourdé e Hervé Martin (1983), a

concepção de história para aqueles que a escreviam estaria ligada a um relato simples e verdadeiro, oposto às fábulas (p. 40).

Este relato seguiria uma orientação, ou como afirma Gabrielle Spiegel (1997), a escrita da história estaria ligada com a transmissão exata dos fatos, sem que houvesse uma crítica às fontes, e isso conduziria o autor a incorporar quaisquer que fossem as lendas, milagres ou ficções que circulassem ao seu redor (p. 102). Esta condição é o que levaria à consideração de que a escrita da história medieval seria tanto literatura quanto fato, ou como conclui a autora, uma literatura do fato (p. 100). Considerando a visão dos próprios sujeitos, de acordo com Spiegel, a lógica para que se considerasse um relato verdadeiro perpassaria pela própria estruturação dos fatos em sequência (p. 100); para a autora, o historiador medieval buscava transmitir a impressão mais vívida o possível do presente e passado aos seus leitores, percebendo seu texto como uma “transparência” (p. 101). A ausência de uma crítica documental explica, para Jaume Aurell (2013), a supremacia do “o que” se estava contando sobre o “como” era contado. O historiador concorda com Spiegel quando aborda que o cronista medieval se consideraria um transmissor fiel da tradição, e absolutamente dependente de sua documentação, assim como do contexto que o condicionava (p. 100).

Os sujeitos que escreviam história na Idade Média, portanto, possuíam sua própria concepção de como alcançar um relato verdadeiro, dispondo de formas particulares para legitimá-la. No relato do Passo Honroso, a preocupação com a verdade aparece indicada no prólogo da obra, na parcela de texto da M1 do RBME f.II.19, ou seja, um texto que sobrevive apenas através desta fonte.

[...] e que los fechos de armas que por | mi scritos e non dudosos, segun e como la verdad e ygualdad | de tal fecho conuenidero e complidero sera, para que certo li- | bro de çertinidad q(ue) a los tan honrrados fechos de armas conbiene | para la fama durable q(ue) para siempre dure [...] (RBME f.II.19, fólho 39r)

Este prólogo teria sido escrito pelo dito autor da obra, e se trataria de um pedido do mesmo para o deus cristão, buscando alcançar a verdade dos acontecimentos do Passo Honroso. Destaca-se a última frase da citação, que clama para que a fama do evento seja durável e que “dure para sempre”, revelando uma intenção de registro para fins de memória.

Entre as formas pretendidas para a legitimação do relato contado, a testemunha ocular como evidência compreenderia um estatuto privilegiado para os sujeitos da Idade Média (SPIEGEL, 1997, p. 101), o que é explícito na narrativa do Passo Honroso, em que a fiabilidade do texto se baseia na presença do escriba (ou escribas) no evento, anotando tudo o que viam e percebiam como relevante. Para Jaume Aurell, ao tratar dos escritos de Jean

Froissart, cronista francês do século XIV, esta condição de “testemunha”, ou o historiador-testemunha, recupera todo o seu prestígio neste período (p. 139), ainda que este prestígio esteja atrelado à ausência de crítica às fontes, característica notória da historiografia medieval (p. 100). Podem-se encontrar diversos exemplos da importância dada ao testemunho ocular do escriba (ou escribas) nas fontes do Passo Honroso, principalmente quando dos comentários críticos ao fim de cada justa, quando há menções da presença do autor:

[...] e aqui fabla el auctor, e dize que vio estando presente al fazer destas armas [...] (RBME f.II.19, fólio 92v).

[...] el auctor dize aqui porquanto era presente al fazer destas armas [...] (RBME f.II.19, fólio 105v) .

E aqui dize el auctor como quiera q(ue) | vio siendo presente al fazer destas armas [...] (RBME f.II.19, fólio 133v).

Outras menções semelhantes podem ser encontradas nos fólhos 67r, 73r, 108r, 113r, 114r, 148v, 162r, 163r e 165v. Algumas situações no decorrer da narrativa ressaltam ainda mais esta preocupação em relatar a presença do escriba testemunha, para certificar e atestar a verdade, como se observa no excerto:

[...] e dize que oyendo que suero era ferido, e por saber en q(ue) manera ho- | uo de llegar a el mismo por se mas çertificar, e escriuir el fecho de la verdad [...] (RBME f.II.19, fólio 121v).

Após Suero de Quiñones lesionar-se durante a prática de uma das justas, apresenta-se que o autor teria se deslocado até o local em que o nobre estava, visando certificar o que ocorria de fato, preservando a verdade de seu relato. Outro momento destaca o que teria sido uma emenda aos escritos de um dos escrivães. Como será mencionado adiante, há algumas referências à escrita de diversos escribas sob a orientação de um suposto autor. Neste episódio em particular, há uma retificação que este autor faz a um dos escribas:

E fizo emendar el auctor esto que suso esta escripto soberraido | / o dize peto del piastro(n) e falsolo con el bolante de las platas e toco en el peto dellas | porquanto este encuentro El mesmo lo vio dar, e fue yerro del esc/ri\uano // (RBME f.II.19, fólio 75r)

Esta emenda se trata da consequência de um encontro entre dois cavaleiros, mas deve-se ressaltar que o trecho dito equivocado não está presente em qualquer uma das fontes analisadas nesta pesquisa, manteve-se, porém, o comentário que retifica o suposto erro. Ainda assim, partindo da correção do autor, este teria ordenado a modificação da escrita uma vez que “ele mesmo viu” a ocorrência, determinando o erro do escrivão.

Para além destes trechos, possivelmente o maior indício de uma busca por legitimação da verdade no relato está no capítulo final das narrativas. O título do capítulo evidencia esta intenção:

Capitulo que fabla de como los Juezes que fueron que | fueron de aquel Campo e passo fizieron fee// | que era todo verdad todo lo contenido en este libro e | hystoria. E por eso lo firmaron (RBME f.II.19, fólio 183v)

A fim de certificar os eventos ali ocorridos, registrar-se-ia um relato dos juízes do evento, dando fé da verdade escrita nos fólhos do livro. O capítulo segue exatamente com esta fé dos juízes:

[...] ffazemos fee que | es verdad todo lo contenido en este libro, e hystoria del fecho de las armas, e | auctos, e arengas, e debates, e presentaciones, E otras cosas asaz q(ue) | en el son escritas segun mas largamente por la hystoria del es Reconta- | do. (...) E asi mesmo por mas çertificacio(n) de ser verdad todo | lo contenido en el va sellado el dicho libro, e hystoria del sello de portugal | rrei de armas (...) q(ue) asi mesmo co(n) no/s\otros presente fue | a ver todos los fechos de las armas, e auctos. e debates, e enbaxadas | que en aquel passo, e campo se fiziero(n), [...] (RBME f.II.19, fólio 184r)

Tanto no RBME f.II.19 quanto no RAH 9/213 estão reproduzidas as supostas assinaturas dos juízes logo abaixo de sua certificação, ainda que o segundo se identifique como uma cópia (presumidamente de um manuscrito original).

Ainda que se possam buscar averiguações em fontes diversas e que a escrita do relato do Passo Honroso retrate uma preocupação com a verdade, fatores que ligariam a narrativa ao gênero historiográfico, deve-se questionar acerca desta definição, abordando outros pontos presentes na obra. A percepção do gênero desta fonte é uma tarefa complexa, uma vez que a atividade narrada se relaciona intimamente com os ideais e valores da cavalaria, possuindo muitos elementos da literatura voltada a este grupo. Neste sentido, compreende-se que haveria trocas mútuas entre as esferas ditas do “real” e da “literatura”, e como coloca Paul Zumthor (1993), neste momento entre os séculos XIV e XV, muitos destes escritos em prosa (que chamará de “romance”), fantasiavam-se “de narrativas históricas, mistura[m] suas invenções maravilhosas à lembrança de uma família principesca bem verídica [...], de uma personagem 'verídica', [...], ou Jacques Lalaing sob a máscara do pequeno Jean de Saintré.”, da mesma forma, para o autor, “Dom Quixote vai inscrever-se, por um lado, nessa perspectiva.” (pp. 270-271). Martín de Riquer (2008) consente com esta perspectiva, que, ademais, estabelece uma divisão de categorias entre “livros de cavalaria” e “novelas cavalheirescas”, sendo o primeiro um estilo que possui elementos maravilhosos e ocorre em terras longínquas, e o segundo em que o protagonista possui medidas humanas, e suas aventuras percorrem um tempo próximo e espaço reconhecível, assim como os nomes de alguns personagens (p. 13).

Para Riquer (2008), os escritos que categoriza por “novelas” são retratos da realidade social do século XV, em que as crônicas particulares, como por exemplo, o “*Livre des faits de Jacques Lalaing*”, poderiam ser confundidas, prontamente, com narrativas como as de “*Jehan de Saintré*” (p. 14). As trocas levariam a uma dupla contaminação, pois enquanto os livros se baseavam nas histórias de personagens reais, estes mesmos seriam levados a mediar suas ações de acordo com as literaturas de cavalaria. A historiadora Gabrielle Spiegel (1997) teoriza acerca desta ação dos textos na realidade social, uma vez que, como afirma, todo texto ocupa determinados espaços sociais, seja como produtos destes espaços ou como seus agentes. Neste sentido, da mesma forma que os textos repetem a realidade social, eles também a constituem, agindo de forma a amparar, resistir, contestar, ou buscar sua transformação, dependendo do caso (p. 24).

Como exemplo desta afirmação está a própria relação da cavalaria com os passos de armas, categoria de atividades em que pertencia o Passo Honroso. Seguindo Martín de Riquer (2008), a realização dos passos de armas significaria, para seus praticantes, viver um episódio de uma novela, carregando estes eventos com elementos fabulosos. Como Julio G. Morejón (1954) afirma, “*Suero de Quiñones foi um desses cavaleiros que deram vida na realidade a um desses múltiplos episódios da cavalaria novelística, a um passo da fantasia no método e organização das justas*” (p. 53). Dentre tantos outros cavaleiros do século XV, Suero de Quiñones teria vivido “*novelescamente*”, como abordado por Riquer (2008), imitando aos heróis dos livros de cavalaria (p. 83), ainda que, como insiste o autor, estas mesmas novelas teriam inspiração nas atitudes “*novelescas*” dos cavaleiros reais (pp. 83-84).

A concepção de que não se pode declarar a rigidez do gênero de uma obra, leva às considerações do crítico literário Hans Robert Jauss (2005), que defende os processos de transformação de um gênero através da relação entre as obras. Isto é, todo gênero possui um horizonte de expectativa, constituído de uma tradição ou série de obras previamente conhecidas (p. 79), e desta forma, a relação entre uma nova obra, ou texto individual, e uma série de textos que formam um gênero, apresenta-se como um processo contínuo de estabelecimento e alteração de horizontes (p. 88). Ainda, para o autor, a formação do gênero e a sistematização dos gêneros só podem ser compreendidas através de seu período histórico e, principalmente, a partir da recepção das obras por seus leitores. Como afirma Jauss (1994), “[...] a obra literária é condicionada primordialmente pela relação dialógica entre literatura e leitor” (p. 23), e neste sentido, a recepção do público determinaria o caráter artístico da obra,

“[...] a partir do modo e do grau segundo o qual ela produz seu efeito sobre um suposto público.” (p. 31).

Estas considerações levantam a questão sobre o público alvo dos escritos do Passo Honroso, e que indícios se podem encontrar sobre a quem seriam remetidas as versões produzidas. Em um primeiro momento, é possível definir que, por tratar de um evento próprio da nobreza, com detalhamentos precisos sobre o decorrer das justas e das linhagens presentes, pode-se considerar que o texto foi elaborado para a leitura da própria camada nobiliárquica. Tratando dos volumes analisados podem-se recordar, nos manuscritos, da presença de conteúdos estreitamente ligados à monarquia e à nobreza, e principalmente no impresso, quando se pode conferir da relação com Manrique de Lara, e mesmo as motivações de Juan de Pineda para editar o livro. Nos manuscritos, nota-se da presença de margens demarcando contagens ou momentos destacados, nos quais, para Noel Fallows (2010), estão possivelmente ligadas a um contato do escriba com seu mecenas, entre outros leitores interessados, para anunciar momentos dramáticos na narrativa (p. 237).

Referente ao texto do Passo Honroso é possível identificar algumas passagens que remetem a um possível público de leitores, quais sejam:

[...] parece a todos los que viero(n) |, e assi mesmo los que lo leyeren [...]" (RBME f.II.19, fólho 98v)

[...] notorio es a todos los que lo leyeren, e / oyeren que veran como | leuo lo mejor Suero [...]" (RBME f.II.19, fólho 136r)

[...] pero que Re- | mite este Juicio a los que este fecho de sus armas leyeren, e / oyeren(n) | e mas en fecho de armas supieren." (RBME f.II.19, fólho 148v)

[...] E Remite | el Juizio desta mejoria a los que estas armas leyere(n), e / oyeren. e mas | en el fecho dellas entendieren." (RBME f.II.19, fólho 155r)

Estes trechos são alguns exemplos de referências a possíveis leitores, nos quais se pode inferir, principalmente pelas duas últimas passagens, que se esperava um público com conhecimento deste tipo de atividade – como a nobreza –, uma vez que o narrador, após dar seu veredito, remete o julgamento para seus leitores. Em tempo, observa-se do uso do verbo “ouvir” em algumas situações, em seguida ao “ler”, demonstrando a presença representativa da oralidade no ato de escrever, evidenciada por Paul Zumthor em seu livro “A letra e a voz” (1993), e que é característica fundamental do texto medieval, ainda que em diferentes níveis com o decorrer dos séculos.

A questão do gênero textual do Passo Honroso provoca a indagação de como a narrativa denomina a si mesma, o que leva a um exame acerca de quais termos são mais

utilizados no decorrer do relato quando este se auto referencia. Entre os termos encontrados: “obra”, “libro” e “historia”, pode-se organizar uma lista da quantidade de vezes em que são utilizados. Considerando que no manuscrito RBME f.II.19 está a maior parte do texto do Passo Honroso, os termos serão pesquisados em seus fólhos: os dois mais citados são “libro”, nos fólhos 30r, 39r, 109r, 143r, 157v, 173v, 174r, 179r, e “hystoria”, nos fólhos 39r, 158v, 165v e três vezes no 184r. Estes fólhos apresentam os termos utilizadas de forma solitária, podendo-se encontra-los unidos, como em “este libro e hystoria”, nos fólhos 183v e 184r, e “historia deste libro”, nos fólhos 139r, 151v, 174r, duas vezes na 180r, 183v. O termo “obra” é utilizado apenas uma vez, no prólogo da M1 do RBME f.II.19, fólho 11r. A “crônica”, ou “coronica” como encontrado na M2 do RBME f.II.19, possui um significado impreciso quanto a esta questão, uma vez que a narrativa não utiliza o termo como autodenominação, mas estabelece uma comparação:

[...] e aqui non es ma- | rauilla que muchos rrezios caualleros caen algunas
vezes segun se falla | por las coronicas de los fechos de armas que en / otros
tempos se fizieron [...] (RBME f.II.19, fólho 127r)

Este comentário ocorre logo após um cavaleiro cair de seu cavalo durante uma das justas, e o texto se ocupa em apontar que este não é um episódio raro ou vexatório para o cavaleiro, uma vez que o mesmo pode ser constatado em “crônicas de feitos de armas que em outros tempos se fizeram”⁷⁴. Há uma referência a estas crônicas, mas não se define a própria obra como uma, apesar de estabelecer-se uma comparação com os feitos de armas relatados por elas. Na versão de Juan de Pineda, o impresso BNE R/1197, não se pôde encontrar qualquer menção a “história”, “obra” ou “crônica” ao tratar-se da própria narrativa, apenas “libro”, que acompanhando o título do volume, é a forma com que se faz referência ao mesmo. Ainda que “libro” apresente-se como uma categoria relativamente branda, o termo “história” pode ser interpretado a partir da discussão anterior, o que levaria ao entendimento de que a obra foi produzida com intenção de contar um relato verdadeiro, baseado na presença de testemunhas.

Seguindo a investigação por uma denominação da obra, interessa averiguar o que se determina sobre a autoria deste enredo do Passo Honroso, ou seja, quem o texto informa como sendo seu autor, ou narrador, para além das diversas versões narrativas dantes apresentadas. Esta informação aparece já no primeiro fólho do impresso de Juan de Pineda:

Este es el libro que yo | Pero Rodriguez Delena | escriuano de nuestro se- |
ñor el Rey don Iuan, y | su Notario publico (...) q(ue) para lo yuso | escrito
llamado y rogado fui por el | principal cabeça y caudillo de lo si- | guiente

⁷⁴ Tradução livre.

(...) delan- | te nombrado escriui, y escreuir fize | de los fechos de Armas que
passaron | en el passo [...] (BNE R/1197, fólio 1r)

E no prólogo do RBME f.II.19, encontra-se um equivalente a este texto:

[...] esta es | la scriptura que yo el muy indigno Muniz Pero rodriguez | de
elena scriuano de n(uest)ro s(eñ)or el Rey e su not(ar)io publico de | la su
corte e en todos los sus reynos screui e fize screuir de | los fechos de armas
que el famoso passo de la puente de Or- | uigo fue tenido en este p(rese)nte
año [...] (RBME f.II.19, fólio 35v)

Destes trechos podem-se retirar algumas informações que o relato busca remeter aos seus leitores: primeiramente, o autor é identificado como um escrivão e notário público do rei Juan II de Leão e Castela; depois, tem-se que seu nome seria Pero Rodríguez de Lena, variando a existência do nome “Muniz” neste trecho do RBME f.II.19; por fim, este escrivão expõe que “escreveu e fez escrever”⁷⁵, sugerindo que não foi o único a registrar o evento do Passo Honroso, e no qual teria agido, nas palavras de Julio G. Morejón, como “supervisor, como diríamos em linguagem moderna, e que daria o tom geral da obra, pondo-lhe um prólogo” (p. 61). Estas referências a um autor ou escribas podem ser encontradas em diversas partes do texto, como as que seguem, utilizando o manuscrito RBME f.II.19:

“[...] digo que por alguno / o / | algunos que autor / o / autores se digan de la
presente obra non faci- | endo minçion de mi que con ellos / o / con el
parçionero fui en los traba- | jos del screuir de todas las armas fechas durante
el honoroso e famo- | so passo [...]” (RBME f.II.19, fólio 11r)

“[...] perdonele | dios, e por q(ue) dios p(er)done a todos aq(ue)llos q(ue) esta
hystoria leyer(e)n. El auctor les enco- || mienda que digan por su anima que
dios aya piedad dela [...]” (RBME f.II.19, fólíes 158v e 159r)

Estas duas primeiras citações abordam a expressão do narrador como “autor”, ainda que, na primeira delas, mencione “autor” e “autores”, sugerindo a intervenção de mais sujeitos na obra. Na segunda citação, o narrador transmite uma mensagem do autor ao leitor. Além do termo “autor” utiliza-se, também, de “escrivães”, como pode ser visto:

[...] e luego se apartaron los Juezes, e Rey de armas, e faraute, e | el auctor, e
escriuano con ellos que presentes eran, [...] (RBME f.II.19, fólio 109v)

[...] siendo presentes los escriuanos, e auctor que alli era(n) | publicaron
luego estas palabras [...] (RBME f.II.19, fólio 154v)

[...] suero de q(ui)ñones propuso ante los ya nonbrados Juezes | , e rrey de
armas, e faraute, e escriuanos, e auctor, e cauall(er)os [...] (RBME f.II.19,
fólio 175r)

⁷⁵ Tradução livre.

Destas citações pode-se inferir que há uma distinção entre aqueles que trabalhariam como “escrivanos” e “autor”, evidenciando-se que, nestes casos, o “autor” é tratado no singular, ainda que anteriormente tenha sido mencionada a possível existência de mais autores, enquanto “escrivanos” está no plural, determinando a presença de alguns deles. Encontram-se outras menções quanto à autoria, algumas delas ligadas ao nome de Pero Rodríguez de Lena, como segue:

“[...] diero(n) los a un escriuano que estaua en el passo e declarolos, e leydos del todo. e a- | cabados de leer por pero Rodriguez de leba escriuano del rrey e contador del | honrrado e generoso caualleor di(eg)o fernandez de quiñones [...]” (RBME f.II.19, fólho 94r)

“[...] los quales | en alta voz fueron leydos por mi el autor del presente libro por | quanto el autor Alfon Gomez los non supo ler libre e suelta- | mente [...]” (RBME f.II.19, fólho 30r)

“[...] leydos por mi pero Rodriguez los capitulos a mi | dados [...]” (RBME f.II.19, fólho 31v)

Têm-se, então, algumas variações no uso dos termos, o que leva à compreensão de que, ainda que se busque, é possível que não haja qualquer padrão no uso dos termos existentes no texto. Na primeira citação vê-se que Pero Rodríguez de Lena é referido por “escrivano” do rei; enquanto na segunda, que não o cita, o narrador reivindica ser o autor do “presente livro”; referindo-se, por fim, a um terceiro, “Alfon Gomez”, cujo nome não reaparece no decorrer do relato. Vale notar, também, a alternância entre um narrador que se expressa ora em terceira pessoa, ora em primeira, denominando-se em alguns momentos, a exemplo da terceira citação, como o próprio Pero Rodríguez de Lena, o que leva ao possível equívoco de que este equivale ao narrador em todas as situações, condição que permanece incerta. Uma hipótese válida também poderia direcionar-se para a inexistência do sujeito Pero Rodríguez de Lena, que poderia ser definido como uma identificação da coletividade dos escritos, estabelecendo-se como personagem, ou na forma de narrador.

Na versão de Juan de Pineda, que define o narrador de forma mais coesa, retiram-se todas estas menções citadas anteriormente. Existem outras três referências à Pero Rodríguez de Lena no livro de Pineda, fora a do fólho 1r, localizadas nos fólhos 91r, 122v e 138v. Enquanto a última menção está no comentário final de Juan de Pineda, sobre a forma que adaptou o texto; as duas primeiras encontram-se em trechos exclusivos à versão BNE R/1197⁷⁶, aspecto que levanta curiosidade, uma vez que, retirado o nome do pretense autor por Pineda, que motivações levariam ao reaparecimento de seu nome exatamente nos trechos

⁷⁶ Ver Anexo 1, páginas 161 a 166.

que nenhuma outra versão possui? Em uma resposta imediata, poder-se-ia pensar em uma estratégia de Juan de Pineda para legitimar seus próprios escritos, utilizando-se do nome do suposto autor original do texto.

Retomando a hipótese de uma escrita coletiva presencial, e “supervisionada” por Pero Rodríguez de Lena, e considerando sua execução, poder-se-ia interpretar determinados momentos da narrativa que aparentam perder sua orientação, ou estão amarrados de maneira artificial. Entre estes momentos pode-se retornar à citação da emenda, que foi transmitida para as versões manuscritas, ainda que o equívoco a ser emendado não tenha. Outros episódios relacionam-se a avanços e retornos cronológicos, que ocorrem em três ocasiões: a primeira quando são expostas as correspondências com os cavaleiros catalães, que precisa retomar algumas atividades dos dias anteriores ao fim da troca de cartas; as outras duas apresentam-se de maneiras semelhantes, nos quais o relato traz um acontecimento e descreve seu desenrolar, para em seguida retornar um dia ou algumas horas no tempo, indicando um fato novo que explica ou adiciona sentido àquele acontecimento. Por um lado, perspectivando o texto através deste trabalho coletivo, pode-se imaginar o deslocamento temporal como uma ausência de organização no relato. Por outro, a ordem dos fatos no texto poderia relacionar-se com um estilo de narrativa ou a construção de um argumento. Tomando a perspectiva de criação de um argumento, a própria concepção de um trabalho presencial coletivo pode estar ligada ao convencimento do leitor de uma escrita aproximada com a verdade.

Por fim, deve-se salientar que o esforço por estabelecer a narrativa como um relato verdadeiro, legitimado pela presença de seu autor e escrivães, instiga a questão de quais intenções estariam por trás da construção deste relato, transmitido através de diversas versões, estas também imbuídas de sentido. Esta questão torna-se ainda mais relevante ao se considerar que a época medieval, como afirma Jaume Aurell (2013), é um dos períodos em que mais se constata a função ideológica da historiografia (p. 103). Ao analisarem-se as versões buscou-se traçar algumas destas intenções, ainda que apenas o impresso BNE R/1197 possa ter sido aprofundado, uma vez que se reconhece seu autor, Juan de Pineda. Tratando-se do enredo, se os dados do texto forem tomados como precisos, seria necessário analisar o cenário socioeconômico, cultural e político em que este teria sido escrito, e por aqueles que supostamente o escreveram, uma vez que, como coloca a historiadora Sophia Menache (2006), esta compreensão é fundamental para entender atitudes e fatores por trás das abordagens expressadas na escrita (p. 344). De acordo com Jaume Aurell (2013), os interesses dos cronistas não estariam vinculados a uma estrita narração do passado, mas de legitimar uma ordem estabelecida em sua época, seja no âmbito moral, espiritual ou político (p. 104).

Neste sentido, a escrita narrativa do Passo Honroso poderia se identificar com o cenário político do período, como articula Martín de Riquer (2008), considerando que, entre muitas intenções, o Passo Honroso poderia ser uma parte de intrigas entre personalidades políticas ibéricas, o castelhano Álvaro de Luna e seus opositores da coroa de Aragão, cuja representação destes últimos estaria nos próprios cavaleiros catalães e valencianos que se apresentaram no evento (p. 121).

Através de uma análise do que se convencionou neste trabalho por “enredo” do Passo Honroso, buscou-se questionar sobre o gênero textual deste escrito, refletindo acerca da pretensa realidade material do evento, atestando-o com outras fontes produzidas no período, além de abordar da reivindicação do(s) autor(es) pela verdade em seu relato, e, neste sentido, problematizar a própria escrita historiográfica na Idade Média, além da fluidez na classificação de um gênero para o relato do Passo Honroso. As investigações acerca do ou dos ditos autores do enredo, seu provável público e autodenominação da obra tencionam um melhor entendimento da obra, seu texto e contexto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento desta pesquisa pretendeu analisar de forma aprofundada uma constelação documental distribuída entre os séculos XV e XVI que trata de um evento denominado “Passo Honroso de Suero de Quiñones”, produzidas em território ibérico, em um cenário coexistente ao chamado século de ouro espanhol. As apreciações realizadas no decorrer da pesquisa atravessaram diversas características das fontes, seis manuscritos e um impresso, o que ressaltou suas particularidades e permitiu um olhar minucioso sobre as mesmas. Entre os objetivos estavam a abordagem da construção narrativa do Passo Honroso através de suas versões, através da colação das transcrições dos textos; e a discussão de seu gênero textual, pretendendo um mergulho teórico ao observar o conteúdo do relato.

Em primeiro lugar tencionou-se conhecer as fontes por seus aspectos físicos, uma vez que o entendimento do texto perpassa, também, pela identificação do códice que o abriga. Foram descritos os elementos codicológicos de cada volume, e em seguida, passou-se para uma análise paleográfica dos escribas presentes nos mesmos. Discorreu-se, também, por uma revisão de historiografia que tratou do Passo Honroso e que edições críticas dos textos já haviam sido produzidas até o momento. Esta revisão levou à conclusão de que poucos estudos trataram de aprofundar-se nas tramas do Passo Honroso, tanto acerca de seu conteúdo quanto, principalmente, ao corpo documental relacionado a ele, utilizado frequentemente como uma forma de exemplificar determinadas teses. Ainda, notou-se que apesar de existirem um bom número de edições, nenhuma delas fez uso de todos os textos disponíveis atualmente, ora preterindo algumas versões, ora supervalorizando outras.

A identificação destes aspectos físicos dos volumes permitiu uma primeira categorização em grupos, separando-os entre fontes relacionadas à narrativa do Passo Honroso e aquelas que apresentavam cartas pertencentes ao seu contexto. Procedeu-se então para uma análise dos textos inseridos em cada grupo, ultrapassando a descrição técnica anterior, mas fazendo uso da mesma, tratando de entender as interações ocorridas ao longo dos fólios, e buscando verificar descontinuações e lacunas. Esta análise permitiu traçar singularidades entre os textos, viabilizando novas separações e categorizações dos mesmos como resultado. Estas separações estabeleceram o padrão para as comparações que viriam em seguida, distinguindo parcelas de texto com conteúdos correspondentes entre si, ainda respeitando a divisão anterior entre grupos.

A respeito do grupo das narrativas e suas categorizações, estabeleceu-se as colações entre as transcrições dos textos semelhantes, nomeados Relato A e Relato B. Os textos

pertencentes a cada grupo evidenciaram uma notável proximidade, os dois referentes ao Relato A equivaleram-se, excetuando-se aquilo que foi retirado propositalmente por uma das fontes (BNE R/1197); os textos do Relato B apresentavam excertos idênticos desde o ponto de partida, e a análise de suas margens, espaços em branco e em certa medida sua pontuação e uso de maiúsculas, além da própria semelhança textual, levaram à conclusão de que poderiam estar relacionados por manuscritos base comuns entre si, isso se não tiveram contato direto durante suas produções. As variantes encontradas revelaram-se reduzidas, demonstrando alterações em algumas palavras, poucos trechos adicionais em relação aos seus pares, e em quantidade um pouco maior, algumas ausências de conteúdos de uma versão para outra. Contudo, nenhuma destas variações gerou uma mudança decisiva na narrativa, mantendo o desenvolvimento dos eventos de forma similar em todas as versões. Excetua-se, porém, o trabalho organizado por Juan de Pineda (BNE R/1197), que como se pôde constatar, compilou e reescreveu a obra em seu próprio estilo, ainda que seguindo o enredo comum a todas as fontes. No livro de Pineda pode-se observar variados episódios adicionais, principalmente na parcela de texto do Relato B, contendo interações inéditas em sua versão. Entre as fontes selecionadas, este trabalho pode ser considerado como o maior esforço em constituir voluntariamente uma obra, com fins estabelecidos, ao transmití-la.

Assim como se realizou a análise do grupo das narrativas, o mesmo ocorreu com o das cartas, ou como denominado, o grupo das coletâneas de cartas, uma vez que eram constituídas de múltiplas epístolas com temáticas diversas. Entre estas temáticas, algumas cartas inseriam-se no contexto do Passo Honroso, sendo selecionadas para a apreciação e colação. O exame das cartas demonstrou a autonomia das mesmas quanto às narrativas, uma vez que algumas delas tratam do evento, mas sequer estão em seu relato, o que amplia as interações do evento para além da própria narrativa que se constituiu do mesmo. Nota-se, porém, que se por um lado a narrativa não possuiria todas as cartas relacionadas ao Passo Honroso por desconhecimento de sua existência, por outro, a própria narrativa pode ter omitido algumas delas para construir uma determinada perspectiva. As comparações advindas da colação entre as cartas, sejam pertencentes às coletâneas ou às narrativas, apresentaram variações em termos ou ordem de frases, ainda que tenha sido possível observar a ausência de determinados conteúdos em algumas das cartas, ou a adição de alguma frase em outras.

A última parte deste estudo propôs-se a discutir o gênero do texto do Passo Honroso, identificado com aspectos próprios das crônicas do período e uma manifesta intenção de relatar a verdade, ainda que dispondo de características próprias da literatura de cavalaria. A

primeira investigação proposta elencou a presença do Passo Honroso em outras fontes de períodos aproximados ao que teria ocorrido o evento e seu registro, apresentando possíveis certificações da ocorrência do evento para além da esfera literária. A relação entre crônica e literatura, reconhecendo os gêneros textuais como sistemas dinâmicos, levou à constatação de que o período produziu outras crônicas em estilo semelhante, e levantou análises de alguns pontos encontrados nas fontes, amparados em discussões acerca da escrita historiográfica e a noção de verdade na Idade Média. Entre estes pontos estariam a busca e a legitimação da narrativa do Passo Honroso como verdadeira, evidenciadas pela apresentação frequente da presença de testemunhos oculares; ainda, acerca do suposto autor ou autores da narrativa; e para que público esta se direcionaria. Em última observação, sugeriu-se das possíveis intenções políticas e ideológicas na produção da narrativa, fator que evidencia potencialidades para possíveis pesquisas relacionadas ao Passo Honroso de Suero de Quiñones.

REFERÊNCIAS

FONTES

Anônimo. *Libro del Passo Honroso defendido por el Excelente Cauallero Suero de Quiñones*, Madrid, Biblioteca Nacional de España, Mss/1599.

Anônimo. *Privilegios reales antiguos a las iglesias de Aragón*, Madrid, Biblioteca Nacional de España, Mss/746.

CERVANTES, Miguel de. *Dom Quixote de la Mancha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. Tradução: Almir de Andrade, Milton Amado.

Diversos autores. *Copias de cartas de batallas y de textos del siglo XV*. Manuscrito com “Letra de varias manos”, BNE RES/27. c. XV.

_____. *Letres e achtes de batalla*, Madrid, Biblioteca Nacional de España, Mss/7811.

_____. *Letres de batalla*, Madrid, Biblioteca Nacional de España, Mss/18444.

_____. *Colección de cartas sobre combates y actas de desafío en catalán y algunas en castellano*, Madrid, Biblioteca Nacional de España, Mss/7809

García de Santa María, Alvar; Pérez de Guzman, Fernán. *Crónica de Juan II*. Madrid, Biblioteca Nacional de España, R/5623.

Juan de Pineda, Religioso da Ordem de São Francisco. *Libro del Passo Honroso defendido por el Excelente Cauallero Suero de Quiñones*. Salamanca: En casa de Cornelio Bonardo, 1588. BNE R/1197.

Rodríguez de Lena, Pero. *El Passo Honroso de Suero de Quiñones*, Escorial, Biblioteca del Monasterio de San Lorenzo de El Escorial, RBME f.II.19.

_____. *El Passo Honroso de Suero de Quiñones*, Madrid, Real Academia de la Historia, 9/213.

_____. *El Passo Honroso de Suero de Quiñones*, Santander, Biblioteca de Menéndez Pelayo, BMP M-104.

Lázaro Díaz del Valle y de la Puerta. *Libro del Passo Honroso defendido por el Excelente Cauallero Suero de Quiñones*, Madrid, Biblioteca Nacional de España, 1662, Mss/7012.

José Miguel de Flores, Secretário perpétuo da Real Academia de História. *Libro del Passo Honroso defendido por el Excelente Cauallero Suero de Quiñones*. Madrid: En la imprenta de D. Antonio de Sancha, 1784.

ZURITA, Jerónimo. *Anales de Aragón*. Edição por Angel Canellas López, Institución “Fernando el Católico”: 2003.

BIBLIOGRAFIA

ALENDAY MIRA, Jenaro. Relaciones de solemnidades y fiestas públicas de España. Madrid: Establecimiento Tipográfico “Sucesores de Rivedeneyra”, 1903.

ÁLVAREZ, César Álvarez. Los Quiñones-Condes de Luna durante la Baja Edad Media. *Tierras de León*, v. 21, n. 44, 1981, pp. 45-60.

ANDRÉS DÍAZ, R. Las fiestas de caballería en la Castilla de los Trastámara. *En la España Medieval*, v. 8, ano. 1986. Disponível em: <<http://revistas.ucm.es/index.php/ELEM/article/view/ELEM8686120081A>>. Acesso: nov./2015.

ARTIGAS, Miguel et al. *Catálogos de la Biblioteca de Menéndez Pelayo, I Manuscritos*. 1957.

- AURELL, Jaume. La historiografía medieval: siglos IX-XV. In: AURELL; BALMACEDA; BURKE; SOZA. *Comprender el pasado. Una historia de la escritura y el pensamiento histórico*. Madrid: Akal, 2013.
- BARBER, R; BARKER, J. *Tournaments, jousts, chivalry and pageants in the Middle Ages*. Suffolk: Boydell Press: 1989.
- BERWANGER, Ana Regina; LEAL, João Euripedes Franklin. *Noções de paleografia e de diplomática*. 3. ed. rev. e ampl. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2008.
- BETA (Bibliografía Española de Textos Antiguos). Dir. Charles B. Faulhaber. The Bancroft Library. University of California, Berkeley, 1997-. Disponível em: <http://vm136.lib.berkeley.edu/BANC/philobiblon/beta_en.html>. Acesso: set./2016.
- BISCHOFF, Bernhard. *Latin palaeography: Antiquity and the Middle Ages*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- BITECA (Bibliografía de Textos Antics Catalans, Valencians i Balears). Dirs. Gemma Avenoz, Lourdes Soriano, i Vicenç Beltran. The Bancroft Library. University of California, Berkeley, 1997-. Disponível em: <http://vm136.lib.berkeley.edu/BANC/philobiblon/biteca_en.html>. Acesso: set./2016.
- BOURDÉ, G.; MARTIN, H. *As Escolas Históricas*. Lisboa: Publicações Europa/América, 1983.
- BOUZA ÁLVAREZ, Fernando. *Corre manuscrito: una historia cultural del Siglo de Oro*. Marcial Pons, 2016, Edição eBook.
- CAMÍN, Alfonso. *Don Suero de Quiñones: o, El caballero leonés; de cómo encontró Cervantes la figura de Don Quijote*. México: Impresora Azteca, 1967.
- CARBÓ, L. La fiesta, socialización y prevención del conflicto: Castilla, siglos XIV y XV, *Letras*, 61-62, (2010). 129-140. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.uca.edu.ar/repositorio/revistas/fiesta-socializacion-prevencion-del-conflicto.pdf>>. Acesso: nov./2015.
- CAVALLO, G.; CHARTIER, R. *Historia de la lectura en el mundo occidental*. Madrid: Santillana Ediciones Generales, 2004.
- CHARTIER, Roger. *Literatura e cultura escrita: Estabilidade das obras, mobilidade dos textos, pluralidade das leituras*. Conferência na Escola São Paulo de Estudos Avançados sobre a Globalização da Cultura no Século XIX. São Paulo, 24 de agosto de 2012.
- CLEMENS, R.; GRAHAM, T. *Introduction to Manuscript Studies*. Ithaca & London: Cornell University Press, 2007.
- COLECCION DE DON LUIS DE SALAZAR Y CASTRO. Madrid: Real Academia de La Historia. Disponível em: <<http://www.rah.es/pdf/SalazaryCastro.pdf>>. Acesso: set./2016.
- CUARTERO HUERTA, B.; VARGAS ZUÑIGA, A. *Indice de la Colección de don Luis de Salazar y Castro*. Madrid: RAH, 1949-1979. 49 vols.
- CUESTA TORRE, M. L. La Realidad Histórica en la ficción de los libros de caballerías. Atas do Congresso *Poética, lectura, representación e identidad*. Salamanca, 2001.
- DEROLEZ, Albert. *The Palaeography of Gothic Manuscript Books: From the Twelfth to the Early Sixteenth*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- ESPADAS, Juan. *El passo honroso de Suero de Quiñones*: Edición crítica y estudio preliminar. University of Pennsylvania: Graduate School of Arts and Sciences, 1978.
- _____. Resenha de El Passo Honroso de Suero de Quiñones por Amancio Labandera Fernández. *Hispanic Review*. Volume 47, n. 4, 1979.
- FALLOWS, Noel. *Jousting in Medieval and Renaissance Iberia*. Woodbridge: Boydell, 2010.
- FRANÇA, Susani Silveira Lemos. *Os reinos dos cronistas medievais (século XV)*. 1.ed. São Paulo: CAPES, Annablume, 2006.

- FRAZÃO DA SILVA, A. C. L. Uma proposta de leitura histórica de fontes textuais em pesquisas qualitativas. *Revista signum* 2015.
- GARCIA, Michel. Les Remontrances au Roi (1413). D'Après une version castilliane contemporaine. *Atalaia*, 9, 1998.
- _____. El delicado manejo de misceláneas: MS Res. 27 de la BNM. *Bulletin of Spanish Studies*, V. LXXXI, N. 7-8, 2004.
- GIBELLO BRAVO, Víctor M. La Violencia convertida em Espectáculo: Las Fiestas Caballerescas Medievales. IN: Fiestas, Juegos y Espectáculos en la España Medieval. *Actas del VII Curso de Cultura Medieval*. Aguilar de Campoo: Fundación Santa María La Real, Centro de Estudios del Románico, 1999.
- GRIFFITH EVANS, P. A *Critical Annotated Edition of El Passo Honroso de Suero de Quiñones*. Universidade de Illinois, 1930. Tese de doutorado.
- _____. A Spanish Knight in Flesh and Blood – A Study of the Chivalric Spirit of Suero de Quiñones. *Hispania*, 15, 1932, pp. 141-152.
- GUIMARÃES, Marcella L. O discurso cronístico e a narratividade. In: NASCIMENTO, R. C. S.; NETO, D. M. *A Idade Média: entre a história e a historiografia*. Goiânia: Editora da PUC de Goiás, 2012.
- _____. As intenções da escrita da história no outono da Idade Média. In: TEIXEIRA, I. S.; BASSI, R. *A escrita na história da Idade Média*. São Leopoldo: Oikos, 2015.
- HUNTINGTON, A. M. *Libro del Passo Honroso*. New York: De Vinne Press, 1902.
- JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação a teoria literária*. São Paulo: Atica, 1994.
- _____. *Toward an Aesthetic of Reception*. Minnesota: University of Minnesota Press, 2005.
- ILERA, F. A. *Libro del Passo Honroso*, defendido por el excelente cavallero Suero de Quiñones. Valencia: Anubar, 1970.
- _____. *Libro del Passo Honroso*, defendido por el excelente cavallero Suero de Quiñones. Valladolid: Editorial Maxtor, 2008.
- LABANDEIRA FERNÁNDEZ, A. *El Passo Honroso de Suero de Quiñones*. Espanha: Fundación Universitaria Española, 1977.
- LADERO QUESADA, Miguel Ángel. *Las fiestas en la cultura medieval*, Espanha: A&M Grafica S. L, 1ª edição, 2004.
- LEGUINA, Don Enrique. *Torneos, Jineta, Jieptos y Desafíos*. Madrid: Librería de Fernando Fé, 1904.
- _____. *Libro del Passo Honroso*. Madrid: Espasa-Calpe, 1970. Com nota preliminar de Martín de Riquer.
- LUENGO, L. A. *Don Suero de Quiñones: el del Passo Honroso*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1943.
- MARTÍN, J. L.; PIEDECASAS, L. S. Tratados de caballería. Desafíos, justas y torneos. *Revista Spacio, Tiempo y Forma*. S. 3, Hª Medieval, T. 4, 1991.
- MARQUÊS DE ALCEDO Y DE SAN CARLOS. *Un olvidado pleito del siglo XV: la herencia de Suero de Quiñones*. Madrid: Blass, 1926.
- MENACHE, Sophia. Chronicles and historiography: the interrelationship of fact and fiction. *Journal of Medieval History*, v. 32, 2006, p. 333-345.
- MILLS, Charles. *The History of Chivalry, or Knighthood and its times*. Londres: Printed for Longman, Hurst, Rees, Orme, Brown and Green, 1825. Dois volumes.
- MOREJÓN, Julio G. “El Passo Honroso” de Suero de Quiñones. Contribuição ao estudo do “outono da Idade Média Espanhola”. *Revista de História*, [S.l.], v. 9, n. 19, p. 33-79, Set.

1954. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/36392>>. Acesso: nov./2015.
- MULLERT, Werner. La fecha del manuscrito escurialense del “Passo Honroso”. *Boletín de la Biblioteca de Menéndez Pelayo*. 1931-1932.
- MUÑOZ Y RIVERO, Jesús. *Manual de Paleografía Diplomática Española*. Madrid: Imprenta de G. Pedraza Huerta, 1889.
- O'CALLAGHAN, Joseph F. *A History of Medieval Spain*. Ithaca: Cornell University Press, 1975.
- ORDUNA, Lilia E. F. de, Realidad histórica y ficción novelesca. En torno al Passo Honroso de Suero de Quiñones, a la literatura caballeresca y al Quijote de 1605. *Rivista di Filologia e Letterature Ispaniche*, v.2, 1999.
- PÉREZ, L. R. Los Bazan: Un linaje Leones con señorío en la Baja Edad Media. *Tierras de León*, v. 21, n. 43, 1981, pp. 69-88.
- PÉREZ, Santiago A. “Puente del Orbigo, 1434 : realidad histórica y trama narrativa en El Paso Honroso de Suero de Quiñones”. *Letras*, 59-60 (2009). Disponível em: <<http://bibliotecadigital.uca.edu.ar/repositorio/revistas/puente-orbigo-1434-realidad-historica.pdf>>. Acesso: fev./2018.
- PIFERRER, Francisco. *Nobiliario de los Reinos y Señoríos de España*. Madrid: Calle del Colmillo, 1859. Tomo III, Segunda edição.
- PITA, I. B. Modas estéticas y relaciones exteriores: La difusión de los mitos artúricos en la Corona de Castilla (s. XIII-comienzos s. XVI). *En la España Medieval*, nº16, Madrid: 1993.
- QUINTANILLA RASO, M. C. *Nobleza e Caballería en La Edad Media*. Madrid: Arco Livros, 1996.
- RIQUER, Martín de. *Vida Caballeresca en la España del siglo XV*. Madrid, Real Academia Española. [Discurso proferido em 16 de maio de 1965].
- _____. *Caballeros catalanes y valencianos en el Passo Honroso*. Barcelona: CSIC, 1967.
- _____. *Cavalleri afra Realtà e Letteratura nel Quattrocento*. Bari: Adriatica Editrice, 1970.
- _____. *Caballeros medievales y sus armas*. Madrid: Instituto Universitario General Gutiérrez Mellado-UNED, 1999.
- _____. *Caballeros andantes españoles*. Madrid: Editorial Gredos, 2008.
- RUANO, E. B. Lope de Stúñiga, vida y cancionero. *Revista de Filología Española*. Vol. LI, n. 1/4. 1968.
- RUCQUOI, Adeline. *História Medieval da Península Ibérica*. Lisboa: Estampa, 1995.
- RUIZ, A. L.; MARTÍN, A. M. Sobre la Alcurnia de Don Quijote: Gutierre Quijada. *Boletín del Instituto de Estudios Almerienses*. Letras, 1987.
- SPIEGEL, Gabrielle M. *The past as text: the theory and practice of medieval historiography*. London: Johns Hopkins University Press, 1999.
- TARANILLA DE LA VEGA, C. *El Passo Honroso de don Suero de Quiñones*. León: Lobo Sapiens, 2014.
- TRABADO, J. M. *Libro del Passo Honroso*. León: Edilesa-Diario de León, 2007.
- VELASCO, J. D. R. *El debate sobre la caballería en el XV: la tratadística caballeresca castellana en su marco europeo*. España: Consejería de Educación y Cultura, 1996.
- ZARCO CUEVAS, Julian. *Catálogo de los Manuscritos Castellanos de la Real Biblioteca de El Escorial*. Madrid: 1924-1929.
- ZINK, Michel. *Le Moyen Age: littérature française*. Nancy: Presses universitaires de Nancy, 1990.
- ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz: a 'literatura' medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ANEXOS

Anexo 1 – Trechos adicionais encontrados na narrativa do BNE R/1197:

Conteúdo adicional do BNE R/1197		
Situação	Texto	Fólio
Suero envia seus médicos para que tratem de um cavaleiro ferido.	“Suero de Quiñones como generoso y be- nigno cauallero ma(n)do luego yt ciru- janos a los curar com todo recaudo.”	33v
Apresentação de alguns cavaleiros que chegam ao Passo Honroso.	“En este dia se presentaro(n) delante los juezes y rey de armas, e faraute, los gentiles ho- mes e honrados caualleros, Lope de Mendoza, Rodrigo de Olloa, Diego de Ma(n)silla, Velasco de Barrionueuo, Iua(n) Freyle de Andrada, e Lope de So- to: de los quales recebido su jura- mento segun la costumbre del Hon- rado Passo, les fueron quitadas sus es- puelas derechas por el rey de armas e faraute, y puestas em el paño Fances.”	41r e 41v
Pero Carnero leva um presente de Juan de Merlo para Suero de Quiñones.	“[...] el qual le lleuo vn escudeiro de su compañía llamado Pero Carnero.”	81r
Episódio que relata uma exibição na liça de Juan de Benavente, em que este termina por cair de seu cavalo.	“Yo Pero Rodriguez Delena escriua- no real arriba no(n)brado como quien lo vio doy fe como en este dicho viernes antes de comer acontecio lo q(ue) agora dire. Oydo auedes como el generoso cauallero Do(n) Iuan de Bena- uente vino al Ho(n)roso Passo por ho(n)- rar a Suero de Quiñones su primo se- gu(n)do: co(n) el qual estuuu todo el tiem- po de la guarda del dicho passo. Pues digo q(ue) en este dia caualgo en vn muy valiente cauallo en q(ue) el solia justar, e sus calças prietas calçadas co(n) sus ça- patos, e co(n) vn jubon de azeytuni bro- cado sin outra cobertura entro en la li- ça, e dio de las espuelas al cauallo a lo luengo de la liça: e quando llego en- frente del cadahalso donde los jue- zes se ponian, tan de rezio como ve- nia corriendo, cayo el cauallo en tier- ra, e aun non era percaido, quando muy ligero e sueltamente Don Iua(n) salido auia de la silla, como muy ar- did e auisado cauallero. E lo que mas se estima es que antes que el cuerpo levantasse, subitamente el cauallo torno a tumbar del todo com su silla por cima de Don Iuan, de guisa que del ninguna cosa se parecia: e todos bozeauan, vnos diziendo, o Sancta Maria valele, muerto es aquel caua- llero. En esto plugo a Dios que el ca- uallo acabado de tumbar se leuanto como atordido, e luego prestamen- te Don Iuan se leuanto, diziendo non es nada, non es nada: e arreba- tando su cauallo por las rie(n)das muy suelto e muy ligero, sin ninguno le ayudar, prestamente encima del ca- ualgo, e diole otras dos carreras al re- dedor de la liça: e desque le ouo cor- rido, descendio del, y	91r a 92r

	embiole al bue(n) cauallero Diego de Baça(n): e Do(n) Iua(n) se fue alegre riendo en gran gasajado para donde Suero de Quiñones esta- ua, como si cosa ninguna le acaescie- ra. Dios por siempre sea loado, que ansi le ouo librado.”	
Episódio em que Pero Carnero não admite que seu companheiro Lope de la Torre tenha sido derrotado nas justas.	“Antes que Pedro Carnero salies- se de la liça se hizo quitar el almete y dixo en alta boz delantes de todos que si alguno dixesse que su compa- ñero Lope de la Torre y su cauallo auian sido derrocados por Pedro de Naua de vn encuentro, y auer Naua entonces quebrado en el su lança: que el se lo co(n)batiria al trance como falsamente dicho, vno por vno, o dos por dos, como quisiesse: e que traba- jaria su possible por alcançar licen- cia del rey, o q(ue) se fuessen a otro rey- no, y que el ayudaria para la costa a quien a la demanda saliesse: y co(n) esto se fue a su tienda. Bien podra ser que el buen Carnero aya cobrado brios para hazer este desafio, por auer paci- do al rauano: que si quedara vn poco jarretado holgara com su fuerte paci- fica: mas luego parecio Pedro de los Rio delante de los juezes y rey de armas y faraute diziendo delante to- dos los presentes que el combatiría a Pero Carnero a pie o a cauallo, ar- mado o desarmado al trance, como mas quisiesse, e le faria conoser, que Pedro de la Torre y su cauallo fuero(n) derrocados del encuentro que Pedro de Naua le diera: e que non fablaua en lo del quebrar de la lança, aunque se contenia en los capitulos del Passo que si alguno derribasse a otro del encuentro, le fuesse aquella lança co(n)- tada por rompida. Porende que el de- zia e firmaua que Lope de la Torre y su cauallo fueron derribados em tier- ra por la fuerça del encuentro de Pe- dro de Naua: y que para esto delibrar daua a escoger a Pero Carnero la ma- nera como determinar lo quisiesse, y ofrecio ayuda de costa a todos los q(ue) saliessen a la causa contra el, e requi- rio al Rey de armas y al faraute fue- sen luego com aquella razon a Pero Carnero, e le tornassen com la respue- sta, y el se fue a la tienda de Suero de Quiñones. Los juezes prudentes jun- tamente con Iuan de Merlo fizie- ron como este desafio no(n) procedies- se adelante, haziendo amigos a Car- nero y a Rios: aunque se declaro de llano que Lope de la Torre y su cauallo fueron derrocados del en- cuentro rezio de Pedro de Naua.”	97r a 98r
Enquanto seu adversário troca o cavalo, Pedro de los Rios não retira seu elmo.	“Sylua ma(n)do traher le otro cauallo, quitaadose el alme- te en el entre tanto, lo qual no hizo Rios: [...]”	105v
Após a morte de um cavaleiro durante as justas, não é permitido que o mesmo seja enterrado como cristão. E além	“[...] antes embio por su confessor el maestro fray Anton [...]” Info adicional: “El maestro le dixo que la sancta Ygle- sia no tiene por hijos a los q(ue) mueren em tales exercicios, porque no(n) se pue- de(n) fazer sin peccado mortal, nin rue- ga por ellos a Dios, como dexando los por condenados, de lo qual dispo- ne el Derecho Canonico en el titulo de los torneos: [...]”	114r

do trecho citar o nome do confessor de Suero de Quiñones, cita o Direito Canônico.		
Episódio em que Per Daviu se queixa de não ter recebido armamentos com a mesma qualidade que seu adversário.	<p>“Concluso lo di- cho, fueron a dezir a Suero de Qui- ñones que Mosen Per Dauio se que- xaua de le auer dado arnes menos fuerte y menos seguro quando justo com Suero de Quiñones, que los arne- ses de los caualleros q(ue) guardauan el passo, e que non faria otra vez armas con aquel arnes. Suero de Quiñones dixo como muy discreto quanto es- forçado, que non se curaua el de lo q(ue) cada qual quisiesse dezir, allende que no estaua a su cue(n)ta de mirar en esso, sino a la de los juezes que lo tenian jurado, para que fuessen armas igua- les entre los justadores. Pedro de los Rio que se hallo com Suero a esto le dixo que ya el non podia fazer mas armas por el tiempo que duraua la guarda del passo, por estar maltratado de las justas passadas, mas q(ue) fiaua en Dios de sanar presto: y que si le daua licencia, pornia la dema(n)da al Per Da- uio, si tal ouiesse dicho, y si em ellas se afirmasse, desafiarle a todo trance, y que el esperaua em Dios de alcançar victoria la verdad. Porque quan- do Per Dauio justara co(n) Suero, le pi- dio sus armas por mejores, e Suero se las dio, y el vistio arnes senzillo por no le q(ue)dar arnes de los otros co(n) q(ue) ju- staua(n), q(ue) bie(n) se viniesse, co(n) lo qual se pu- so en peligro. El mesurado y valie(n)te Suero d(e) Quiñones le rogo no(n) creyes- se auer dicho Per Dauio tales cosas, sie(n)do ta(n) bue(n) cauallero: e q(ue) si dicho lo ouiesse, se aue(n)turaua poco en ello, e q(ue) le rogaua q(ue) en burlas ni en veras en ello fablasse. Rios se alboroto co(n) esto mas q(ue) antes, y le rogo e importuno le diesse en todas maneras lice(n)cia pa- ra fazer el tal desafio: e Suero vie(n)dole ta(n) encendido le dixo q(ue) fiziesse como su grado fuesse, lo qual Rios le tuuo a gran merced. Entre muchos caualle- ros q(ue) comian co(n) Suero en la ho(n)rada sala era vno Mosen Per Dauio, y co- mo entro co(n) los otros a comer, Rios le pregunto ante todos si tal auia di- cho (segu(n) se dezia auerlo dicho a Gu- tierre Quixada) porq(ue) a todos co(n)staua del bue(n) tratamie(n)to q(ue) Suero de Qui- ñones fazia a todos los caualleros e ge(n)tiles homes q(ue) alli venia(n), y de la gra(n)- de igualdad y justicia q(ue) en las armas y en todo se guardaua: y q(ue) el folgaria q(ue) con me(n)tira se ouisse dicho del tal parleria, pues no(n) cabia en ta(n) bue(n) caua- llero como el. Mosen Per Dauio mo- stro su innoce(n)cia jurando muy de ve- ras q(ue) ni el tal dixera, ni cabia tal fala em los nobles caualleros q(ue) guardaua(n) el Passo honroso: y q(ue) el auia falado alli qua(n)to menester le fuera, e auia fa- llado igualdad e justicia, e que creya hazerse co(n) todos ansi: mas que lo q(ue) el dixo a Gutierre Quixada fue que non faria armas porq(ue) le diessen vna gran cosa, co(n) el</p>	114v a 116r

	almete que lleuo Cla- ramonte qua(n)do murio del desdicha- do encuentro, no por ser malo, sino por la desdicha que aquel cauallero com el ouo: e todos muy alegres con aquello co(n) gran gasajo se posaron a comer con mucho amor e amista(n)ça.”	
Relacionado com o trecho anterior, Gonzalo de Liori defende Suero de Quiñones sobre a questão das armaduras.	“En esta misma tarde parecio delante de los juezes Mosen Go(n)çalo de Liori Aragones, y noble cauallero ya de suso no(n)brado: e dixo las razones siguientes em su le(n)guage. Señores caualleros juezes del Honroso passo yo parezco ante vos a vos dezir como soe espedido del mult honorable cauallero Mosen Suero de Quiñones capita(n) mayor de famoso passo para me auar a mi tier- ra, si a nuestro señor plazera. E por quanto algunos maliciosamente me han dito que han parlato a velunta- riosamente sobre la muerte del hon- rado Esberte de Claramonte, claman- do e non con verdad, que le non fue- ron donadas armas de igualdad, segu(n) los capitulos de Mosen Suero d(e) Qui- ñones: lo qual sin falta, quien tal ha dito, o dira, lo aura parlado, o parlara plus con pujança de malecia, o con embidia por asear la veritad, e la no- belindad e gentileza del multo famo- so, honorable Mosen Suero de Qui- ñones, que porque veritad sea: poren- de señores yo ruego a los escriuanos de los ho(n)rables fechos de armas aqui recrescidos, que escriuiian que yo en nombre de nuestro Señor, e de la Se- ñora Virgen Maria su madre, e del se- ñor S. Iorge, que confiando veritad, e gra(n) igualdad que aqui a passado, digo de agora para entonce, e de entonce por agora, que al que tal razon dixe- re, o dira, que al trance, como el quer- ra, yo le combatire em que non dize veridade: e a vos señores plega de me perdonar, e onde quiera que yo sea, se- re muy presto do honor vuestro, e co(n) vuestra gracia, señores. Los nobles juezes oydas estas razones del fue(n) ca- uallero Mosen Gonçalo de Liori, ma(n)- daro(n) escriuirlas em la presente hysto- ria: e ofriciero(n)sele muy prestos en lo que fazer pudiessen por su plazer e honor.”	116v a 117v
Chegada do Conde de Haro e momentos de interação com os cavaleiros do Passo Honroso.	“Sabado siguiente de Agosto luego por la mañana llego al honro- so Passo el generoso cauallero do(n) Pe- dro de Velasco Conde de Haro que venia de Sanctiago: e luego como lle- go com assaz honorables caualleros e gentiles homes muy guarnidos, fue ver al honorable Suero de Quiño- nes capitan mayor del Passo, e fazer- le gran gasajado, ansi a el, como a to- dos sus nueue compañeros defenso- res del honrado Passo: los quales to- dos estauan feridos, o lisiados que ar- mas fazer non podian, saluo dos de- llos. E desq(ue) a Suero ouo fablado an- duuo e miro toda la liça, tiendas, y ar- mas, e qua(n)to en el Passo estaua: e desq(ue) bie(n) lo miro, oyo vna missa de(n)tro de la gran tie(n)da, e acabada sonaro(n) luego las trompetas llamando los caualle- ros a las justas, segu(n) costu(n)bre. Puestos los juezes en su cadafalso, y el Conde de Haro y los otros señores e caualle- ros en el cadafalso q(ue) para ellos estaua enfrente del de los juezes: [...]”	117v e 118r
Menção de um presente	“Estando en esto lle- go al passo honroso vn criado de do(n) Aluaro de Luna Condestable de Ca- stilla con fermoso y valiente	120r

enviado por Álvaro de Luna.	cauallo que el dicho Condestable embiaua a Suero de Quiñones, con el qual Sue- ro recibio gran contento.”	
Detalhes sobre um encontro que feriu um dos cavalos.	“Este era vn cauallo ruzio de Pero Sa(n)chez ayo de Lope de Estuñiga, el qual co- mo començaua a salir con el caualle- ro por la tela adelante daua vn relin- cho, y al encontrar daua otro, y otro tercero en llegando al fin de la liça.”	121r
Quando Lope de Estuñiga convoca alguns personagens para sugerir a Juan de Portugal que retire uma peça de armadura para realizar as justas.	“[...] e de mi Pero Rodriguez Delena indigno escriua- no del Rey nuestro señor, que a su ruego fuy llamado y apartado del honrado y discreto varon Iua(n) de Me- dina escriuano de camara del Rey Don Iuan, e secretario de Fernan Lo- pez de Aldana contador mayor del Rey de Castilla, el qual escriuano alli era venido para escreuir por las para- das que el Rey mando poner em San- cta Maria de Nieua, en Olmedo, y en Tordesillas, y en Villafruchos (Villa frechoso) y en Valencia de Don Iua(n), y en el lugar de la puente de Orbigo. Esto se ordeno para que los fechos q(ue) cada dia recresciessen en la guarda de- ste honroso Passo, su Alteza lo supies- se entre dia y noche cada dia en la ciudad de Segouia, en cuyos contor- nos andaua a caça. Pues digo que de- lante los ya nombrado en la dicha tienda y en apartado de otros Lope de Estuñiga encargo al Rey de ar- mas y al faraute dixessen de su parte [...]”	122r e 122v
Parentesco entre Lope de Estuñiga e Juan de Portugal	“[...] a su primo don Iuan [...]” / “[...] e Lo- pe de Estuñiga que como primo de Suero de Quiñones, ansi lo era de Don Iuan de Portugal [...]”	124r
Juan de Portugal embebeda seu cavalo para que entre na liça.	“[...] auiendole embeodado con vi- no, porque de outra manera no entra- ra en la liça [...]”	124v
Relato de como teriam-se encerrado as atividades do Passo Honroso e para onde rumaram os cavaleiros após o fim.	“Otro dia si- guiente y martes a diez de Agosto deste año de treynta y quatro, come(n) çante a aluorear, las trompetas e los otros menestriales dieron su musica muy alentado e regozijadamente, y leuantandose el noble capita(n) mayor Suero com sus nueue compañeros, y con los demas grandes señores y ca- ualleros que a ende se hallaron: las tiendas fueron arrancadas, y ellos par- tieron de alli, e fueronse a jantar, ce- nar, e dormir a la casa de Quiñones. Otro dia miercoles de mañana par- tieron de alli, e fueron a oyr missa al deuoto monastério de S. Maria de Carrizo, e dende alli fueron jantar a Montejos: e llegando a la ciudad de Leon, fueron recibidos muy honra- dame(n)te de todos los caualleros y per- sonas de estado que era(n) em la ciudad: y los metieron por la puerta que di- zen de Rua nueua, lleuando delante tocando sus trompetas e menestriales altos con los menestriales que de la ciudad se les juntaro(n) vestidos de nue- uo de la librea del buen capitan Sue- ro de Quiñones, y todos tocando a marauilla para mayor autoridad de la honrosa entrada. Lleuaron se cami- no por S. Isidro hasta nuestra Señora Sancta Maria de Regla, Yglesia ma- yor y Cathedral de la ciudad de Leo(n), y descaualgando todos fuera,	134v a 135v

	entraro(n) a fazer su oracion dela(n)te del altar ma- yor: e levantados de alli con el capi- tan Suero, dieron vna buelta em rede- dor del choro: e saliendo fuera torna- ron a se poner a cauallo, y retumban- do siempre las trompetas delante, ca- minaron a los palacios del discreto e famoso cauallero Diego Fernandez de Quiñones padre de Suero de Qui- ñones, que son en el barrio de Palaz de Rey: donde todos fueron muy bie(n) recebidos e seruidos de quanto les fue menester.”	
Relato final para onde se direcionou Suero de Quiñones, antes de encerrar a obra.	“El noble cauallero Suero de Qui- ñones con sus nueue compañeros y con otros muchos caualleros, e con los dos juezes del ho(n)roso Passo estu- uieron en Leon fasta celebrar la fie- sta de nuestra Señora de Agosto, e ay dio Suero de Quiñones assaz de jo- yas de plata y de ropas, y de otras co- sas de precio, ansi a los sus honora- bles nueue co(m)pañeros, como a otros ge(n)tiles homes, e al Rey de armas dio parte de su baxilla de plata, y tambie(n) al faraute, e trompetas, e menestriles: e fizo per pagar todos los armeros y otros officiales que en el Passo le sir- uieron, de manera que todos quedaro(n) del contentos. De Leon se partio pa- ra Laguna Villa del Paramo de Astor- ga donde estauan sus padre y madre Diego Ferna(n)dez de Quiñones y Do- ña Maria de Toledo. E desdeque alli e- stuuu hasta sanar de su ferida, fuese en romeria derecho a Compostela al Apostol Sanctiago: e como tornasse de alla, tomo el camino para Vallado- lid por fazer reuerencia al muy sa- bio e generoso, discreto señor Don Gutierre Obispo de Palencia su tio y hermano de su madre. Esta(n)do en Va- lladolid en el mes de Octubre siguie(n)- te Suero de Quiñones le fue dada vna carta por el rey de armas [...]”	137r a 138v

Anexo 2 – Relação dos índices de fim das narrativas do Grupo 1:

Cavaleiro	Lanças Rompidas			
	RBME f.II.19	RAH 9/213	BMP M-104	BNE R/1197
Arnaldo Alemán	3	3	3	2
Juan Fabla	2	2	2	3
Pero Fabla	3	3	3	3
Rodrigo de Zayas	3	3	3	3
Anton de Funes	3	3	3	3
Sancho Zapata	3	3	3	3
Fernando de Liñan	3	3	3	1
Fran(co) Muñoz	2	3	2	2
Gonçalo de Liori	3	3	3	4
Juan de Estamarin	3	3	-	3
Jufre Jardin	3	3	3	3
Francisco de Faces	3	3	-	3
Per Daviu	2	2	2	2
Frances Daviu	3	3	3	3
Velasco de Barrionuevo	3	3	3	3
Juan de Soto	3	3	3	3
Diego de Mansilla	3	3	3	1 ⁷⁷
Rodrigo de Olloa	3	3	3	3
Juan Freyre	3	3	3	3
Lope de Mendoza	3	3	3	3
Juan de Camoz	3	3	3	3
Bernal de Requesenes	3	3	3	3
Pedro de Vesga	4	3	4	3
Juan de Villalobos	4	4	4	3
Gonzalo de Castañeda	3	3	3	2
Alfonso Quijada	3	3	3	3
Bueso de Solis	3	3	3	3
Juan de Castellanos	3	3	3	3
Gutierre Quijada	3	3	3	3
Rodrigo Quijada	3	3	3	2
Garcí Osorio	3	3	3	3
Diego Zapata	3	3	3	3
Alfonso de Cabedo	3	3	3	3
Arnao de Novalles	3	3	3	3
Ordoño de Valencia	0	0	0	0
Rodrigo de Joara	3	2	2	2
Juan de Merlo	3	3	3	2
Alfonso de Deza	3	3	3	6
Galaor de Mosquera	3	3	3	3
Pero Bazquez de Castilblanco	3	3	3	3
Lope de la Torre	4	4	4	4
Martin de Almeida	3	3	3	3

⁷⁷ O número aparece ligeiramente borrado, dificultando a leitura.

Gonçalo de Leon	2	2	2	2
Juan de Soto	3	3	3	3
Juan Bazquez de Olivera	3	3	3	3
Pedro Linares	1	1	1	1
Anton de Deza	3	3	3	3
Juan de Carvallo	2	2	-	2
Pero Carnero	3	3	3	3
Pero de Torrezilla	0	0	0	0
Diego de San Roman	3	3 ⁷⁸	2	2
Pero Negrete	3	3	3	3
Alvaro Cubel	3	3	3	3
Pedro de Silva	3	3	3	3
Juan de Quintanilla	3	3	3	3
Gonçalo de Barros	2	3 ⁷⁹	2	2
Martin de Guzman	3	3	3	3
Riembau de Corvera	1	1	1	1
Françis De Valle	3	3	3	1
Esberte de Claramonte	3	3	3	1
Luis de Aversa	1	1	1	1
Pero Gil de Abreo	1	1	1	1
Arnal Bretón	2	2	2	2
Sancho de Ferrera	3	3	3	3
Alfonso Freijoo	1	1	1	-
Lope Ferrera	1	1	1	1
Frances Perobaste	0	0	1	0
Don Juan de Portugal	1	1	1	1
Fernando de Carrion	3	3	3	3

⁷⁸ Uma correção de outra mão registra o número 2.

⁷⁹ Uma correção de outra mão registra o número 2.